

UNIVERSIDADE DE S. PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

BOLETIM LXIV

HISTÓRIA
DA
CIVILIZAÇÃO ANTIGA E MEDIEVAL

N.º 5

PEDRO MOACYR CAMPOS. — Alguns aspectos da Germânia
antiga através dos autores clássicos.



S. PAULO — BRASIL

1 9 4 6

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

Reitor da Universidade de São Paulo:

Prof. Dr. Antonio de Almeida Prado

Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras:

Prof. Dr. André Dreyfus

Cadeira de História da Civilização Antiga e Medieval

Prof. Dr. E. Simões de Paula

Assistentes:

Dr. Eduardo d'Oliveira França

Dr. Pedro Moacyr Campos

*Tôda correspondência relativa ao presente Boletim deverá
ser dirigida à*

Cadeira de História da Civilização Antiga e Medieval
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

Caixa Postal 105-B — São Paulo — Brasil

***Alguns aspectos da Germânia antiga
através dos autores clássicos***

PEDRO MOACYR CAMPOS



*Alguns aspectos da Germânia antiga
através dos autores clássicos*



UNIVERSIDADE DE S. PAULO

**FACULDADE DE FILOSOFIA,
CIÊNCIAS E LETRAS**

SÃO PAULO

1946

O presente BOLETIM é a tese de doutoramento do assistente da Cadeira, Prof. Pedro Moacyr Campos, aprovada com distinção em 1945. O trabalho tem um grande valor, pois pode ser considerado como introdução aos estudos históricos, mostrando como os textos podem ser diretamente aproveitados para dêles se extrair interpretações inteiramente novas, principalmente entre nós, onde o estudo de civilização antiga tem sido tão descurado. Além do mais, até hoje não foi feito um trabalho comparativo, como a tese em apreço, dedicada de maneira especial à GERMÂNIA de Tácito e o BELLUM GALLICUM de César, ou, pelo menos, disso não temos notícia.

E. SIMÕES DE PAULA.

PREÂMBULO

Ao aceitarmos como assunto de nossa tese de doutorado o estudo dos germanos primitivos através dos autores clássicos, não ignorávamos as dificuldades que se nos deparariam no decorrer da nossa pesquisa: a bibliografia referente à matéria é totalmente européia, e a interrupção das relações comerciais com a Europa, decorrente da guerra, não nos permitiria a consulta de obras de grande valor, como as de L. Schmidt, E. Norden, O. Bremer, Koepp, Schumacher, Kossina, etc.; por outro lado, como a questão por nós escolhida é quase totalmente negligenciada no nosso meio, as bibliotecas públicas muito pouco oferecem de que nos pudéssemos valer. A própria obra de H. Paul, GRUNDRISS DER GERMANISCHEN PHILOGIE, tivemos a boa sorte de encontrá-la, mas na sua primeira edição e, portanto, não incluindo ainda a parte de Etnografia, — da autoria de O. Bremer, — e que era a que mais nos interessava. Recorrendo a bibliotecas particulares, por felicidade, encontramos intelectuais de boa vontade, — aos quais aproveitamos a oportunidade para agradecer, — e que nos franquearam tôdas as obras que por acaso nos interessassem. E assim, graças a esta boa vontade, pudemos levar a cabo, — de maneira bem modesta, é verdade, — a tarefa que nos havíamos proposto. Ainda a deficiência bibliográfica nos obrigou a lançar mão de obras já consideradas antiquadas, como por ex., a de Geffroy, ROME ET LES BARBARES.

Lutando com tôdas estas dificuldades, procuramos então dedicar o máximo de nossa atenção ao método a seguir no decorrer do trabalho, esforço êste que, — pelo menos nas condições do momento, — constituiu, a nosso ver, o elemento principal de uma tese da nossa cadeira. Assim, iniciaremos por uma introdução, onde se tratará da questão do comércio do âmbar, importante para o estudo dos primeiros contactos entre os mediterrâneos e os povos germânicos; passaremos ao nome GERMANOS, procurando expor as principais hipóteses concernentes à sua interpretação; os povos germânicos,

tais como se encontram mencionados nas obras clássicas, constituirão o objeto dos capítulos II e III; o capítulo IV será dedicado à observação das principais bases fornecidas pelos autores latinos para o estudo da sociedade germânica; o V capítulo tratará ligeiramente de uma espécie de questão suplementar, tal como seja a que diz respeito às relações celto-germânicas; passaremos, enfim, às conclusões do nosso trabalho.

INTRODUÇÃO

PÍTEAS DE MARSELHA E A ROTA DO ÂMBAR

Conforme nos diz M. Cary, “há uma grande diferença entre os objetivos dos exploradores antigos e os dos exploradores modernos. Estes foram, quase sempre, idealistas, enquanto que os seus predecessores procuravam resultados quase que exclusivamente materiais”(1), e eram, — podemos mesmo dizer, — “puramente comerciantes, materialistas e utilitários”. De fato, todos os grandes exploradores da Antiguidade, — fôssem eles gregos ou fenícios, — tinham sempre em mira finalidades exclusivamente comerciais, materiais por excelência, tais como, por exemplo, a busca do estanho e do âmbar.

Êstes dois artigos, — principalmente o último, — apresentam para o nosso estudo um grande interêsse, porquanto “estanho e âmbar permitiram ao mundo mediterrâneo antigo os primeiros contactos com os hiperbóreos”.(2)

O estanho era muito procurado pelos antigos por ser necessário à fabricação do bronze, e para obtê-lo, iam os fenícios e, — mais tarde, — os gregos de Marselha, buscá-lo nas costas dos mares do Norte, mormente na Grã-Bretanha.

Quanto ao âmbar, era êle muito apreciado pela Antiguidade, como matéria preciosa utilizada na feitura de jóias e de enfeites em geral. Ao contrário do que se verifica com o estanho, o âmbar não tinha finalidade alguma de ordem prática, conforme bem o acentuou Plínio-o-Antigo: “Quanto ao succino, o próprio luxo não pôde ainda imaginar para êle qualquer justificativa”.(3)

Contudo, apesar desta inutilidade prática, era o âmbar objeto de intenso comércio, conhecido já pelos próprios fenícios.(4) Assim,

(1) M. Cary e E. Warmington, *Les explorateurs de l'Antiquité*, p. 9.

(2) Karl Lamprecht, *Deutsche Geschichte*, 1.º vol. pág. 59.

(3) *Naturalis Historia*, XXXVII, 10; mais adiante, no mesmo livro, cap. 12, diz ainda Plínio: “...no succino, nada agrada, a não ser o sentimento do luxo”.

(4) G. Maspero, *Histoire ancienne des peuples de l'Orient*, pág. 294.

em tempos anteriores a Homero, mercadores pertencentes a êste povo já falavam de um certo rio, em cuja corrente boiavam pedaços de árvore que tinham a ardência do próprio sol, motivo pelo qual denominavam-nos "pedras de sol". Homero, na *Odisséia*, (XV, 460), menciona também o âmbar (do mesmo modo que Hesíodo), aplicando-lhe o nome de *electron*, ao que se supõe, pela primeira vez; (5) de acôrdo com Plínio-o-Antigo, tal nome seria dado ao âmbar derivando-se de *Elector*, uma das designações do sol na Antiguidade. (6) Entretanto, "que entendiam por *ήλεκτρον*, *ήλεκτροισι*, o autor da *Odisséia* e Hesíodo? — É esta uma questão sôbre a qual os eruditos ainda não entraram em acôrdo e que não parece suscetível de uma solução certa, porque os textos não permitem determinar o que era o *electron* de Homero e de Hesíodo. Era seguramente u'a matéria preciosa de um brilho muito vivo, visto que é comparável ao do ouro, ao da prata e ao do marfim. A maior parte dos críticos e comentaristas de Homero é propensa a crer que o poeta designou por êste têrmo uma pedra preciosa. Uma tradição presume se trate da substância que Telêmaco admirava nas muralhas do palácio de Menelau; uma outra, mais recente, identifica o *electron* com o vidro (*υκλος*); interpretações modernas opinam pelo esmalte. Mas, na falta de provas, nada impede que o bom senso admita incrustações de âmbar ao lado das de marfim, no palácio do rei de Esparta, desde que os colares, dos quais se fala em dois trechos do mesmo poema, são geralmente considerados como compostos de ouro e de pérolas ou grãos de âmbar". (7)

Em Heródoto, (III, 115), lemos que o *electron* era proveniente de um rio que se lançava no mar do Norte, e a que os bárbaros chamavam Eridano. A êste rio ligou-se a lenda segundo a qual o âmbar seria originário das lágrimas das irmãs de Faetonte, conforme se lê em Diodoro da Sicília (8) e em Plínio-o-Antigo. (9) Surgiria aqui a questão de se elucidar perfeitamente que rio seria êste *Eri-*

(5) G. Dottin, *Les anciens peuples de l'Europe*, pág. 39.

(6) *Naturalis Historia*, XXXVIII, 10.

(7) Ch. Daremberg e E. Saglio, *Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines*, tomo II, art. *Electrum*, pág. 532.

(8) *Biblioteca Histórica*, V, 23: "Muitos poetas e historiadores dizem que Faetonte, filho do sol, sendo ainda criança, pediu a seu pai que lhe confiasse durante um dia a direção de sua quadriga. Tendo obtido a permissão, Faetonte subiu para o carro; mas os cavalos sentiram que estavam sendo conduzidos por um menino que não podia ainda manejar as bridas, e saíram do caminho habitual. Errando a princípio pelo céu, eles o abrazaram, e lá deixaram êste círculo que se chama a Via-Láctea. Eles incendiaram em seguida uma grande parte da Terra, e queimaram uma vasta região, quando Júpiter, irritado, fulminou Faetonte e recolocou o Sol na sua via costumeira. Faetonte caiu na embocadura do Pó, outrora chamado Eridano. Suas irmãs choraram amargamente a sua morte; sua dor foi tão profunda que elas mudaram de natureza e se metamorfosearam em álamos. Estas árvores deixam

dano. Para Plínio e para Diodoro, tratar-se-ia do Pó, e Plínio, pondo em dúvida a veracidade da origem lendária do âmbar, impugna também a asserção de que algum outro curso d'água pudesse corresponder ao Eridano: "Outros, menos exatos, disseram que no mar Adriático estavam as ilhas Eléctridas, para onde o Pó carregava o succino. Mas é certo que não houve jamais ilhas como este nome nestas paragens, e que nesta costa não ha nenhuma outra ilha a que as águas do Pó possam ter levado qualquer cousa. Quanto a Êsquilu, colocando o Eridano na Ibéria, isto é, na Espanha, dando-lhe o nome de Ródano; quanto a Eurípedes e a Apolônio, fazendo chegar por uma embocadura comum no Adriático o Ródano e o Pó, serão perdoados mais facilmente, — sendo elles, como eram, tão ignorantes da geografia, — ignorando também a proveniência do succino".(10)

Entretanto, si o Eridano, — de acôrdo com a opinião de Plínio, — correspondia indubitavelmente ao Pó, como se explicaria que Heródoto, por exemplo, afirmasse que o referido rio se lançava no mar do Norte? — Possivelmente Heródoto pretendia referir-se ao Adriático, que fica a noroeste em relação à Grécia; mas, por outro lado, como conciliar esta asserção com a outra, relativa à ilha onde o âmbar devia existir em abundância, uma vez que ela não se poderia localizar na embocadura do Pó? — Esclarece-se a questão de maneira bastante plausível, conforme nos diz G. Dottin: "a confusão com a embocadura do Pó se explica pela identidade de nome dos dois Eridanos, dos quais um corria na região dos vênnetos do Adriático e o outro não longe dos vênnetos da Germânia, o mesmo se verificando quanto à localização da lenda do âmbar entre os lígures.

"Cicnos, — reis dos lígures, — é, com efeito, parente de Faetonte (Higino, 154; Pausânias, I, 30, 3; Ovídio, "Metamorfoses", II, I, 380; Virgílio, "Eneida", X, 185-194). Mas, antigamente, os lígures ocupavam as costas do mar do Norte, d'onde foram expulsos pelos celtas; em consequência, encontramos mais tarde a lenda das irmãs de Faetonte difundida entre os celtas (Paus., I, 3, 6; Apol., IV, 603-613)".(11)

Assim sendo, afirma-se sempre a costa norte da Europa como o principal ponto de origem do âmbar para o mundo mediterrâneo.

anualmente, na mesma época, correr lágrimas. Ora, estas lágrimas, solidificadas, constituem o *electrum*, que sobrepuja em brilho aos outros produtos do mesmo gênero".

(9) *Naturalis Historia*, XXXVII, 10: "Aqui há ocasião de revelar as mentiras dos gregos: que o leitor tenha alguma paciência e nos deixe expor o que elles narraram de maravilhoso; isto interessa também à nossa instrução. Faetonte tendo sido fulminado, suas irmãs choraram tanto que foram transformadas em álamos; e todos os anos suas lágrimas produzem o *electrum*, nas margens do Eridano, que chamamos de Pó".

(10) *Naturalis Historia*, XXXVII, 10.

(11) G. Dottin, *op. cit.*, págs. 39-40.

Assente este primeiro ponto, vejamos a questão do local onde especialmente era recolhido o âmbar.

Notamos, na comparação dos textos de Diodoro e de Plínio, que ambos os autores falam de uma ilha, onde o âmbar era lançado pelas ondas do mar. O primeiro diz que “em face da Cítia e acima da Gália está uma ilha chamada Basiléia. É nesta ilha que as ondas do mar atiram em abundância o que se chama *Electrum*”.⁽¹²⁾ E na *Naturalis Historia*, (XXXVII, 10), Plínio escreve que “a um dia de viagem das margens do Meutonomon está a ilha de Abalus, onde as águas lançam o succino na primavera”, e que “Timeu admitiu esta opinião, mas chamou à ilha Basiléia”.

Desta maneira, tanto a ilha de Abalus como a de Basiléia seriam uma e a mesma cousa. Todavia, quem teria sido o primeiro a nos dar notícia da existência de tal ilha? — De um modo tão seguro quanto os documentos nô-lo permitem afirmar, podemos concluir que tal primazia cabe a um navegador grego de Marselha, Píteas, que teria partido de sua cidade natal em busca das regiões onde se encontravam o estanho e o âmbar. É esta viagem de grande importância para o assunto que ora abordamos, pois que foi no seu decorrer que os gregos tiveram, pela primeira vez, contato direto com os germanos. Píteas teria feito a narrativa de sua expedição, mas de seus escritos só nos restam pequenos fragmentos, que chegaram até nossos dias por intermédio de Estrabão e do já citado Plínio-o-Antigo.

Sabemos, porém, que Píteas era um erudito burguês da cidade de Marselha, que na época do apogeu de sua pátria, por volta de 300 a.C.,⁽¹³⁾ resolveu êle próprio ir às famosas terras do âmbar e do estanho. Interessante é notar-se que, além de sua finalidade principal, de ordem inteiramente prática, Píteas era também levado por interesses de ordem científica, concernentes às dimensões e à forma da Terra, voltando ainda as suas cogitações para o estudo do fenômeno das marés. O seu valor não foi, apesar de tudo, reconhecido pelos antigos, visto que Políbio e Estrabão não quiseram admitir como verdadeiras, na sua maior parte, as afirmações e as descobertas de Píteas; Erastóstenes, ao contrário, fez justiça ao marselhês, no qual foi seguido pelos modernos, que encaram “os fragmentos de Píteas como os textos mais preciosos entre os que foram conservados a respeito da geografia da Europa Ocidental no IV século a.C.”.⁽¹⁴⁾

Tendo atravessado as colunas de Hércules, atingiu o navegador a cidade de Gades, — hoje Cadix, — partindo daí para velejar ao

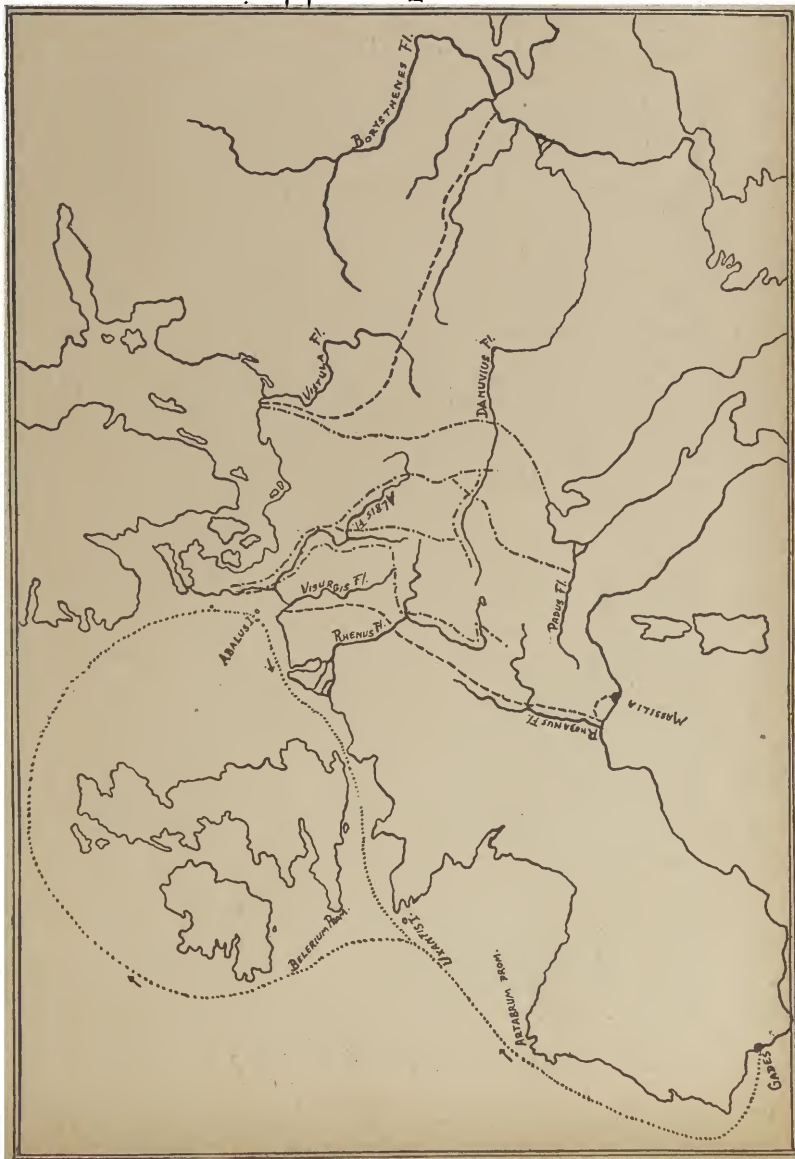
(12) *Biblioteca Histórica*, V, XXIII.

(13) De acôrdo com M. Cary, “suas viagens tiveram lugar entre 322 e 285 a.C.. Foi por volta de 310-306 que êle deveria ter forçado o bloqueio do estreito, porque nesta época os cartagineses estavam absorvidos na defesa de sua própria cidade contra os siracusanos”. (*op. cit.*, pág. 52).

(14) G. Dottin, *op. cit.*, pág. 247.

.....-Relevo de Pálias (segundo K. Meule)
 ---Rota do Ambar
 - - - - -Rota pré-histórica do Ambar através da Europa Central (segundo J.V. Gregory).

ESCALA: 1:20.000.000



longo das costas da Espanha e da Gália; contornou em seguida a Grã-Bretanha, chegou à longínqua e discutidíssima Tule e voltou para o sul, provavelmente para o mesmo ponto d'onde partira para contornar a Inglaterra. Navegando então ao longo da costa continental do canal da Mancha e do mar do Norte, teria ido o navegador marselhês, — segundo Estrabão, — “para lá do Reno até a Cítia” e “até o rio Tanais”.(15)

Nesta última parte de sua viagem é que Píteas teria chegado a “uma região chamada Baunônia, no grande estuário do Metuonis. Lá moravam os supostos teutões”.(16) É, aliás, o que nos diz Plínio: “Píteas narra que os gutões, nação germânica, habitam em um espaço de 6.000 estádios às margens do Meutoromon (chama-se assim um baixio do Oceano);(17) notamos apenas a diferença entre a fonte de Plínio, onde se lê *gutões*, e o texto do intérprete, que se refere a *teutões*. Veremos, adiante, a razão desta diferença. Em frente a esta costa o marselhês teria encontrado uma ilha, distante dela um dia de viagem,(18) — a ilha de Abalus, ou de Basiléia, cuja importância residia em que, pela primavera, o mar lançava em suas praias grande quantidade de âmbar, de tal modo que “os habitantes dêle se servem, como se se tratasse de madeira”,(19) como combustível.

Três são as principais questões que se nos apresentam num comentário ao citado roteiro de Píteas de Marselha:

- 1 — A explicação a respeito do rio Tanais.
- 2 — A questão dos povos gutões.
- 3 — Ver a que ilha atual correspondem os nomes Abalus, Basiléia, etc.

Tanais era o nome pelo qual, na Antiguidade, se designava o rio Don. Ora, evidentemente, não era possível encontrar-se a embocadura do Don na costa norte da Europa. Como explicar então o emprêgo do nome Tanais por Píteas, não obstante devesse haver nos seus escritos um mixto de ficção e de realidade, o que, — aliás, — não é raro entre os autores da Antiguidade?

Poder-se-ia, em primeiro lugar, supor que tivesse havido confusão entre o Don e o Vístula, ao qual o explorador teria aplicado a

(15) Apud M. Cary, *op. cit.*, pág. 57.

(16) Lamprecht, *op. cit.*, pág. 60.

(17) *Naturalis Historia*, XXXVII, 10.

(18) *Naturalis Historia*, XXXVII, 10 e IV, 27, onde se lê ilha Raunônia, outra designação para o mesmo acidente geográfico. Quanto ao que se lê no livro IV, 27, 5 (“Segundo Xenofonte de Lampsaca, uma navegação de três dias conduz da costa da Cítia a uma ilha de tamanho imenso, Báltia; Píteas a chama de Basilla), deve tratar-se de uma confusão de Plínio, uma vez que Báltia era o nome então aplicado à Escandinávia.

(19) *Naturalis Historia*, XXXVII, 10

mesma denominação de Tanais. Mas, neste caso, Píteas deveria ter entrado pelo mar Báltico e, — para tanto, — atravessado os estreitos dinamarqueses. Como se compreenderia, dada esta hipótese, que acidentes geográficos tão dignos de nota, como êstes estreitos, não tivessem merecido sequer a mais leve referência nos relatos da viagem do marselhês? — Afasta-se, portanto, esta primeira afirmativa, por se nos afigurar de difícil sustentação. Johannes Scherr também combate categoricamente esta hipótese, como se poderá ver pelo seguinte trecho: “Não é verdade, como se tinha falsamente opinado, que Píteas tivesse penetrado até a terra do âmbar, a península prussiana oriental da Samlândia”.⁽²⁰⁾

M. Cary⁽²¹⁾ é de opinião que “não devemos atribuir grande importância à menção do Tanais, que aparece n’uma observação humorística de Políbio, dizendo que “Píteas viajou ao longo da Europa, de Gades ao Tanais”. Isto, certamente, não passa de mera expressão metafórica, tão vaga quanto ao dizer-se “da China ao Perú”.

Por outro lado, já Camille Jullian⁽²²⁾ aventa uma outra hipótese, bastante plausível: a de que a confusão de Píteas fôsse resultante das próprias confusões geográficas da época, que admitiam rios com dupla embocadura, como que cercando a superfície da Terra; leve-se ainda em conta, que o Tanais pode ser considerado como o mesmo “rio Oceano” da Antiguidade. Em vista disto, ao navegante poderia ter ocorrido a idéia de que na costa norte da Europa, pudesse ter a sua segunda embocadura o mesmo Tanais que desembocava no mar Negro. Talvez, além disso, o fato de Píteas encontrar o âmbar na costa do mar do Norte o tivesse levado à certeza de que se tratava do Tanais; isto porque no litoral do mar Negro ia dar uma das rotas do âmbar, passando pelo Vístula e pelo Dniester. Ora, como o Tanais desembocava no mar Negro, tornava-se possível a confusão de Píteas.

Dada a impossibilidade de se tratar do Don, e afastada a suposição da entrada do navegante marselhês pelo mar Báltico a dentro, restam-nos dois rios a considerar: o Reno e o Elba.

De todos os autores consultados, apenas um, — o respeitável W. Scherer, — opta pelo Reno, dizendo textualmente o seguinte: “No tempo em que Alexandre-o-Grande abria a Índia à ciência grega, um erudito grego, Píteas de Marselha, partindo de sua cidade natal, através do estreito de Gibraltar, navegou ao longo da costa ocidental de Espanha e da França, contornou a Bretanha e descobriu

(20) Johannes Scherr, *Germania*, pág. 2.

(21) M. Cary, *op. cit.*, pág. 58.

(22) C. Jullian, *Histoire de la Gaule*, 1.º vol. pág. 422, nota 1.

na embocadura do Reno os teutões".(23)

Ora, não era nas praias da embocadura do Reno, mas nas do Elba, que o mar lançava grande quantidade de âmbar na primavera. O Elba é, assim, reconhecido pela maioria dos historiadores como correspondendo ao *Æstuarium Oceani Metuopidis*, que encontramos mencionado em Plínio. Importantíssima é para nós a solução exata desta questão, porque lá, justamente na embocadura daquele rio, foram encontrados por Piteas povos que, de acôrdo com tôdas as indicações, já eram germanos.

Plínio-o-Antigo dá a êstes povos a denominação de "gutões" e "teutões", como dois ramos diversos, visto que, após dizer que os primeiros recolhiam o âmbar e o utilizavam como combustível, continua dizendo que eles vendiam-no também aos "teutões, seus vizinhos". Os diversos autores não tratam, todavia, dêste particular e, considerando-os como se fôssem apenas um mesmo povo, divergem sôbre a denominação que lhe devia ser aplicada. A êste respeito é bastante interessante o seguinte trecho, que encontramos em Camille Jullian: "Zeuss aceita a primeira designação, porque êle a liga aos gôdos, situados na Samlândia; Müllenhoff prefere a segunda, vendo nestes povos os teutões da península cimbria. A escolha de guiões ou de gutões (cf. Tácito, *Germânia*, II, com *Ingaevones*; *Inguiomerus*, *Anais*, I, 60), me parece preferível, porque a palavra se encontra nas duas passagens em que se trata de Piteas, e prende-se a êste nome".(24) Invoca-se, entretanto, um argumento em favor do ponto de vista de Müllenhoff: o nome de gutões, ou mesmo guiões, prende-se a gôdos, e êstes, na época em que Piteas realizou a sua viagem, deveriam estar ainda localizados na região da Samlândia, em pleno Báltico, portanto. Ora, se Piteas não entrou por êste mar a dentro, não poderia também ter travado contato com os povos que habitavam nas suas margens. Concluiríamos, nestas circunstâncias, que "aqui, bem na costa ocidental do Schleswig-Holstein, encontrou Piteas de Marselha, contemporâneo de Alexandre Magno, os gôdos, ou, — de acôrdo com as últimas pesquisas, — os teutões".(25)

Todavia, Camille Jullian, continuando o trecho que acima transcrevemos, é de opinião que não se poderia tirar grandes conclusões tomando por base um ou outro nome, isto "porque todos dois podem ser célticos, belgas ou germânicos, e nada prova que êste agrupamento ou esta tribo, após se ter chamado gutões, não passasse a se chamar belgas, teutões ou cimbro".

(23) W. Scherer, *Geschichte der Deutschen Literatur*, pág. 17.

(24) C. Jullian, *Histoire de la Gaule*, vol. I, pág. 421, nota 3.

(25) *Weltgeschichte*, herausgegeben von Dr. J. von Pflug-Hartung, vol. intitulado *Mittelalter*, pág. 5.

Poder-se-ia pensar, pela leitura destas linhas, que Camille Julian duvidasse que Píteas tivesse encontrado populações germânicas, opinando simplesmente pelos celtas, visto que admite a possibilidade de que os gutões fossem belgas. Muda-se, contudo, de opinião, examinando-se uma nota da mesma *Histoire de la Gaule*:⁽²⁶⁾ “Píteas faz terminar a Céltica no Elba, e aí faz principiar a Cítia (Estrabão, I, 4, 3; cap. X, § 6): e eu não estou convencido de que êstes têrmos tenham sido para êle, que era um bom observador, puramente convencionaes, e que êle não tivesse verificado ou sabido da existência de hábitos ou de uma língua diferentes. É sem dúvida a Píteas, e aos geógrafos gregos seus contemporâneos, que é devida a denominação “antiga” de “celtocitas” (Estrabão, I, 2, 27; XI, 6, 2; Plutarco, *Marius*, 11): êles designavam dêste modo os povos do norte e do poente. É então provável que se trate dos povos da região do Elba, e não seria impossível que os navegadores tivessem, com efeito, notado entre êstes povos u'a mistura ou um contato de duas populações diferentes”.

Inferre-se claramente dêste texto, que o grande pesquisador da história da Gália entrevê a hipótese de Píteas ter travado contato com “duas populações diferentes”: uma, celta; e outra, — certamente, — germana.

M. Cary pouco trata do assunto, ao qual dedica apenas algumas linhas: “...os melhores manuscritos de Plínio dizem *Guionibus* e não *Gutonibus*, e isto deve-se interpretar provavelmente *Inguaeomibus*, o que corresponde a um grupo de povos que viviam na parte noroeste da Germânia”.⁽²⁷⁾

Nestas poucas linhas, porém, Cary diz nitidamente que se tratava de povos que viviam “a noroeste da Germânia”. Ora, como em relação ao período de que tratamos não se pode compreender a palavra “Germânia” sinão como região povoada pelos germanos, conclui-se que o autor em questão inclina-se a vêr como germanos os povos encontrados por Píteas. E um dos mais acatados historiadores alemães, — Karl Lamprecht, — não põe dúvida alguma quanto a esta asserção, indo mesmo ao extremo, um tanto ousado, de empregar o têrmo “alemão” para uma era tão remota: “uma descrição clara e simples: a praia do mar do Norte, as bocas do Weser e do Elba, e com isto o povo alemão, estavam descobertos”.⁽²⁸⁾

Numa conclusão geral, podemos então afirmar que, — de fato, — Píteas foi o primeiro explorador da Antiguidade greco-romana que entrou em contato com os germanos. É verdade que havia na época certas lendas, das quais nos dá notícia Tácito, e que contavam

(26) Vol. I, pág. 243, nota 1.

(27) *Op. cit.*, pág. 58.

(28) *Op. cit.*, pág. 61.

que “no decorrer de suas longas e fabulosas viagens, Ulisses, arrastado até o Oceano setentrional, aportou às terras da Germânia”. Com respeito a êstes mitos, podemos também concluir com o próprio Tácito: “Não está na minha idéia apoiar estas asserções por meio de raciocínios e combatê-las; cada um, segundo suas próprias luzes, pode rejeitá-las ou dar-lhes fé”.(29)

Por fim, há ainda a considerar a terceira questão suscitada pelo comentário do roteiro de Píteas: a localização da ilha de Abalus. Tal problema acha-se estreitamente ligado ao de se saber qual o rio designado pelo marselhês sob o nome de Tanais; uma vez que concluimos pelo Elba, a ilha de Abalus só pode ser a de Heligoland, que fica bem em frente ao estuário do citado rio. A grande importância desta ilha era devida ao fato de que ela desempenhava papel semelhante a um verdadeiro centro do comércio do âmbar; é o que podemos verificar pela leitura de um pequeno trecho de Diodoro da Sicília: “O *electrum* se recolhe então na ilha de Basiléia, e os habitantes o transportam para o continente que lhe faz frente; daí é êle enviado para as nossas regiões, como nós o dissemos”.(30) Isto significa que os germanos recolhiam o âmbar, vendiam-no aos gauleses, e êstes por sua vez, passavam-no aos gregos de Marselha pelo vale do Ródano. Desta maneira, entrava a pátria de Píteas em relações comerciais indiretas com os germanos.(31)

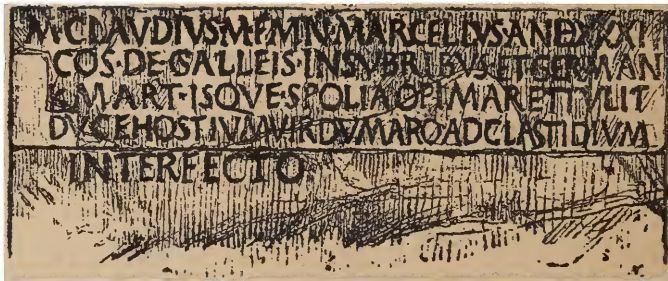
Assim, como demonstramos, foi por intermédio do ousado navegante que a Antiguidade mediterrânea travou os primeiros contatos com a Germânia e seus habitantes, dos quais, antes dêle, a ignorância era tão grande que permitia a Heródoto dizer que “as regiões situadas para lá do Ister são repletas de abelhas, que impedem de se penetrar mais para diante”.(32)

(29) *Germânia*, III.

(30) *Biblioteca Histórica*, V, 23.

(31) Conforme nos mostra o mapa anexo, mais três rotas comerciais do âmbar atravessaram a Europa Central na pré-história. (J. W. Gregory). Havia ainda outra rota do âmbar, ligando o mundo mediterrâneo aos mares do Norte: era a que ia da Samlândia, pelo Vístula e pelo Dniester até o sul, no Danúbio e, principalmente, na colônia grega de Ólbia, no mar Negro. Esta rota é, entretanto, conhecida apenas pela lenda e pela arqueologia, de modo bastante obscuro.

(32) Apud E. Pittard, *Les Races et l'Histoire*, pág. 194.



Reprodução do fragmento dos Fastos Triunfais Capitolinos, no qual aparece gravado o nome "GERMANI"

CAPÍTULO I

DO NOME GERMANOS

Os primeiros gregos que tiveram contato com os germanos, como Píteas de Marselha e Poseidônio de Apaméia (apr. 90 a.C.), podiam julgá-los ainda iguais aos citas ou, pelo menos, aproximá-los destes. Assim se explica que, de acôrdo com o que se lê em Plínio-o-Antigo, “o nome de citas estendeu-se a todos os sármatas e a todos os germanos; mas esta antiga denominação não permaneceu senão para os que, situados para além de tôdas estas populações, vivem quase ignorados do resto dos mortais”.⁽¹⁾

Dêste modo, se a primeira denominação dos germanos foi a de *citas*, quando teria surgido o nome pelo qual os conheciam os romanos da época de César e de Tácito?

A êste respeito torna-se interessante a transcrição da seguinte inscrição romana:

M. Claudius M(arci) F(ilius) M(arci) N(epos) Marcellus
An(no) DXXXI

Co(n)s(ul) De Galleis Insubribus et German(is)
K(alendas) Mart(ii). Isque Spolia Opima Rettulit
(Du)ce Hostium Virдумaro Ad Clastidium
(Interfecto).⁽²⁾

Tal é a inscrição encontrada entre os restos dos Fastos Capitolinos romanos, e na qual aparece, — ao que se acreditava, — pela primeira vez, o nome *germanos*.

A autenticidade desta inscrição é, contudo, discutida, pensando-se hoje em dia que “êste nome dos germanos é provávelmente uma glosa erudita do escriba que redigiu, no tempo de Augusto, os Fastos gravados sôbre os muros da Regia: êle considerava os gesates⁽³⁾, talvez com razão, como belgas, e sabia que uma tribo belga dos países

(1) *Naturalis Historia*, IV, 25, 2.

(2) Extraído da *Deutsche Geschichte*, de L. Stacke, 1.º vol., pág. 4. De grande interêsse para êste assunto é a obra de E. Pais, *Fasti Triumphales populi Romani*, Roma (Nardecchia), 1920. Não conseguimos, porém, encontrá-la.

(3) André Piganiol, *La conquête Romaine*, págs. 166-167.

renanos passava por ter tido o nome de *germanos*.⁽⁴⁾ Segundo o mesmo autor de quem extraímos o trecho precedente, os “Fastos Triunfais gravados no princípio do Império sobre os muros da Régia, dão o nome de germanos aos celtas, — provavelmente do ramo belga, — que foram vencidos pelos romanos no fim do terceiro século”.⁽⁵⁾ Isto porque, ainda citando Piganiol, “é então, parece”, — (na época da invasão dos cimbrós e teutões) — “que o nome dos germanos aparece na História, para designar uma tribo, — talvez céltica, talvez germânica, — que se instalou na Bélgica, na região de Liège. Os celtas estenderam o nome desta temível tribo aos bárbaros trans-renanos; e os romanos conheceram-no e adotaram-no por volta do princípio do primeiro século a.C.” Camille Jullian também trata do assunto, revelando-se mesmo mais explícito quanto à aplicação do nome germanos aos gesates: “São belgas, com efeito, as populações de *semigermani* do Valais ou do vale superior do Ródano (e da Suíça e das regiões do Saône, do Doubs e do Reno), donde os cisalpinos fizeram vir os mercenários chamados *gesates* (Políbio, II, 21-34; Flório, I, 20 e II, 4; Propércio, V, 10, 40; Tito-Lívio, XXI, 38, 8; cf. Tourneur, *Le musée Belge*, VI, 1902, p. 178-189). Em lugar de *semigermani*, o redator dos Fastos Capitolinos (no ano 532 = 222, C. I. L, I, p. 458), adotará a expressão *germani*; uma e outra, aliás, são anacrônismos, mas que designam uma verdade: belgas, gesates, galatas do Valais, são, — com efeito, — uma população intermediária entre celtas e germanos. Estes gesates aparecem a partir de 236”.⁽⁶⁾

Quanto aos autores que primeiramente empregaram este nome, na literatura, foram êles Salústio, nas *Histórias*, III, 77, — e César, — no seu *Bellum Gallicum*. Camille Jullian é mesmo de opinião que “o nome *germani*, seguramente, não aparece antes de César”.⁽⁷⁾ Nestas circunstâncias, não reconhece este historiador a autenticidade da inscrição dos Fastos Triunfais.

Conforme vimos acima, afirma-se sempre a origem céltica do nome germanos, e, na Antiguidade, Estrabão chegou mesmo a interpretá-lo como “puros gauleses”; ainda a este respeito, merece ser citado C. Jullian: “Os romanos chamaram assim os germanos, *germani*, — diz Estrabão, VII, 1, 2, — querendo significar com isto que êles eram “puros gauleses”, *ὡς ἂν γνησίους Γαλάτας* (bem entendido, feitas tôdas as reservas acerca desta etimologia, cf. Hirschfeld, *Kiepert-Festschrift*, 1898, pág. 266); o mesmo Estrabão, (IV, 4, 2),

(4) O nome *gesates* é derivado de *gaesa*, pesadíssima arma de arremesso. Não se trataria propriamente de um povo, mas de u'a milícia mercenária que habitava nas margens do Reno.

(5) A. Piganiol, *op. cit.*, pág. 282.

(6) C. Jullian, *op. cit.*, I, pág. 315, nota 6.

(7) *Histoire de la Gaule*, I, pág. 51, nota 1.

é mais nítido ainda: *Συγγενεῖς ἀλλήλοις*, de tal maneira que, para fazer o retrato dos celtas, diz êle, lançou mão, ao mesmo tempo, das antigas crônicas e dos costumes dos germanos. Os romanos não teriam tão obstinadamente aproximado os celtas e os cimbro-teutões, se não houvesse entre êles numerosos pontos de contato (Cíc., *De Orat.*, II, 66, 266; Sal., *Jug.*, 114; Apiano, *Celt.*, 1, 2). Eu penso que foi Poseidônio o primeiro a comparar êstes dois grupos de povos e a notar as suas semelhanças e que Estrabão inspirou-se nêle. Veio em seguida César que, por motivos políticos que se compreendem, assinalou sobretudo os seus contrastes e que estabeleceu, em princípio (VI, 21), a oposição entre germanos e gauleses. Estrabão responderia a César para defender o seu autor favorito, Poseidônio".(8)

T. E. Karsten, modernamente, tratando do assunto, coloca-se num ponto de vista completamente novo, mas sempre favorável à mesma origem céltica, como se vê: "Um povo vencedor não procura (pelo menos nas suas classes superiores e dominadoras) enriquecer o seu vocabulário servindo-se de palavras do povo vencido ou inferior, a menos que existam razões particulares que o levem a tal; além disto, êle cria, na sua própria língua, um nome para designar êste último povo".

"Ora, os greco-romanos punham os germanos entre os bárbaros, e êste nome nada mais é do que uma onomatopéia que significa "pessoa que fala de maneira ininteligível": sâns. "Barbara" — balbucador, pessoa de origem não ariana".

"Ao contrário, é normal que um povo inferior, do ponto de vista da civilização e da cultura, denomine um povo vizinho, mais poderoso e considerado, segundo o nome da tribo mais avizinhada ou de acôrdo com a região fronteira mais próxima".

"Ora, não há dúvida alguma, — e isto está bem provado pela arqueologia quanto pela lingüística, — que os celtas eram superiores aos seus vizinhos germânicos pela sua cultura e soberania política, pelo menos ainda alguns séculos antes de César. Do ponto de vista em que nos colocamos, êles deveriam ter sido, conseqüentemente, designados pelos seus vizinhos germânicos de acôrdo com o nome de uma das tribos célticas mais próximas; e o fato é que êles eram chamados de *walhos* (al. *walchen*), nome derivado do da tribo dos volces. E os celtas, por seu lado, como povo de civilização superior, não adotaram nome algum germano, dos seus vizinhos de nível inferior. Deve-se, então, supor que o nome de *germanos* foi, de início, celta. Em caso contrário, êle constituiria uma exceção à regra". Continua o mesmo Karsten:

"Mas, tudo o que os etimologistas propuzeram para o nome *germanos* se reduz a vagas hipóteses. Como a maior parte dos nomes de

(8) *Idem*, I, pág. 243, nota 3.

povos e de tribos, o nome *germanos* é difícil de se interpretar. A considerar-se a forma aparente, a mais antiga que nos foi transmitida, ela é, certamente, celto-latina, e teria pertencido de início, — assim como o demonstrou E. Norden, — a um grande grupo de nomes de pessoas e de tribos célticas, em *-mani* ou em *-ani*. Pode bem ser que o elemento *germen* (*garman*), que se encontra em véstico nos nomes de pessoas, derive do nome do povo; seria fácil encontrar-se numerosos paralelos. O fato de que o nome dêste povo e os outros nomes que dêle derivam, tenham sido limitados ao território no qual se efetuaram os mais antigos contatos entre celtas e germanos, parece ser um índice em favor de uma origem não germânica”.

“A pronúncia atual do nome em escandinavo e em alemão, não é de maneira alguma germânica: é somente um decalque do latim *Germani*, nome pelo qual celtas e romanos designaram inicialmente os seus vizinhos *alemães*.

“Outroa o nome não se applicava senão a uma só tribo germânica do Ocidente. Se nos nossos dias, no sentido erudito, o nome se estendeu a tôda uma família de povos, o que se verificava já, — em parte, — na época de César e de Tácito, é necessário atribuir o fato a uma extensão de sentido, como há tantas outras”.⁽⁹⁾

Contra esta asserção tantas vezes repetida da origem céltica do nome em questão, poder-se-ia dizer que, — como se vê em Heródoto, (I, 125), — havia na Pérsia uma tribo dos “*Γεγράροι*”, mas parece que tal fato não tem relação alguma com o nome do povo que constitui objeto do nosso estudo.⁽¹⁰⁾ Entretanto, qual teria sido o significado primitivo dêste nome, com que sentido teria êle sido aplicado ao povo?

Conforme já vimos pelo citado trecho de Karsten, tôdas as interpretações dêste nome são vagas hipóteses, e êle tem mesmo causado inúmeras discussões a respeito de sua etimologia, segundo nos diz C. Jullian.

Para Tácito, os próprios germanos “designam pelos nomes de marsos, gambreves, de suevos, e de vândalos, os povos saídos de sua raça; afirmam que êstes são os seus nomes verdadeiros e primitivos, que o de germanos é novo e de recente adição; que os primeiros que, depois de terem atravessado o Reno, escorraçaram os gauleses, e que hoje se chamam tungros, se fizeram então chamar germanos. Assim, êste nome, que era o de uma tribo, e não o de uma raça inteira, teria prevalecido pouco a pouco”.⁽¹¹⁾ Dêste modo, os tungros “se fizeram chamar germanos”, naturalmente pelos celtas, conforme nos ensina J. Scherr: “a primeira população que se estabeleceu sobre o Reno

(9) T. E. Karsten, *Les anciens Germains*, pág. 122, § 27.

(10) G. Dottin, *Les anciens peuples de l'Europe*, pág. 221.

(11) *Germânia*, II.

após os gauleses, os tungros, deviam ser assim chamados pelos gauleses, e este nome então foi usualmente aplicado a todos os que estavam na margem direita do Reno".(12)

Esta generalização do nome seria devida, ou à existência de certas propriedades comuns em tôdas as tribos trans-renanas, ou então, ao fato de ter sido a sua designação muito primitiva, mais seguramente conhecida de muitas tribos e, portanto, transposta para a totalidade.

Como os germanos tinham o costume de lutar dando grandes gritos e fazendo barulho com os escudos, pensou-se que o seu nome pudesse ter-se derivado de uma raiz celta, com o significado de *gritadores na luta*. Esta interpretação, porém, alcança tão pouco crédito quanto uma outra, segundo a qual o nome ter-se-ia originado de uma mistura de populações celtas e germanas, habitando no limite entre uma e outras, com o sentido de *tronco puro* (*stammesecht*), aplicando-se aos germanos que haviam ficado fielmente puros, sem mistura com outros povos. Esta interpretação, aliás, é — quanto ao sentido, — a mesma já admitida por Estrabão, apesar de que êle atribuía à palavra uma origem diversa, como vimos antes.

Eduardo Heyk, todavia, condena estas duas hipóteses, ao mesmo tempo que apoia uma terceira, completamente original. Para que suas idéias a respeito sejam claramente conhecidas, julgamos acertado transcrever todo o trecho em que o referido autor trata do assunto.

"A interpretação do nome, tal como o Prof. R. Henning ultimamente a tem feito, de maneira convincente, é desenganadora para aqueles que queriam nêle achar estampada alguma idéia de elevado desenvolvimento, de sentimento guerreiro, de *tronco puro*, ou outra qualquer cousa digna de justos louvores. Mas êles devem dirigir-se, com suas queixas, aos mais antigos antepassados, os quais negligenciaram, como em muitas outras cousas, de procurar oportunamente um nome etnográfico para si próprios. Uma palavra indogermânica com o sentido particular de *quente* (indú — *gharma*, grego — *Θερμός*), serviu amplamente, tanto na Ásia como na Europa, de base para nomes de lugares onde se achavam fontes quentes, ou águas com propriedades medicinais, que eram ainda mais apreciadas nos tempos antigos do que hoje, e eram outrora, também, de muito menos fácil substituição. Os povos que habitavam nas regiões em que havia tais fontes, entre outros, na Pérsia, bem como na península balcânica, tiravam o seu nome desta palavra. No domínio de expansão dos celtas são êstes nomes locais particularmente frequentes, desde a Espanha, — onde também originou o celtibero *germani*, embora se tratasse de população não germânica, — até os galatas da Ásia Menor".

(12) J. Scherr, *Germânia*, pág. 3.

“Os céltas gauleses deram o nome de *Germanen* à população dos tungros, que haviam transposto o Reno, e que tinham conseguido para si um lugar na região de uma extraordinária fonte quente, ou de propriedades medicinais, a qual, — de acôrdo com as indicações, — localizava-se em Spa. Os tungros aceitaram êste nome, sem que por isso perdessem o seu nome exato, e disseram, com o fim de causar temor, que as populações que havia para Oriente, eram também *germanen*. Assim, a palavra passou, da população original, para tôda a nação, e os que haviam sido chamados *germanen* em primeiro lugar, voltaram a se chamar tungros”.^(12a)

Como se vê, esta é uma hipótese bastante plausível e que se apresenta com bases em argumentação bem aceitável.

Johannes Scherr, por seu lado, é de opinião que, verossimilmente, o nome tem uma significação original local, podendo ser interpretado como *habitantes da floresta* ou como *vizinhos*; como tal apareciam aos gauleses todos os habitantes da margem direita do Reno, sem consideração aos que, entre êles, pertenciam a troncos diferentes, e que apresentavam algumas particularidades, e às propriedades da totalidade.⁽¹³⁾

Favoráveis a esta hipótese de *vizinhos*, temos Fr. Zoepfl⁽¹⁴⁾ e Camille Jullian, como se pode depreender do seguinte trecho: “Eu me inclino (hipótese de Zeuss), acreditá-lo uma palavra céltica ou belga, mas muito vizinha de uma palavra germânica que tivesse o mesmo sentido, e não seria impossível ainda, que esta palavra gaulesa tivesse um sentido próximo do da palavra latina *germanus*.”⁽¹⁵⁾

O mesmo Fr. Zoepfl, todavia, aventa uma outra hipótese, dizendo ser possível, também, que a palavra *germanen* nada mais fôsse do que uma corruptela de *ermanen*; como o tronco dos *ermanen* (*irminonen*), habitasse mais perto dos belgas, êstes teriam então aplicado o seu nome a todos os que, mais tarde, foram englobados sob a designação geral de *germanos*.⁽¹⁶⁾ Embora adotando uma atitude completamente diferente, F. Dahn termina por aceitar também o significado de *vizinhos*; para êle, devemos nos basear na interpretação tão exata quanto possível do trecho da *Germânia* de Tácito, cap. II; feito isto, julga êle que seja “inteiramente indiferente o primitivo significado de *germanos* em idioma céltico; sabemos que os céltas chamavam também *germani* a outros povos, como p. ex., aos oretanos céltas da Espanha; de maneira que o significado de *vizinho* que os etimologistas modernos dão à palavra *germanos* tem maior razão do que a antiga

(12a) E. Heyck, vol. 5 da *Weltgeschichte* sob a direção de Helmolt, pág. 351.

(13) Johannes Scherr, *Germania*, pág. 6.

(14) Fr. Zoepfl, *Deutsche Kulturgeschichte*, pág. 5.

(15) C. Jullian, *Histoire de la Gaule*, II, pág. 51, nota 1.

(16) Fr. Zoepfl, *op. loc. cit.*

de homem que brada no combate, que alguns atribuíam àquela palavra".(17)

Lamprecht(18) é também partidário desta mesma interpretação, mas por motivos diferentes. A seu ver, se os celtas consideravam os germanos como estrangeiros, notando as diferenças que os distanciavam d'êles, não se pode deixar de reconhecer que "foram assinaladas as relações celto-germânicas, não substituindo, aparentemente, através delas, oposições nacionais. Assim, chamavam êles ao seu tronco mais próximo, — amigavelmente, — *germanen*, isto é, *vizinhos*. Em apôio de suas idéias continua o mesmo autor, dizendo que "muitas raízes celtas em alemão (p. ex. *amt*, *reich*), e muitas raízes alemãs em celta (*hose*, *bruch*), mostram as trocas recíprocas por meio de mediações pacíficas".

Enfim, para terminar êste capítulo, resta-nos expor uma outra hipótese interpretativa do nome *germanos*, hipótese esta que, apesar de antiga, parece-nos bastante aceitável. É a que dá ao nome o sentido de *homens da lança*, decompondo-o em *ger-mann*. Ora, a palavra *ger*, ainda em alemão moderno, traduz-se por azagaia, dardo curto, e a palavra *mann*, significa *homem*; teríamos assim, no plural, *homens da lança*, não num sentido heróico, que nos exporia à citadã crítica de E. Heyck, mas simplesmente porque, devido ao próprio caráter da vida que então levavam, os germanos deveriam andar permanentemente armados. Êste fato teria chamado a atenção dos celtas, que teriam então chamado os seus fronteiriços orientais de germanos. Assim sendo, êste nome, nascido na região cisrenana, estendeu-se depois a todos os outros ramos transrenanos, e foi transmitido também a Roma, principalmente por intermédio de César.(19)

Quer parecer, enfim, que esta é a hipótese mais plausível, tanto mais quanto outros nomes aplicados a povos têm a sua origem no nome de u'a arma, como por exemplo, queroscos, — de *chairu*, espada (v. p. 32, n. 30), além do já mencionado gesates, de *gaesa* (v. supra, p. 20, n.º 4).

(17) F. Dahn, *História primitiva dos povos germânicos e romanos*, vol. VI da *História Universal* sob a direção de G. Oncken, pág. 21.

(18) Karl Lamprecht, *Deutsche Geschichte*, I, pág. 90.

(19) Últimamente desenvolveu-se na Alemanha uma corrente contrária à hipótese da origem céltica do nome *Germanos*. A êste respeito, E. Fehrle, após tratar do assunto, diz: "Não se conclua daí que o nome seja céltico. Apesar de que ainda não se tenha projetado um límpido esclarecimento a respeito do nome, em todo caso, pode-se indicá-lo como germânico, de acôrdo com as pesquisas de diversos eruditos (R. Much, *Der Name Germanen*; W. Krogmann, *Der Name des Germanen*, etc.). (E Fehrle, tradução da *Germânia*, de Tácito, nota à pág. 61).

CAPÍTULO II

OS POVOS GERMÂNICOS MENCIONADOS POR CÉSAR E SUA LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA

Relativamente à distribuição e localização geográfica dos diversos povos germânicos, é nos textos de Tácito onde podemos encontrar melhor apóio, portanto, nos fins do século I da era cristã. César, no seu *Bellum Gallicum*, mui pouca cousa nos deixou sôbre êste assunto, e acreditamos mesmo que tal deficiência pode ser, em parte, atribuída à instabilidade dominante entre os germanos na época de César, no que concerne à fixação ao solo, uma vez que êle mesmo nos diz que os chefes de cantões e os magistrados, temiam que os germanos “to-massem gôsto pela vida sedentária”.⁽¹⁾ Naturalmente, êste caráter

(1) *Bel. Gal.*, VI, 22, 3.

— Como usualmente a obra de César aparece sob o nome *Commentarii de Bello Gallico*, julgamos conveniente esclarecer quê tal designação não é a dos manuscritos e, muito menos, a que foi usada por César. De fato, nos manuscritos encontramos *libri Gaii (Iulii) Caesaris Belli Gallici (Iuliani) de narratione temporum*. Os manuscritos da classe α terminam com a seguinte subscrição: *C. Caesaris pont. max. ephimeris rerum gestorum Belli Gallici liber VIII explicit feliciter*; e os da classe β : *Hircii Pansae rerum Gestarum Belli Gallici Gaii Caesaris pont. max. lib. VIII explicit feliciter*.

A palavra *ephimeris*, que só aparece nos manuscritos da classe β , é a tradução inexata, para o grego, do latim *commentarii*; quanto a esta última expressão, só aparece uma vez, no fim do livro VII dos manuscritos da classe β : *Iulius Celsus Constantinus u.c. legi commentarii (o)s Caesaris*. Este livro VII e o livro VIII, conservam algo do título exato da obra, segundo se infere do testemunho de alguns contemporaneos de César, como por exemplo:

- 1) — Cícero (*Brutus*, 75, 262): *etiam commentarios quosdam scripsit rerum suarum...*
- 2) — Hircio (Pref. liv. VIII): *Caesaris nostri commentarios rerum gestarum Galliae*.
- 3) — Suetônio: *reliquit et rerum suarum commentarios Gallici cuiusque belli pompeiani*.

De tudo isto, e das subscrições citadas, resulta o seguinte titulo:

flutuante dificultava ao general romano a fixação das regiões ocupadas pelos diversos agrupamentos germânicos. Camille Jullian⁽²⁾ acrescenta mais dois fatos que contribuíam para aumentar esta dificuldade: em primeiro lugar, temos a considerar que os nomes das tribos se estendiam ou se restringiam, conforme se verificasse conquistas ou derrotas por parte de determinada tribo; além disto, devemos levar em conta que muitos dos nomes atribuídos a agrupamentos germânicos, eram nomes de tribos colocadas por um dado lapso de tempo apenas, em situação de dependência de ligas de extensão variável, às quais por extensão e abusivamente, se aplicavam os nomes daquelas tribos.

Podemos, apesar de tudo, encontrar várias tribos germânicas já mencionadas por César e, notamos, além disto, que o romano procurava, sempre que possível, estabelecer a localização de alguns povos de procedência transrenana; por exemplo, falando da floresta Hercínia,⁽³⁾ diz êle o seguinte: "ela começa nas fronteiras dos helvécios nemetos e rauracos e, seguindo a linha do Danúbio, vai até o país dos dácios e dos anartes". Ora, desde que falava em "fronteira dos nemetos", é evidente que César já procurava localizar o referido povo.

O mesmo podemos dizer em relação aos tribocos, a respeito dos quais se lê, no livro IV, 10, capítulo referente aos rios Mosa e Reno: "Quanto a este rio (Reno), êle nasce na região dos lepontes, habitantes dos Alpes, percorre rapidamente um longo espaço através das regiões dos nantuatos, dos helvécios, dos sequanos, dos mediomatícios, dos tribocos, dos treviros". De todos estes povos, os tribocos pertenciam aos germanos, e localizavam-se, de acôrdo com o citado texto, no curso médio do Reno, na região da Alsácia. É verdade, porém, que se pode duvidar de que os tribocos fôsem germanos, sendo mais prudente optar-se por u'a mistura celto-germânica; Piganiol, todavia, atribue-lhes origem germânica, apresentando-os como remanescentes dos suevos de Ariovisto, que se teriam perdido na massa céltica da população local. Entretanto, como entre os germanos de Ariovisto havia também celtas, as dúvidas permanecem.⁽⁴⁾

C. IULII CAESARIS COMENTARII RERUM GESTARUM

e como sub-título: BELLUM GALLICUM, ou BELLI GALLICI.

O título errado resulta das primeiras edições, mas não da primeira, edição *princeps* de 1469, onde se lê: *Caesaris commentarii. Item Aulii Hirtii, aut Optii, libri de bello Alexandrino, de bello Africo et de bello Hispano*. O mesmo se encontra na edição de Veneza, 1471. Mas já na edição de 1473 está *Caesaris commentarii de bello Gallico*. Sem dúvida, o editor foi influenciado pela sequência do título, *libri de bello Alexandrino*. (L. A. Constans, *Bellum Gallicum*, introdução, págs. V-VI).

(2) Camille Jullian, *Histoire de la Gaule*, III, pág. 42.

(3) *Bel. Gal.* VI, 25, 2.

(4) A. Piganiol, *La conquête Romaine*, pág. 367.

No mesmo capítulo do *Bellum Gallicum* encontramos a menção da “ilha dos batavos”, situada no curso inferior do Reno, formada por um braço deste rio e pelo Mosa. Considerando-se que também estes batavos eram germanos, ou, — pelo menos, — em parte, dadas as misturas com os gauleses,⁽⁵⁾ teremos aí outro povo germânico localizado por César. Tácito, aliás, trata dos batavos como indiscutivelmente germanos: “Entre os povos que emigraram da Germânia para a Gália, os batavos distinguem-se pela sua bravura”.⁽⁶⁾

Tácito menciona também os supra-citados nemetos e tribocos, acrescentando-lhes ainda os vanghões, como habitando a margem esquerda do Reno; fala o historiador romano destes povos como sendo “populações manifestamente vindas da Germânia”.⁽⁷⁾ De acôrdo com tôdas as indicações já antes da invasão de Ariovisto se achavam êles, ou, — pelo menos, — os nemetos e os vanghões, instalados na região em que os localizou Tácito, constituindo como que “postos avançados da colonização germânica nos antigos domínios celtas”;⁽⁸⁾ aliás, estes povos tomaram também parte no grande exército reunido pelo chefe suevo na sua tentativa de invasão da Gália, conforme se vê pela leitura de César.⁽⁹⁾

Centralizavam-se os vanghões⁽¹⁰⁾ na região em que se acha a atual cidade de Worms, chamada pelos romanos, segundo o nome celta, Borbetomagus; ao sul estavam os nemetos, em tórno da atual Espira (a *Noviomagus Nemetum* romana); e por fim, mais ao sul, os tribocos localizavam-se na região dos montes Vosges (*Vogesus*), em latim), tendo como principal centro a povoação de Argentoratum (Estrasburgo). Todos estes povos são também encontrados em Plínio, como germanos: “sôbre o Reno, populações germânicas habitam a Gália belga: os nemetos, os tribocos, os vanghões”.⁽¹¹⁾

Ao norte dos vanghões, sempre tomando como base o curso do Reno, estavam os úbios, conforme nos diz o mesmo Plínio, continuando o trecho citado acima: “(vêm) depois os úbios...” Eram êles, talvez, o mais forte e poderoso de todos os povos germânicos das

(5) “E’ então certo que quando os romanos conheceram pela primeira vez os batavos, estes não eram somente homens de alta estatura, com olhos azuis, que deixaram as legiões tão admiradas. Havia já, com êles, em quantidade que os nossos estatistas modernos não podem imaginar, homens de raça céltica, braquicéfalos de olhos e cabelos escuros”. (E. Pittard, *Les races et l’Histoire*, pág. 242).

(6) *Germânia*, cap. XXXIX.

(7) *Idem*, cap. XXVIII.

(8) E. Heyck, in 5.º vol. da *Weltgeschichte* dirigida por Helmolt, pág. 354.

(9) *Bel. Gal.*, I, 51, 2.

(10) O nome deste povo derivaria do gótico *vags* que deu *vanks*, em alto alemão, significando *campo*. (E. Dahn).

(11) *Naturalis Historia*, IV, 31, 2.

margens do Reno. Mais do que os seus vizinhos estavam eles fixados ao solo, dedicando-se à agricultura; daí, — na opinião de F. Dahn, — a própria origem do seu nome, que se teria derivado de *uobau*, que significava *cultivar a terra*.⁽¹²⁾ De acordo com o testemunho de César, os úbios “formaram um estado considerável e florescente, tanto quanto pode sê-lo um estado germânico”.⁽¹³⁾ Esta situação de superioridade em relação aos povos limítrofes é atribuída pelo mesmo autor não só às influências benéficas dos gauleses, que eram seus vizinhos, mas também às relações com o grande número de mercadores que chegavam até o seu território.

Em Tácito⁽¹⁴⁾ também são mencionados os úbios, que “embora tenham merecido a honra de se tornarem colônia romana⁽¹⁵⁾ e se façam chamar agripenses, do nome de sua fundadora, não se envergonham de sua origem; numa época já longínqua⁽¹⁶⁾ atravessaram o Reno e, feita a prova de sua fidelidade, foram instalados na sua margem, como defensores e não como suspeitos”.

Sempre nas margens do Reno, ao norte dos úbios, estavam os sugambros,⁽¹⁷⁾ na região do Ruhr. São duas as passagens de César que nos permitem localizar este povo: em primeiro lugar, no livro IV, 16, 2, falando da fuga dos usípios e dos tencteros, diz o romano que eles se haviam refugiado do outro lado do Reno, junto aos sugambros, e fizeram aliança com eles”; mais adiante, no cap. XXXV, 5, do livro VI, vemos que “os sugambros, que são vizinhos do rio...” etc.. Fica, então, perfeitamente claro que os sugambros eram transrenanos. De acordo com J. L. Burnouf,⁽¹⁸⁾ localizar-se-iam eles entre os úbios e os batavos, ao longo do rio. A *Germânia* não os menciona,⁽¹⁹⁾ mas encontramô-los nos *Anais*, (II, 26, IV, 47 e XII, 39),

(12) F. Dahn, *História primitiva dos povos germânicos e romanos*, vol. VI da *História Universal* dirigida por G. Oncken, pág. 23.

(13) *Bel. Gal.*, IV, 3, 3.

(14) *Germânia*, XXVIII.

(15) Colônia Agripina, de direito itálico, fundada pelo imperador Cláudio, em 51, a pedido de sua esposa, Agripina. V. Tác., *Anais*, XII, 27; *Histórias*, IV, 28.

(16) Algumas tribos germânicas “puseram o pé sobre a margem esquerda do Reno depois da tentativa de invasão de Ariovisto; os úbios, em 37, aí chegaram pacificamente, instalados na região de Colônia por Agripa”. (E. Albertini, *L'Empire Romain*, pág. 48).

(17) “Müllenhoff demonstrou que devem chamar-se deste modo e não sigambros (sicambros)”. F. Dahn, *op. cit.*, pág. 23, nota 2. Deve-se notar, porém, que na época de Augusto era usada a denominação Sicambro (Cf. Horácio, *Odes*, IV, 14). Scherr emprega Sigambros na advertência solene do bispo Remígio, por ocasião do batismo de Clovis (*Germânia*, pág. 52).

(18) J. L. Burnouf, nota 2 ao cap. XXIV do livro das *Histórias*, na tradução das obras completas de Tácito.

(19) Alguns querem identificá-los com os *gambriuii*, da *Germânia*, II, mas C. Jullian contesta esta hipótese.

ao se tratar das lutas de Tibério contra os germanos. Este mesmo Tibério transplantou cerca de 40.000 sugambros para a margem esquerda do Reno onde estes germanos foram, pouco a pouco, se misturando às outras populações, de tal maneira que o próprio nome de sua tribo desapareceu.⁽²⁰⁾ Segundo J. L. Burnouf,⁽²¹⁾ o povo dos guberni, citado por Tácito nas *Histórias*, (IV, 26, V, 16 e 18), nada mais seria do que “o resto da grande nação dos sugambros”. A se dar o caso de ser legítima esta hipótese, poderíamos dizer então que também os guberni, que encontramos na *Naturalis Historia*, e que, certamente, são os mesmos guberni, também eram remanescentes dos sugambros. Tanto mais quanto, de acordo com Plínio, a localização dos guberni permanecia a mesma que a dos sugambros, ou seja, entre os úbios e os batavos.⁽²²⁾

Os usípios⁽²³⁾ e os tencteros são dois outros povos, estreitamente ligados entre si, e que aparecem mencionados por César, no livro IV, 1 e 4. César diz destes povos que “os usípios, povo da Germânia, e também os tencteros, passaram o Reno em massa, não longe de sua embocadura”. L. A. Constans, numa de suas notas ao livro IV, afirma que é ignorada a região da Germânia que teria sido o território primitivo dos usípios e dos tencteros. Como já tivemos oportunidade de dizer, o caráter precário da fixação ao solo dificulta a localização das populações germânicas; apesar disto, Camille Julian, na sua *Histoire de la Gaule*, vol. III, apresenta a região dos vales de Nassau como terra habitada pelos usípios e tencteros, antes que estes tentassem a travessia do Reno. Neste caso, eles seriam ainda procedentes da região renana, tendo-se deslocado na direção sul-norte. Derrotados por César, buscaram eles abrigo entre os sugambros, conforme vemos no *Bellum Gallicum*, (IV, 16). A partir daí, teriam também eles se localizado na margem esquerda do Reno, onde se fixaram, tendo mesmo tomado parte na grande revolta de Civilis contra os romanos, durante o reinado de Vespasiano (ano 70 da era cristã). Pela *Germânia*, (XXXII), verificamos expressamente que os usípios e os tencteros se radicaram na parte baixa do vale do Reno, pois o historiador nos diz, de modo bastante claro, que os “usípetos e os tencteros habitam as margens do Reno no ponto em que o seu leito já está suficientemente fixo para formar por si só uma barreira”. Com-

(20) “...sugambros, exterminados outrora e transportados para a Gália...” (Tác., *Anais*, XII, 39).

(21) Mesma nota citada na página anterior.

(22) É o seguinte o texto da *Naturalis Historia*, IV, 31, 2: (vêm) depois dos úbios, a colônia de Agripina, os gubernos, os batavos,....”.

(23) A denominação exata parece ser “usípios”, pois foram os celtas que forneceram a César “a forma usípetos para o agrupamento germânico dos usípios”. (E. Heyck, *op. cit.*, pág. 435).

binando-se esta passagem com a do capítulo 1, livro IV do *Bellum Gallicum*, podemos concluir que os povos de que tratamos permaneceram, desde o tempo das campanhas de César, na mesma região em que tentaram a travessia do Reno.

No livro VI, cap. 10 do *Bellum Gallicum*, encontramos mais dois povos germânicos, como bem podemos ver: “Quando os suevos^(23A) tiveram informações seguras a respeito do exército romano, — todos, — com suas tropas e as dos seus aliados, que êles tinham reunido, retiraram-se muito longe, para a extremidade do seu território; há lá uma floresta imensa, que se chama Bacenis; ela se estende profundamente para o interior e forma entre os suevos e os queruscos como que u’a muralha natural que se opõe às suas incursões e rapinas reciprocas”. O fato de que êstes dois povos se localizavam bem para o interior do continente, é também atestado por Plínio-o-Antigo, que diz o seguinte: “...no interior das terras, os hermiões, aos quais pertencem os suevos, ...e os queruscos”.⁽²⁴⁾

Para perfeito esclarecimento do texto de César, há necessidade, antes de mais nada, de se localizar a *Silva Bacenis*, que seria o próprio *Thüringerwald* moderno, situada, portanto, entre os vales do Visurgis (Veser) e Sala (Saale).⁽²⁵⁾ F. Dahn, todavia, já não partilha esta opinião, preferindo as montanhas do Harz.⁽²⁶⁾ L. A. Constans, baseando-se em Ptolemeu (II, 11, 10), apresenta três hipóteses para a solução do problema: a *Silva Bacenis*, como diz êle, poderia corresponder, ou ao *Thüringerwald*, ou às montanhas do Harz (*Hercynia Silva*), ou ainda, às elevações florestais da região de Hessen.⁽²⁷⁾ A tal conclusão é levado o citado autor em virtude de que, segundo Ptolemeu, os queruscos habitavam entre o Elba, o Veser e o Harz; além disto, acha ainda Constans que, no tempo de César, o nome *suevo* se applicava, não como designativo de um grande número de povos, — como vemos em Tácito, — mas simplesmente como denominação de um dêstes povos, visto que aparece em igualdade de condições com os vangiãoes, nemetos, tribocos, etc.⁽²⁸⁾ Este único povo, então, habitaria a região ao norte do Meno. “Nestas con-

(23-A) Na segunda metade do século passado os eruditos eslavos divulgaram a hipótese de que os suevos, em geral, eram eslavos, e não germanos. Tal ponto de vista, que foi defendido na Alemanha principalmente por Th. Pösche (*Die Arier*, 1878, 200 fs.), foi, entretanto, combatido e destruído. Para mais esclarecimentos, veja-se Carl Platner, *Gegen die Ansicht, dass die Sueven Slaven gewesen seien*, in *Zeitschrift für Ethnologie*, vol. 16, 1884, Berlin, Asher & Co., págs. 93-100.

(24) *Naturalis Historia*, IV, 28.

(25) M. Besnier, *Lexique des Géographie Ancienne*, art. *Bacenis*, pág. 117.

(26) F. Dahn, *op. cit.*, pág. 25.

(27) Tradução do *Bel. Gal.*, pág. 183, nota 1.

(28) *Bel. Gal.*, I, 51, 2.

dições”, termina a nota de Constans, — “a *Silva Bacenis* é o Harz ou o *Thüringerwald*, ou antes, as alturas cobertas de bosques do Hessen”. Assim sendo, Constans opõe-se à afirmação categórica de que a *Silva Bacenis* fôsse o *Thüringerwald*. De qualquer maneira, entretanto, esta floresta estaria sempre nas proximidades ou no próprio vale do Vesper, e ao longo deste, então, é que estariam localizados os queruscos, no dizer abalisado de Camille Jullian.⁽²⁹⁾

Essa localização perdurava ainda no tempo de Tácito, conforme se infere das próprias palavras do historiador: “O Vesper corria entre os romanos e os queruscos”.⁽³⁰⁾ Esta frase dos *Anais* é mais elucidativa, do ponto de vista da situação dos queruscos, do que qualquer trecho da própria *Germânia*, e é confirmada por um outro texto, escrito mesmo anteriormente a Tácito. Trata-se do cap. 105 do livro II da *Historia Romana*, de Veleio Patérculo, onde se lê o que segue, a propósito das campanhas de Tibério na Germânia, sob o governo de Augusto: “Os caninefatos, os atuários, os bructeros, foram submetidos, e os queruscos foram novamente dominados. O Vesper foi atravessado, o Vesper que a derrota de um exército romano ia em breve tornar famoso”. Assim, se o mencionado rio só pôde ser atravessado após a jugulação dos queruscos, isto nos indica que êste povo se localizara aó longo da citada corrente.

Difícil se nos torna situar geograficamente os suevos, de acôrdo com o relato de César, mesmo porque, — conforme já foi dito antes, — nem sequer podemos afirmar se os suevos que aparecem no *Bellum Gallicum* são um grande ramo de povos germânicos, ou, simplesmente, apenas um destes povos. Camille Jullian,⁽³¹⁾ interpretando uma passagem do *Bellum Gallicum*,⁽³²⁾ deu à palavra *pagus* o sentido de *tribo*, concluindo, portanto, pela primeira alternativa. Já da mesma opinião não é L. A. Constans, que, ao traduzir o mencionado trecho de César, anotou-o da seguinte maneira: *Centum pagi*. Nós traduzimos cantões. Mas é possível que a palavra designe aqui, antes grupos militares do que circunscrições territoriais”. Além disto, como vimos, apoiando-se no próprio *Bellum Gallicum* (I, 51), Constans opõe-se ao parecer de Camille Jullian quanto aos suevos. A atitude de Constans, porém, deve ser considerada sob reserva, visto que devemos ponderar sempre que a grande falta de conhecimentos dominante na época da campanha de César, a respeito dos suevos, dificultava

(29) *Histoire de la Gaule*, III, pág. 47.

(30) Tácito, *Anais*, II, 9. Para L. Stacke, *Deutsche Geschichte*, I, pág. 58, o nome querusco seria derivado de *chairu*, espada.

(31) *Op. loc. cit.*

(32) “*Hi centum pagos habere dicuntur, ex quibus quotannis singula milia armatorum bellandi causa ex finibus educunt*”. (*Bel. Gal.*, IV, 1, 4). Também no livro I, 37, fala César nesses *pagi*: “*...Treueri autem pagos centum Sueborum ad ripas Rheni consedisse, qui Rhenum transire conarentur...*”

taria sempre a distinção dos diversos povos, caso se tratasse de um conglomerado de muitas tribos diferentes; explicar-se-ia assim que, no *Bellum Gallicum*, elas aparecem englobadamente, como si fôsem um único povo. Por outro lado, achamos bem interessante e aceitável o ponto de vista de Constans quanto ao aspecto militar predominante na organização dos germanos.

Já no tempo de Tácito as condições eram completamente outras, uma vez que as expedições à Germânia durante os governos de Tibério e Augusto proporcionaram o alargamento dos conhecimentos romanos a respeito dos germanos, em geral, e dos suevos, em particular. Apesar destas dificuldades, Camille Jullian julga, em apóio de sua citada interpretação ao cap. I, livro IV do *Bellum Gallicum*, que os tribocos, nemetos e vangões, além de marcomanos, harudos e sedusianos, nada mais eram do que tribos suevas. De qualquer maneira, de acôrdo com César, apenas podemos situar vagamente os suevos, do ponto de vista geográfico. A indicação mais valiosa, a êste respeito, encontramos no *Bellum Gallicum*, é a que foi transcrita anteriormente, em que César fala precisamente em *seu território*, referindo-se aos suevos, e em que diz estarem os suevos e os queruscos separados por uma *muralha natural*, constituída pela *Silva Bacenis*. Seja lá qual fôr a *Silva Bacenis*, combinando-se esta indicação com o texto de Tácito, a conclusão a que se chega é a de que os suevos estendiam-se por uma vasta zona, como aliás o próprio Tácito o afirma, dizendo que “ocupam êles, com efeito, a maior parte da Germânia”;⁽³³⁾ segundo L. A. Constans, esta zona estaria situada ao norte do Meno.

Outra indicação que nos é fornecida por César a propósito do território ocupado pelos suevos, é a que se encontra no livro IV, 3, 2: “. . . diz-se que de um lado da fronteira dos suevos há uma solidão de 600.000 passos. Do outro lado, êles têm por vizinhos os úbios. . .” Por aí se avalia a dificuldade de localizar-se os suevos, pois esta “solidão de 600.000 passos” (ou mesmo de 100.000, como se encontra em outro manuscrito), equivalendo a cerca de 900 kms., torna quase impossível qualquer dado precioso. Quanto à afirmação de que os suevos eram vizinhos dos úbios, — povo ribeirinho do Reno, — isto somente nos dá uma idéia da larga exetnsão ocupada pelos primeiros. Poderíamos mesmo dizer que, — na época de César, os suevos se estendiam desde os seus limites com os úbios (limites êsses bastamente vagos), para Oriente, de um modo indefinido.⁽³⁴⁾

(33) *Germânia*, XXXVIII.

(34) O próprio César procurou contornar a dificuldade, como se vê no livro I, 54, 1 e no livro VI, 10, 4.

Quanto ao nome *suevos*, a nos basearmos em Karsten, é quase impossível a sua interpretação.⁽³⁵⁾ Com referência aos diversos grupos mencionados por Tácito como integrantes do grande ramo suevo, trataremos deles mais adiante.

Os marcomanos⁽³⁶⁾ e os harudos⁽³⁷⁾ são encontrados poucas vezes no *Bellum Gallicum*, mas sempre como integrantes da grande tentativa de invasão de Ariovisto. Para L. A. Constant,⁽³⁸⁾ os "harudos se originaram, provavelmente, da região de Hamburgo". Karsten manifesta-se também sobre o assunto,⁽³⁹⁾ dizendo que o nome dos harudos evoca a região Harod, isl., — Harth, v. din. — Harsyssel, actual. Encontrámo-los ainda nas *Res Gestae*, como *charydes*, em que o *ch* aparece como outra forma romana de grafar o mesmo fonema germânico aspirado.⁽⁴⁰⁾ Tácito não os menciona, o que nos leva à hipótese de uma absorção ou de uma mudança de nome. Já tal não se verifica com os marcomanos, mesmo porque estes impuzeram-se à atenção de Roma, graças ao seu chefe Marabodo,⁽⁴¹⁾ que fundou um estado de tal maneira forte, que Tibério chegou a organizar uma expedição para combatê-lo. A luta foi evitada devido à revolta que, por esta época, rebentou na Panônia e na Dalmácia, atraindo para lá todos os esforços romanos.

Contudo, apesar da importância deste povo, não podemos ter uma idéa exata de sua localização, valendo-nos do texto de César.

O *Bellum Gallicum* menciona também os cimbrós e teutões, povos germânicos que foram os primeiros com os quais Roma entrou em contacto directo. Estas menções,⁽⁴²⁾ todavia, de nada adiantam, senão para nos mostrar que, mais de meio século depois de *Aquae Sextiae* e de *Vercellae*, a lembrança do *furor Teutonicus* estava ainda bem viva na mente dos romanos.

Os cimbrós e os teutões teriam procedido das margens dos mares do norte da Europa, segundo a crença geral, fugindo de um cataclisma, talvez de um *raz de marée*. Tal fato, porém, não foi do conhecimento imediato da época, a crermos em Plutarco: "sua nenhu-

(35) T. E. Karsten, *Les anciens Germains*, pág. 131.

(36) *Bel. Gal.*, I, 51, 2.

(37) *Bel. Gal.*, I, 31, 10; 37, 2; 51, 2.

(38) Trad. *Bel. Gal.*, pág. 24, nota 2.

(39) *Op. cit.*, págs. 51 e 225.

(40) É o seguinte o trecho de Augusto, nas *Res Gestae*, 26, na narração de suas campanhas: "*Classis mea per Oceanum ab ostio Rheni ad solis orientis regionem usque ad fines Cimbrorum navigavit, quo neque terra neque mari quisquam Romanus ante id tempus adit, Cimbrique et Charydes et Semnones et ejusdem tractus alii Germanorum populi per legatos amicitiam meam et populi Romani petierunt*".

(41) V. Tácito, *Anais*, II, 45, 62; Veleio, II, 108.

(42) I, 33, 4; 40, 5; II, 4, 2; VII, 77, 12.

ma comunicação com os outros povos, e a distância do país de que vinham, era causa de que se ignorasse que gentes eram, donde haviam partido para cair como um enxame sobre a Gália e a Itália. Conjetura-se, sem embargo, que eram nações germânicas, das que habitam do lado do Oceano Boreal".(43) Mas o certo é que, a êste respeito, tudo não passava de conjeturas, como bem nos diz A. Piganiol: "Donde vinham êles? — Os antigos o ignoravam. Êles perguntavam se os cimbrós vinham da estepe russa, ou se um *raz de marée* os havia expulsado das costas do mar do Norte. Provavelmente sua pátria era a Jutlândia, que tem, na época histórica, o nome de península Cimbrica: assim se explicaria como êles pensaram em aliar-se aos teutões, povo do Holstein".(44) Para Karsten, o próprio nome *cimbro* indicaria a origem do povo, visto que tem o significado de *gente do Himmerland*, designação da Jutlândia entre os germanos. Mas, todos os autores não são da mesma opinião; Mommsen,(45) por exemplo, prefere a palavra *chempho*, — *os campeões* — como origem do nome do povo em questão. Quanto aos antigos, chegaram a interpretar o nome de outro modo, ligando-o a *cimerianos*, tal como se vê em Plutarco, — o qual, partindo dêste ponto, lança a hipótese da proveniência asiática dos cimbrós, — e em Diodoro da Sicília.(46) O primeiro a ter tido esta idéia parece que foi Poseidônio.

Ainda na Antiguidade, outros autores confundiam os cimbrós com os celtas, como por exemplo, Cícero (*De Oratore*, II, 66, 266) e Apiano (*História Romana*, IV, 2) (47), bem como o próprio Plutarco,(48) que aventa como possível u'a mescla de celtas e de citas, o que lhes daria o nome de *celtocitas*. Para Tácito, os cimbrós seriam germanos, conforme se lê na Germânia, onde estão incluídos:(49) "Nesta mesma parte em que a Germânia forma um gôlfo, mesmo junto ao Oceano, habitam os cimbrós, população hoje pequena pelo número, mas grande pela glória". Do mesmo parecer se mostra Plínio, no cap. 28, livro IV de sua *Naturalis Historia*. A opinião dominante hoje em dia, como vemos em Lamprecht, Scherr, Karsten e outros, é a de que a origem germânica dos cimbrós "não pode ser posta em dúvida",(50) o mesmo sucedendo aos teutões. Isto não impede, porém, que entre êles houvesse elementos célticos, fato êste claramente

(43) Plutarco, *Vida de Mário*, XI.

(44) A. Piganiol, *La conquête Romaine*, págs. 279-280.

(45) Th. Mommsen, *Histoire Romaine*, IV, pág. 306.

(46) Plutarco, *op. loc. cit.*, Diodoro, *Biblioteca Historica*, V, 32.

(47) Apud G. Dottin, *Les anciens peuples de l'Europe*, pág. 220.

(48) *Op. loc. cit.*

(49) *Germânia*, cap. XXXVII.

(50) G. Dottin, *op. cit.*, pág. 220. Há, todavia, autores de renome que

percebido por Th. Mommsen, que assim se expressou: "...compreende-se bem que uma horda semelhante, após ter errado durante talvez muitos anos, e após ter acolhido todos os irmãos de armas que se juntavam a estas incursões nos confins da região dos celtas, abrigasse um certo número de elementos célticos; de maneira que não é para surpreender que homens de nome céltico estivessem à frente dos cimbrós, ou que os romanos tivessem empregado espiões falando a língua céltica, para obter informações sobre as suas operações".(51)

A respeito do nome teutões, possivelmente teria o significado de *reis*, a seguir-se Karsten.

Juntamente com os cimbrós e teutões, tomaram parte na migração os ambrões, que quase não são mencionados pelos autores antigos. Zeuss, citado por Camille Jullian, pensa que eles nada mais eram do que os antepassados dos saxões; Jullian, por sua vez, opina que eles poderiam ser, apenas, uma tropa de elite dos teutões. De qualquer maneira, porém, a sua importância era bastante reduzida. Quanto ao seu nome, "era talvez de origem geográfica (muitos rios dos domínios célticos tiveram o nome de Ambra. Um é afluente do curso superior do Vesper, o Emmer)".(52)

No que diz respeito à localização destes povos, já vimos que, segundo Tácito, os cimbrós localizar-se-iam na Jutlândia. A situação geográfica dos teutões e dos ambrões não era bem certa, parecendo que eles se centralizavam nas ilhas dinamarquesas e no Mecklemburgo, segundo a opinião de C. Jullian.(53) Mais recentemente, a arqueologia permitiu que se solucionasse a questão, no que se refere aos teutões; graças a isso pôde G. Eckholm expressar-se de maneira bastante positiva: "A região dos teutões é hoje definitivamente conhecida. Deve ser procurada no Thy, noroeste do Limfjorden. Índices arqueológicos destes dois povos (cimbrós e teutões), foram encontrados em restos de extensas áreas agrícolas abandonadas, desertas, obviamente, em tempos pré-históricos, e em um ponto fortificado na charneca de Borre".(54) A *Germânia*, de Tácito, não menciona nem teutões e nem ambrões, apesar de Zeuss identificar os teutões com os naitões que se encontram no cap. XL da citada obra.

César menciona ainda outros povos interessantes para nós, como os condruos, eburões, coeroses, pomanes, segnos e sedusianos. Em re-

insistem sobre a origem céltica dos cimbrós e teutões, como por exemplo, S. Feist (*Das Volkstum des Kimbern und Teutonen*, in *Zeitschrift für Schweizerische Geschichte*, t. IX, 1929, apud A. Piganiol, *op. cit.*, pág. 470).

(51) Th. Mommsen, *Histoire Romaine*, IV, pág. 307-308.

(52) H. Hubert, *Les Celtes à l'époque de la Tène*, pág. 126.

(53) *Op. cit.*, III, pág. 45, nota 6.

(54) G. Hatt, *Acta Archaeologica*, II, pp. 117 sqq.; J. Brøndsted, *Tilskueren*, 1935. Apud. G. Eckholm, in *The Cambridge Ancient History*, vol. XI, pág. 54.

lação aos quatro primeiros, diz êle, no livro II, 4: “os condrusos, os eburões os coeroses e os pemanes que são reunidos sob o nome de germanos...” Ora, todos êstes povos eram célticos, — conforme bem o nota L. A. Constans, e habitavam na região das Ardenas. Trata-se, possivelmente, de uma confusão de César, porque êste insiste, pelo menos em relação aos segnos e condrusos: “os segnos e condrusos, povos de raça germânica, e contados entre os germanos, que habitam entre os eburões e os treviros...”⁽⁵⁵⁾

Ora, a própria localização, entre povos célticos, dá idéa de que também os segnos e condrusos o eram, ou, — pelo menos, — sofriam a preponderância dos celtas sob todos os pontos de vista, — inclusive o racial, — por meio de incessantes misturas. E’ como pensam alguns, — como Lamprecht,⁽⁵⁶⁾ — que são de opinião que os citados povos eram, de fato, germânicos, mas de tal maneira penetrados de elementos célticos, que o próprio nome de suas tribos era de origem céltica, e não germânica. Todavia, parece predominar a opinião de que tais povos não eram germânicos, mas célticos; a lado de C. Jullian, L. A. Constans não os inclui entre os germanos, do mesmo modo que o autor alemão, F. Dahn. O fato de que nem Tácito e nem Plínio tratem dos referidos povos, tornou ainda mais difícil o esclarecimento do problema, que permanece ainda obscuro, esperando uma solução.

Quanto aos sedusianos, porém, parece não haver dúvidas: de acôrdo com o livro I, 51, 2 do *Bellum Gallicum*, êles participaram do exército de Ariovisto e eram, segundo as aparências, germanos, apesar de que não occupassem um lugar de importância entre os povos de sua raça, — como bem se pode inferir do fato de não serem êles mencionados em qualquer outro texto, além do citado livro I, 51.

Tendo assim, tratado da localização dos povos germânicos encontrados em César, passemos a ver, então, o que nos reservam de interessante os relatos de Plínio e de Tácito.

(55) *Bel. Gal.*, VI, 37, 1.

(56) K. Lamprecht, *Deutsche Geschichte*, I, pág. 87.

CAPÍTULO III

OS POVOS GERMÂNICOS SEGUNDO AS OBRAS DE TÁCITO E DE PLÍNIO

Ao contrário do que se verifica em César, Plínio-o-Antigo e Cornélio Tácito, — escrevendo ambos na mesma época, — demonstram muito maior segurança de conhecimentos com relação aos germanos. Principalmente Tácito, que já está em condições de poder mencionar cêrca de cinqüenta tribos germânicas, ao passo que encontramos apenas vinte no *Bellum Gallicum*.

Do mesmo modo que César, Tácito aproximou-se suficientemente dos povos da Germânia, visto ter sido, com toda a certeza, o governador da Gália Belga durante quatro anos (89-93).⁽¹⁾ Demais, conforme nos diz G. Boissier, “se êle não teve a curiosidade de ir para além das fronteiras, e de formar por si próprio idéia das regiões que pretendia descrever, podemos estar certos de que interpelou a officiais e mercadores que as conheciam; devia mesmo ter encontrado mais de uma vez chefes bárbaros, vencidos em guerras internas, que vinham pedir asilo aos romanos”.

No entanto, apesar da grande soma de seguros conhecimentos demonstrados por Tácito, sua obra peca, em primeiro lugar, devido ao tamanho das partes consagradas aos diversos povos germânicos, partes estas que nada mais são, no dizer de G. Freytag,⁽²⁾ do que curtas notícias a respeito das crenças, do armamento e da forma de governo dos referidos povos. Nota-se ainda na pequena obra de Tácito, muito naturalmente, aliás, que o autor sabe muito mais a respeito das tribos do noroeste da Germânia, do que das que ficavam mais para o interior, próximo ao Danúbio. Assim sendo, pouco nos diz êle sôbre povos germânicos de grande importância, como os hermunduros, os marcomanos, os quados. Por outro lado, os batavos, bem como os seus vizinhos, — frisões, queruscos e caucos, parece que mereceram maior cuidado do historiador, embora os capítulos

(1) G. Boissier, *Tacite*, pág. 38.

(2) G. Freytag, *Bilder aus der deutschen Vergangenheit*, I, pág. 27.

que lhes consagrou sejam também resumidos.

Os batavos, por exemplo, são, não só o primeiro povo mencionado por Tácito, como ainda destacados como "povo que se distingue pela sua bravura".(3) Tal fato justificaria mesmo a hipótese de que Tácito tivesse ido buscar a maior parte do material necessário à composição da *Germânia*, no baixo Reno, provavelmente contando com a hospitalidade de algum batavo de alta classe na região.(4)

Quanto a Plínio-o-Antigo, "o mais ilustre apóstolo da ciência romana", no dizer de R. Pichon,(5) pouco nos resta de tudo o que êle deveria ter escrito a propósito dos germanos. De fato, a maior parte dos seus conhecimentos a êste respeito estaria contida, — certamente, — na sua obra intitulada *Bella Germaniae*, — a qual não chegou até nós.(6) A única obra de Plínio que possuímos é a *Naturalis Historia*, em 37 livros, dos quais o IV é o mais interessante para o nosso assunto, pois que algumas de suas linhas são consagradas aos germanos.

Feito êste pequeno intróito, passemos a estudar como Plínio e Tácito dividiam os germanos.

Na *Naturalis Historia* (IV, 28, 3), lemos que "há cinco raças germânicas: os vindiles, à qual pertencem os borgundos, os varinos, os carinos e os gutões; a segunda raça, os inguevões, à qual pertencem os cimbrós, os teutões e a nação dos caucos; a terceira raça, mais vizinha do Reno, os istevões, à qual pertencem os cimbrós;(7) quarta raça, no interior das terras, os hermiões, à qual pertencem os suevos, os hermunduros, os catos e os queruscos; quinta raça, os peucianos e os basternes, limítrofes dos dácios".

Se confrontarmos êste trecho com o cap. II da *Germânia*, vere-

(3) *Germânia*, XXIX.

(4) G. Freytag, *op. cit.*, I, pág. 28.

(5) *Histoire de la littérature latine*, pág. 484.

(6) Esta obra é mencionada por Plínio-o-Jovem: "Ele (Plínio-o-Antigo) nos deixou 20 livros sôbre as guerras da Germânia; aí tratou de tôdas as lutas que sustentamos contra os povos dêste país". (*Cartas*, III, 5).

(7) Julgamos acertado transcrever aqui a nota apostada por Littré, na sua tradução da *Naturalis Historia*: "Le texte semble altéré. "Cette passage", — dit M. Ukert, *Geographie der Griechen und Römer*, t. III, première partie, pag. 193, Weimar, 1847. — "est évidemment mal écrit. Le copiste a répété par erreur les mots placés un peu plus haut: *quorum pars Cimbrî*. Comme Pline ne parle plus de cette contrée, et que les mss. n'offrent aucun secours, nous ne pouvons déterminer quelle est la peuplade que Pline avait nommé ici. Le ms. de Prague (Titze, *Vorgeschichte der Teutschen*, pag. 38), a *proximi hinc Rheno*; l'édition de Pline, Paris, 1685, in 4.°, lit *Sicambri*, au lieu de *Cimbrî*; Spener, *Germ. ant.*, IV, I, nat. f., et Cluver, *Germ. ant.*, III, 46, pag. 700, ont proposé cette leçon; Adelung, *Alt. Geschichte*, pag. 241, défend *Cimbrî*". *Sicambri* est en effet une leçon très plausible; mais, dans l'incertitude absolue où nous laissent les mss. et les autres autorités, on ne peut que garder *Cimbrî*".

mos que Tácito não seguiu a mesma divisão adotada por Plínio, visto que admite apenas três grandes grupos de povos germânicos: “Nas velhas lendas heróicas que são, para êles, a única maneira de conservar a memória do passado, e que constituem todos os seus anais, celebram os germanos um deus chamado Tuisto,⁽⁸⁾ nascido da Terra, e seu filho Manos, que são, dizem êles, o ponto de partida de sua raça e os fundadores da nação. Atribuem a Manos três filhos, e seria do nome dêles que os povos mais vizinhos do mar teriam tirado o de inguevões, os do centro o de hermiões, e os outros o de isteuvões”.

Quer nos parecer que o relato de Tácito é mais digno de atenção do que o de Plínio, uma vez que êle procura explicar a origem dos três grandes grupos, fundamentando a sua divisão em informações dos próprios germanos, pelo menos aparentemente. O mesmo capítulo da *Germânia* serviria também para nos elucidar a respeito dos dois outros grupos mencionados por Plínio, visto que “alguns, usando da licença permitida pela alta Antiguidade, dão ao deus (Manos) maior número de filhos”. Explicar-se-ia então, dêste modo, a origem de mais de três grupos. É, aliás, o que nos diz J. Grimm: “Como todos os alemães são descendentes de Tuisko e de Manos, assim descendem de Manos três ou, segundo outras opiniões, cinco filhos, que foram os troncos principais do povo”.⁽⁹⁾

O mito de Tuisto merece ainda a nossa atenção por ser também uma explicação da própria origem do Homem; assim, “o pai daqueles três grupos de povos é Manos, o pensante, homem em todos os sentidos, o homem em geral; e, para além dêle, perde-se imediatamente qualquer conhecimento, na obscura origem divina: finalmente, até a própria mãe-Terra e seu correspondente, — se bem que não expressamente mencionado, — o Céu, destacam-se com antepassados e como geradores da espécie humana”.⁽¹⁰⁾ É esta também a opinião

(8) “*Tuisto ou Thuiskon* — Divindade primitiva dos germanos e gaulses, herói nascido da Terra, tronco dos germanos, do qual seriam descendentes todos os alemães; era grandemente venerado, juntamente com seu filho Man, e a êle eram sacrificados seres humanos, pelos sacerdotes, o que, — segundo César, — acontecia não somente na Alemanha, mas também em toda a Gália. Era representado por um homem grande e forte, sustentando u’a massa n’uma das mãos e vestido com peles de animais em estado natural. Sua figura era a representação individual de cada alemão, porque só assim, e não de outra maneira, aprendiam os romanos a conhecer os germanos. Para alguns, Tuisto pode ser considerado como uma personagem histórica, mas para outros deve ser tomado apenas como a personificação de uma idéia”. (Dr. W. Vollmer, *Vollständiges Wörterbuch der Mythologie aller Nationen*).

(9) J. Grimm, *Deutsche Mythologie*, pág. 100. O mesmo autor chama os três filhos de Manos, de Ingo, Iskio e Irmino, dizendo categoricamente que “o irmão de Ingo chamava-se Iskio, Isko (e não Istio)”. (pág. 100).

(10) K. Lamprecht, *Deutsche Geschichte*, I, pág. 4.

de E. Mogck, o qual nos diz que “provavelmente todos êstes nomes parecem ter sido velhos epítetos do Céu e deuses do Sol”.⁽¹¹⁾ Para E. Tonnelat, os próprios nomes de Tuisto e de Manos teriam significação especial: o primeiro equivaleria a “ser de dois sexos”, e o segundo designaria, segundo tôdas as aparências, o Homem, considerado como creatura dotada de pensamento e de vontade”.⁽¹²⁾

Ora, se de Tuisto se originaram os três grandes grupos dos istevões, inguevões e hermiões, cabem então agora, a êste respeito, duas interrogações: — Qual o significado, a origem dêstes nomes, e que proveito poderá ter a sua elucidação para esclarecer algo da história primitiva dos germanos? — Qual o sentido exato desta repartição em três grupos?

Em primeiro lugar é preciso que se note que Tácito não nos dá os nomes dos filhos de Manos; em todo o caso, — segundo tôda a verosimilhança, — é provável que os nomes dos três grupos fôsem derivados dos nomes de seus respectivos fundadores. Concluir-se-ia daí, com F. Dahn,⁽¹³⁾ que êstes chamar-se-iam Ingo, Isto e Irmin, ou então, como quer Müllenhoff, Ingvaz, Istvaz e Ermenaz.⁽¹⁴⁾ Outros não seguem, todavia, esta mesma hipótese, opinando que os três nomes bem poderiam sê-lo de heróis epônimos, os quais, por sua vez, seriam derivados de antigos nomes de povos. Tal modo de encarar o problema nos parece um círculo vicioso, por não dar solução alguma à dificuldade, que permanece de pé: qual seria, neste caso, a origem dêstes antigos nomes de povos? — Uma outra maneira de considerar a questão nos é dada por J. H. Schlender:⁽¹⁵⁾ “os nomes dêstes heróis-troncos parecem ser antes *alcunhas* aplicadas à divindade venerada em comum, do que *filhos*. É verdade que falta a prova de que esta divindade fôsse Ziu, mas devido ao grande respeito que lhe era prestado por tôdas as tribos, é bem possível que assim fôsse”.

O nome hermiões (germ. com. Erminoniz, got. Airminans), contém em si um elemento que, — conforme bem o nota Karsten,⁽¹⁶⁾ — entra na composição de certos nomes de príncipes e de deuses, como por exemplo, Ermanaricus, Heremengarius e Irmin, divindades saxônicas à qual era consagrada a Irminsul (ou Ermensul), centro religioso perto de Heresburgo e que foi destruído por Carlos Magno,

(11) In *Grundriss der germanischen Philologie*, sob a direção de Hermann Paul, I, pág. 1055.

(12) *Mythologie Germanique*, in *Myth. générale*, sob a direção de F. Guiraud, pág. 222-3. Fr. Zoepfl liga mesmo o nome Tuisto à moderna palavra alemã *Zwitter*, que significa *hermafrodita*. (*Op. cit.* pág. 20).

(13) F. Dahn, *op. cit.* pág. 20.

(14) *Irmin und seine Brüder*, in *Zeitschrift für deutsches Altertum*, XXIII, apud Mogck, *op. cit.*, pág. 1055.

(15) J. H. Schlender, *Germanische Mythologie*, pág. 88.

(16) T. E. Karsten, *Les anciens Germains*, pág. 234.

em 772. O nome significaria, para Müllenhoff, *os grandes*, os *elevados*, mas, de acôrdo com o cronista Rudolf de Fulda, o seu significado seria ainda mais amplo, como se poderá ver por êste pequeno trecho: "Os saxões veneram ao ar livre um tronco de árvore de grandes dimensões, que êles chamam *Irminsul*, o que significa *coluna do mundo, coluna que sustenta tudo*." (17) Para S. Reinach, esta explicação, que atribue a *irmin* o sentido de *universal*, parece boa; o nome do rei dos gódos, *Ermanarico*, é, provàvelmente, idêntico a *irmin-rix*, significando *o rei supremo*.

Inguevões, a seguir-se Müllenhoff, poderia ser interpretado como *os vindos, os chegados* (*die Gekommenen*). Quanto ao nome *istevões*, para Karsten, é de origem completamente ignorada; Müllenhoff, todavia, acha plausível a sua interpretação como *os dignos de respeito, os veneráveis* (*Verehrungswürdigen*). E. Mogck, por outro lado, após afirmar que êstes nomes poderiam ter sido primitivamente aplicados ao antigo deus do Céu e do Sol, aventa a hipótese de que "pareça bem melhor atribuir ao nome *ingvaz* a raiz *igh*, *desejar, pedir, implorar* (*begehren, erflehen*), e a *istvaz*, — com Scherer, — a raiz *idh*, *queimar, brilhar* (*brennen, leuchten*)." (18)

Resta-nos agora tratar da maneira como devem ser considerados êstes grupamentos de povos germânicos.

Antes de qualquer cousa, é necessário que se frise que Tácito englobava nesta sua divisão apenas os germanos de oeste, visto que os do norte e os do oriente europeu eram-lhes mui pouco conhecidos. Além disto, deve ficar bem claro que a distribuição dos germanos ocidentais por aqueles três agrupamentos não correspondia de modo algum a uma organização política, havendo mesmo quem diga, como E. Heyck, que a citada divisão era "inteiramente uma *konstruktiv-gedankliche Ethnogenie*, não se podendo sequer encamar os três grupamentos como ramos de uma árvore genealógica". (19) Tratando do mesmo assunto, manifesta-se também, do mesmo modo, M. Larenaudière: "é supérfluo procurar divisões políticas, ou Estados, na Germânia; não se pode senão indicar os nomes e a localização dos principais aglomerados". (20) A isto, portanto, se limitará a nossa tarefa, na parte referente a esta questão.

O que parece ser bem possível, é que a "tripartição da saga em *istevões*, *hermiões* e *inguevões* correspondesse ainda a resquícios de ligas em tórno de um culto comum", conforme a opinião de Lam-

(17) Apud S. Reinach, *Orpheus*, pág. 199.

(18) In *Grundriss der germanischen Philologie*, pág. 1055.

(19) E. Heyck, *op. cit.*, pág. 350.

(20) M. Larenaudière, *Aperçu de la géographie ancienne*, in *Précis de géographie universelle*, por Malte Brun.

precht;(21) o mesmo autor, porém, continua, dizendo que as poucas notícias que nos chegaram, a êste respeito, contribuíram para tornar ainda mais obscuro o problema. Apenas em relação aos inguevões podemos encontrar algo de positivo, visto que o seu nome parece estar intimamente ligado ao culto do deus Frey,(22) o qual estava, — no dizer de E. Mogck,(23) — “em estreitas relações com Ing, do qual se acreditavam descendentes os inguevões (ou ingveões), e em consequência, por meio daquele, ligava-se também a Tiwaz.(24) Nas fontes islando-norueguesas encontramô-lo repetido em Yngwifreyr (*Yngls.*, c. 12, *Heimsk.*) e os reis suecos atribuíam a sua origem a Frey, chamando-se, por isto, Ynglingar. Mais tarde, talvez pela ignorância dêste nome,(25) tê-lo-iam transformado em Ingunarfreyr. Nós percebemos também aí, claramente, a estreita relação entre Yngvi e Frey”.

“Mas, além disto”, — continua o mesmo autor, — “aquele Yngvi era a mesma divindade de acôrdo com a qual não sòmente denominavam-se os inguevões, mas também formaram-se muitos compostos em *ingi*, quando Ing, segundo a *ags. Runenlieder*,(26) era honrado pela primeira vez entre os danos orientais, motivo pelo qual os dinamarquêses foram chamados *ingvine*. Frey era sòmente uma designação local para Yngvi, mas êste era, do mesmo modo, um anti-go epíteto de Tiwaz”.(27).

Como se vê, então, os inguevões seriam aqueles que estivessem ligados entre si pelo culto comum a Frey. Em relação aos outros dois grupamentos de germanos ocidentais, não possuímos os dados que

(21) K. Lamprecht, *Deutsche Geschichte*, I, pág. 5.

(22) “*Freir ou Frey* — Um filho de Niord, um dos deuses Ases, apesar de não nascido dêles, uma vez que Niord sòmente foi colocado entre os Ases quando êle, um refêm dos Vanes, deu a conhecer a sua dignidade e a sua valentia. Sua mãe era a bela Skade, filha de gigantes, mulher de Niord. Chama-se Freir o mais nobre dos Ases, que dominava as chuvas, os raios do Sol e a fertilidade da terra, e ao qual se devia implorar para que se conseguisse um ano bom e pacífico; tinha também a seu cargo as riquezas dos homens, restituía às noivas os seus noivos e às espòsas os seus maridos, quando os mesmos iam para a luta”. (Vollmer, *op. cit.*, pág. 751).

(23) E. Mogck, in *Grundriss*, I, pág. 1059.

(24) “Tiwaz (sânc. *devas*, lat. *dévus*, lit. *devás*), tem o significado de *divino, deus*. Em antigo nórdico cabia aos deuses uma designação genérica, *tiwar*; aquele que, entre os germanos do sul era honrado sob o nome de Ziu, chamava-se entre os germanos do norte Tyr”. (Schlender, *op. cit.*, pág. 83).

(25) Apesar de que no original alemão esteja expressa a palavra *Unkenntniss* (ignorância), julgamos tratar-se aqui de um caso de depreciação da palavra, pela decadência do culto do deus em questão.

(26) “*Ing war zuerst bei den Ostdänen von den Menschen gesehen; später zog er ostwärts über die Flut; sein Wagen rollte ihm nach*”. (*Runenlieder*, apud Schlender, *op. cit.*, pág. 88).

(27) E. Mogck, in *Grundriss*, I, pág. 1059.

nos permitam inferir qual a divindade cultuada, assim como se fez com os inguevões. E. Mogck, contudo, é de opinião que os hermiões se reuniam em tórno do culto ao deus Ziu, o mesmo se verificando com os istevões em relação a Wodan.⁽²⁸⁾

Não devemos nos esquecer, porém, de que as divindades centrais destes cultos eram, — certamente, — variáveis conforme a tribo preponderante na região, e que, desta maneira, o culto a uma determinada divindade ora se distendia, ora era passível de retraimento em sua aceitação por parte das populações. Do mesmo modo, seria admissível a hipótese de que se verificassem francas substituições de teor dos cultos. Tais oscilações são melhormente explicáveis pela coexistência de outros grupamentos de povos, além dos três supra citados; aliás, as palavras de Tácito, com relação aos outros filhos de Manos, oferecem margem para esta suposição. Todavia, no estado atual dos conhecimentos sôbre o assunto, nada é possível afirmar de positivo a respeito da extensão atingida pelo culto das diversas divindades, nem sôbre as tribos que entre elas se distribuíam, verificando-se o mesmo com relação aos nomes e alcunhas dos deuses que serviam de centro a estes cultos. Com foros de certeza, a conclusão única a que podemos chegar, e isso de acôrdo com Müllenhoff,⁽²⁹⁾ é a de admitir naqueles conglomerados de povos germânicos verdadeiras anti-ficções, associações de tribos em tórno de um culto comum.

Se tomarmos a *Germânia* ao pé da letra, notaremos desde logo que Tácito, simplesmente, distribuiu os três grupamentos unicamente sob o ponto de vista geográfico: "...os povos mais vizinhos do Oceano teriam (o nome) de inguevões, os do centro, o de hermiões e os outros, o de istevões". Ora, o historiador revela, por este pequeno trecho, que não procurou explicar de maneira suficientemente clara a divisão conservada "nas velhas lendas poéticas" dos germanos, mesmo porque nem cuidou de classificar os numerosos povos de que passa a tratar mais adiante, de acôrdo com a tripartição enunciada no cap. II de sua obra. E convenhamos em que o critério meramente geográfico por êle adotado, peca por demasiado simplista, mormente quando, nas linhas acima transcritas, encontramos o final muito vago da referência "os outros o de istevones"; se os dois primeiros grupamentos são localizados de maneira insatisfatória, este último, então, podemos dizer que nem mesmo chega a ser situado pelo autor.

Já Plínio-o-Antigo tenta uma distribuição dos diversos povos em cinco raças, mas, pelo que encontramos na *Naturalis Historia*, e que é unicamente o trecho transcrito páginas atrás, não nos é permitido senão formar uma vaga idéa de classificação. Esta simples idéa, todavia, fica ainda prejudicada pela confusão no tocante aos

(28) *Idem*, pág. 1055.

(29) Apud E. Mogck, in *Grundriss*, I, pág. 1055.

cimbros e pelo número relativamente pequeno de povos mencionados: ali catorze, na *Germânia*, cinqüenta. Mesmo se levarmos em conta o não desdobramento dos suevos por Plínio, seremos forçados a concluir que, de fato, é insuficiente o que êle nos deixou no livro IV, 28 da *Naturalis Historia*.

Se recorrermos nesse respeito a autores modernos, notaremos que Camille Jullian, por exemplo, apresenta os inguevões de acôrdo com Plínio (colocando, sob esta denominação, os cimbros, os teutões e os caucos), agindo da mesma forma em relação aos hermiões.⁽³⁰⁾ Não discrimina, porém, quais teriam sido as tribos dos istevões, limitando-se a dizer que habitavam as margens do Reno. Ora, uma vez que o historiador não considera de per si as outras duas raças mencionadas na *Naturalis Historia*, mas adota a divisão tripartida de Tácito, somos levados logicamente, pelo processo de exclusão, a admitir que todas as outras tribos além das englobadas por êle entre os inguevões e hermiões, pertenciam aos istevões.

Em Lamprecht, bem como em outros autores, encontramos mais ou menos a mesma distribuição:⁽³¹⁾ os istevões, correspondendo aos futuros francos, na região renana; os inguevões, posteriormente os baixo-alemães, no litoral; e os hermiões, — futuros alto-alemães, — no interior, acompanhando o vale do Elba.

Torna-se necessário, porém, que destaquemos mais uma vez o sentido destes agrupamentos, antes de passarmos ao exame das diversas tribos que os constituíam. Dissemos anteriormente que, de acôrdo com Müllenhoff, e tomando-se também como base o cap. XL da *Germânia*, os citados grupamentos germânicos tinham sua origem em cultos professados em comum por várias tribos. Contudo, não é impossível a existência de outros elementos diferenciadores, conforme nos diz F. Dahn: “Esta divisão em três linhas ou raças não tinha significação política para jamais dar lugar a uma federação, e muito menos ainda a uma monarquia única, já inguevônica, já istevônica, já hermiônica. Não passava de uma expressão ou forma de convicção que (os grupamentos) tinham da afinidade de sangue que existia entre todos, e que é provável que se manifestasse originariamente por uma afinidade mais íntima de idiomas, não contando com a provável afinidade religiosa”.⁽³²⁾

Mais modernamente, admitindo também as diferenciações linguísticas, T. E. Karsten vai mais além, supondo mesmo uma evolução, do grupamento de ordem religiosa para o de ordem política,

(30) C. Jullian, *Histoire de la Gaule*, III, pág. 50.

(31) Lamprecht, *op. cit.*, I, pág. 81; A. Hofmann, *Politische Geschichte der Deutschen*, I, pág. 33; T. E. Karsten, *op. cit.*, pág. 232; G. Freytag *Bilder*, I, pág. 31; F. Dahn, *op. cit.*, pág. 20.

(32) F. Dahn, *op. cit.*, pág. 20.

negado peremptoriamente por Dahn. Deveras, Karsten⁽³³⁾ é de opinião que estas associações religiosas acabaram por tomar importância política, apoiando-se para isto num fato verificado entre os escandinavos no princípio da época histórica. Entre estes, o culto dos deuses ia freqüentemente de par com uma necessidade crescente de uma comunidade política; na Noruega, por exemplo, os mais antigos centros religiosos foram também os primeiros centros políticos. Esta hipótese de Karsten em nada repugna à boa lógica, dado que é sabido que o chefe político, o rei, — visto que a monarquia é sempre a forma de governo dominante entre os povos germânicos, — está estreitamente ligado a uma origem mágico-religiosa.⁽³⁴⁾

Mais difícil, entretanto, já se torna a distribuição das tribos germânicas pelos três agrupamentos mencionados por Tácito. Isto porque, conforme já vimos antes, a extensão do domínio do culto aos diversos deuses podia se retrair ou se expandir ao sabor das circunstâncias, tornando possível a transferência de certas tribos, de um agrupamento para outro. Possivelmente poderíamos encontrar um exemplo que se enquadrasse neste caso, no que aconteceu com os cimbrós, na época de sua famosa migração. Segundo A. von Hofmann, os “cimbrós, verossimilmente, pertenciam naquele tempo aos hermiões”; e como mais tarde também os teutões juntaram-se à vaga emigratória, e como eles pertenciam ao agrupamento inguevônico, verificou-se a interpenetração entre tribos dos dois agrupamentos, interpenetração esta facilitada pelas comunicações rápidas e fáceis entre os povos, pelo curso do Elba. Como resultado de todo este movimento, vamos ver que os cimbrós, mais tarde, aparecem como inguevões.⁽³⁵⁾

Assim sendo, não nos é possível distribuir exatamente as diversas tribos da *Germânia* pelos três agrupamentos citados, podendo-se mesmo repetir, a este respeito, o que nos diz L. Stacke:⁽³⁶⁾ “Não possuímos meio algum para estabelecer quais são aqueles (povos), os quais reconhecem este tronco comum (de Manos e seus filhos)”.

Apesar de tudo, como ponto de referência, sob reserva, indicamos a seguinte classificação, proposta por G. Freytag:

- I — Inguevões: caucos, cimbrós, teutões, angrivários, frisões e, provavelmente, os queruscos, que Plínio coloca entre os hermiões.
- II — Istevões: gambrívios (que Freytag assimila aos sugambros); camavos, bructeros, usipiões, tencteros.

(33) T. E. Karsten, *op. cit.*, pág. 236.

(34) Veja-se, a este respeito, a interessantíssima obra de G. Dumézil, *Mythes et dieux des Germains*, págs. 17-33.

(35) A. von Hofmann, *op. cit.*, I, págs. 33-34.

(36) Ludwig Stacke, *Deutsche Geschichte*, I, pág. 57.

III — Hermiões: suevos, — entre os quais se destacam os semnões, os catos, hermunduros, marcomanos, quados e longobardos.

Nesta classificação, todavia, não estão incluídos todos os povos pertencentes aos germanos ocidentais e que se acham mencionados na *Germânia*. Assim, pode ser ela completada, com a inclusão dos dulgúbnios e dos fosos entre os Istevões.

x x x

Procedendo-se à análise da *Germânia*, notamos à primeira vista, que Tácito menciona um grande número de povos completamente desconhecidos para César; tal fato nos permitirá, como vamos ver, esboçar um mapa da distribuição dos povos germânicos, o que seria evidentemente impossível se nos limitássemos aos informes do *Bellum Gallicum*. Trataremos, desta maneira, de todos os povos que o historiador romano nos dá a conhecer, com exceção, naturalmente, dos que já foram objeto de nosso estudo no capítulo anterior.

Primeiramente, encontramos os catos, nos capítulos XXIX, XXX e XXXI da *Germânia*, onde eles se acham subdivididos em três grupos: o dos batavos, — de que já tratamos, — e que era “uma tribo de catos que, escorraçada outrora por uma sedição intestina, passou para aquela região (embocadura do Reno), onde viria a tornar-se um dia parte integrante do Império Romano”;⁽³⁷⁾ os matiacos, “semelhantes, de resto, aos batavos, com a diferença de que o seu solo e o seu clima tornam ainda mais ardente a sua coragem”; e os catos propriamente ditos. Quanto à época em que se teria verificado a migração dos batavos, é ela completamente ignorada, visto que César já os encontrara localizados na embocadura do Reno.

Tácito não nos diz expressamente que os matiacos também eram catos, mas, da leitura do seu relato, concluir-se-á, de acôrdo com F. Dahn, que “do fortíssimo povo dos catos, que compreendia muitas terras com nomes especiais, como por exemplo, os matiacos, que viviam em Mattio, hoje Maden, perto de Gudensberg, e em Wiesbaden (*Aquae Mattiacae*), tinham-se separado os batavos e caninefatos, em virtude de dissensões internas”.⁽³⁸⁾ A mesma opinião é também expressamente esposada por E. Heyck, que nos diz o seguinte: “nos

(37) O autor refere-se aqui à aliança entre os batavos e romanos, conseguida por Druso. Nas *Histórias*, IV, 12, Tácito refere-se também aos batavos: “Os batavos, enquanto permaneceram para lá do Reno, fizeram parte dos catos. Expulsos por uma sedição doméstica, ocuparam a extremidade então desabitada das costas da Gália, e uma ilha situada entre lagunas e banhada, na frente pelo Oceano, e dos três outros lados, pelo Reno. Aliados dos romanos sem que a sociedade do mais forte os esmague com sua preponderância, eles não fornecem ao Império senão homens e armas”.

(38) F. Dahn, *op. cit.*, pág. 24.

vemos partes dos povos destacarem-se e, em novo lugar, darem origem a novos povos, p. ex., os batavos e os matíacos, ambos os quais foram parte dos catos".(39)

Plínio-o-Antigo menciona ainda um outro povo germânico ligado aos catos, visto nos dizer que "no próprio Reno, sôbte uma extensão de quase 100.000 passos,(40) está a mui célebre ilha dos batavos e caninefatos".(41) Ora, estes últimos, — que não são encontrados na *Germânia*, — parecem ter sido simplesmente um ramo dos próprios batavos, visto como apareceram tão estreitamente ligados a estes durante a revolta de Civilis. Encontrâmo-los na obra de Tácito, mas nas *Histórias* (IV, 19 e 33), sempre juntamente com os batavos.

Teríamos assim, na região da embocadura do Reno, os batavos e caninefatos na margem esquerda, e os matíacos no curso médio, na margem direita, como vemos pelo relato de Tácito: "Embora permanecendo confinados no seu país, na margem direita do Reno, os matíacos estão conosco de alma e coração".(42)

"Para além (dos matíacos), estão os catos, que principiam nas alturas da floresta Hercínia e habitam campos menos abertos e menos pantanosos do que os das outras regiões da *Germânia*. Com efeito, as colinas se prolongam, baixando imperceptivelmente, e a própria floresta segue fielmente os catos, e não os abandona senão nas suas fronteiras".(43)

De acôrdo com este trecho, notamos que os catos ocupavam tôda a extensão da floresta Hercínia, nome pelo qual se conhecia, a partir do primeiro século da nossa era, as cadeias cobertas de vegetação e que percorriam tôda a *Germânia* independente na direção oeste-este, desde o Moenua (Meno) até o Margus (Morava).(44) Malte-Brun(45) procurou tornar mais precisa esta localização, atribuindo aos catos o Hesse e a região de Fulda e de Hanau, com uma parte da Francônia. Lamprecht foi do mesmo parecer, visto que nos diz que "os catos (vagaram) pelo Westerwald e (chegaram) ao Reno, pelo vale do Lahn, onde subjugaram os úbios, um povo do ramo istevônico aí domiciliado, parecendo então terem-se fixado nas proximidades de Siebengebirge".(46)

(39) E. Heyck, *Die Deutschen bis zur Mitte des 14 Jahrhunderts*, in *Weltgeschichte* sob a direção de Helmolt, pág. 358.

(40) Aproximadamente 148 quilômetros.

(41) *Naturalis Historia*, IV, 29.

(42) *Germânia*, XXIX.

(43) *Idem*, XXX.

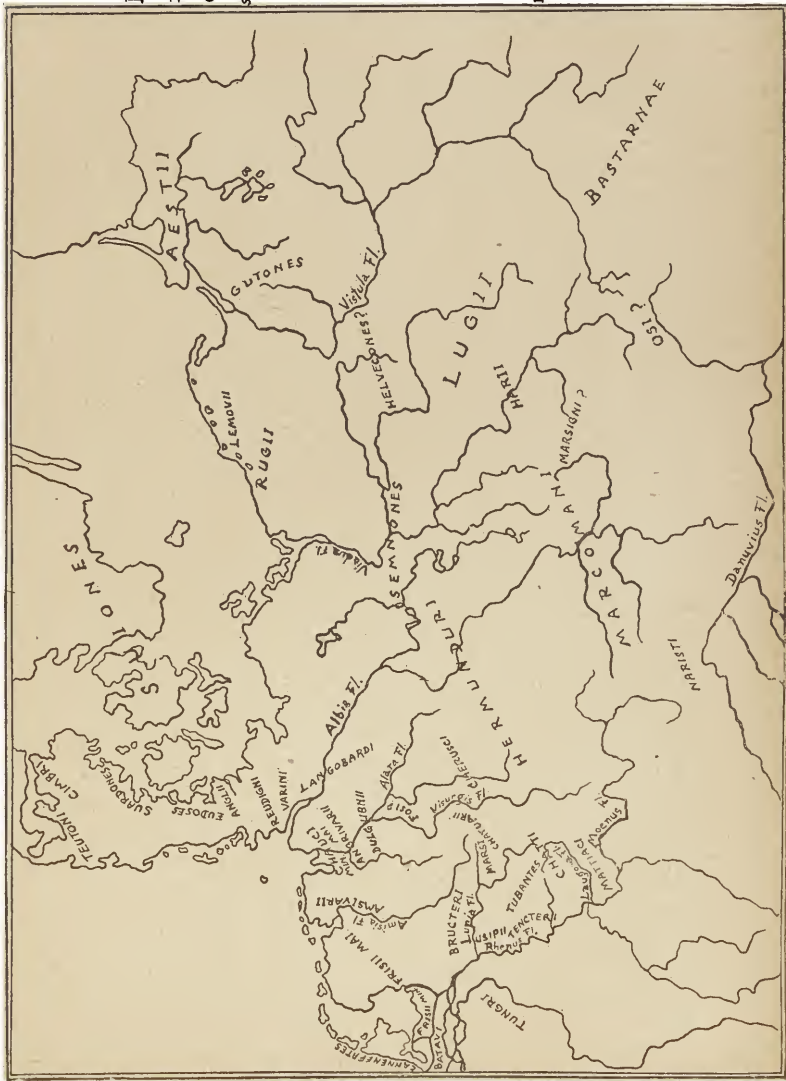
(44) M. Besnier, *Lêxique de Géographie ancienne*, pág. 362. Plínio também fala desta floresta, na *Naturalis Historia*, IV, 28.

(45) Apud J. L. Burnouf, *Oeuvres de Tacite*, pág. 638, nota 2.

(46) Lamprecht, *op. cit.*, I, pág. 100.

**DISTRIBUIÇÃO
DOS POVOS
GERMÂNICOS
SEGUNDO TÁCTO**

Escala: 1:750000



Como verificamos pela observação de um mapa, o rio Lahn banha justamente a região de Hesse, onde se inclui o Westwewald, a noroeste do qual estão as Siebengebirge. Há, dêste modo, perfeita concordância entre os dois autores citados, quanto à localização do povo de que tratamos.

Segundo F. Dahn,(47) “uma outra tribo dos catos eram os catu-vários, porém é difícil determinar a área do seu habitat”. Esta tribo dos *Chasuarii*, tal como aparece mencionada por Tácito, no cap. XXXIV da *Germânia*, seria a mesma dos *Atuarii*, que encontramos na *História Romana* de Veleio Patérculo (II, 105). O próprio F. Dahn, entretanto, menciona um cantão medieval de Hattera, cujo nome seria derivado dos *Chasuarii*. Nestas circunstâncias, poderíamos também, sem grande dificuldade, admitir que o nome de Hattersheim, de uma pequena localidade situada sobre o Schwarzbach, rio que desemboca na margem direita do Meno, alguns quilômetros abaixo de Francfurte, se tenha originado do mesmo povo. Se tomarmos êste fato como ponto básico para a localização dos casuários, encontrá-lo íamos então no mesmo território ocupado pelos catos, o que confirmaria a asserção de serem êles um ramo dêste grande povo. Ainda na mesma região encontraram-se nomes que parecem demonstrar a mesma suposta origem, como por ex., *Ober Hattert*. Tal não é, todavia, a opinião de abalisados tradutores de Tácito, que colocam os casuários bem mais ao norte, nas margens do Vesper, perto das fontes do Lippe.(48)

Depois de ter tratado dos catos, Tácito passa a se referir aos usípios e aos tencteros, que já foram objeto de nossa atenção e, no cap. XXXIII diz que “lado a lado com os tencteros, faziam-nos face, antigamente, os bructeros. Hoje, segundo se diz, os camavos e os angrivários tomaram o lugar dêste povo”.

Interpretando-se ao pé da letra o citado trecho, chegaremos à conclusão de que os bructeros estavam situados na margem direita do Reno, uma vez que ficavam ao lado dos tencteros e em frente aos romanos. Há, porém, outra passagem de Tácito que nos fornece um novo dado a respeito da localização dos bructeros; diz-nos êle nos *Anais* (I, 9), tratando das campanhas de Germânico: “Para impedir que todo o pêso da guerra recaísse sobre um ponto só, e afim de dividir as forças do inimigo, êle enviou Cecina para o Ems, pelo país dos bructeros, com 40 coortes romanas.

Neste caso, correndo o Ems paralelamente ao Reno, mas sendo o seu curso bem menor, podemos estabelecer os bructeros entre o Reno e o curso superior do Ems, ou seja, — de acôrdo com J. L.

(47) *Op. cit.*, pág. 21.

(48) J. L. Burnouf, *Oeuvres complètes de Tacite*, pág. 640, nota 1; Goelzer, trad. da *Germânia*, pág. 196, nota 1.

Burnouf, — na parte baixa da Vestfália, entre o Ems e o Lippe, chegando ao Reno.(49)

Os angrivários, mencionados por Tácito nos caps. XXXIII e XXXIV da *Germânia*, aparecem também nos *Anais* (II, 8, 19 e 22). Num destes capitulos (dezenove), o autor nos diz expressamente que os angrivários eram limítrofes dos queruscos, visto que “tinham construído uma grande fortificação que servia de barreira entre elles”. Conclui-se ainda, da leitura do mesmo trecho, que havia também um pântano entre os dois povos.

Estariam os angrivários estabelecidos nas duas margens do Vesper, na região da embocadura do Alter. Quanto ao seu nome, — segundo F. Dahn, — significaria *homens do Anger*, outra denominação para o mesmo rio Vesper.(50) Este nome, aliás, teria permanecido como designativo de agrupamentos posteriores, como por ex. o dos engros, intermediários entre os saxões e os vestfálios.(51)

Estreitamente ligados aos angrivários estavam os camávios, juntamente com os quais aquêles atacaram os bructeros, “em combinação com as populações vizinhas, escorraçaram-nos e aniquilaram-nos por completo, quer por ódio ao orgulho dêles, quer pelo interesse do saque, quer por um favor particular dos deuses para conosco”.(52) Pouco mencionados nos relatos de que dispomos a respeito dos germanos, os camávios só se fizeram notar por terem avançado para oeste, sob a pressão de outros povos, localizando-se depois na região de Hamm, na bacia do Samara (Somme). Tanto os angrivários como os camávios eram freqüentemente obrigados a procurar novos lugares para se estabelecerem, em virtude da pressão que, sobre elles, exerciam os caucos.

“Os angrivários e os camávios têm atrás de si os dulgúbnios e os casuários e outros povos menos conhecidos que os rodeiam; pela frente, confinam com os frisões”.(53)

Êstes casuários são os mesmos catuários, de que já falamos. Quanto aos dulgúbnios, são elles pouquíssimas vêzes mencionados, e o principal trecho que a elles se refere é o citado cap. XXXIV da *Germânia*, no qual é evidente a maneira bem pouco precisa de localizar os povos *atrás* ou à *frente* de algum outro. Em todo caso, êstes dulgúbnios parece que tinham como região central certo trecho da

(49) *Oeuvres complètes de Tacite*, pág. 639, nota 2.

(50) F. Dahn, *op. cit.*, pág. 25.

(51) É o que também nos diz A. von Hofmann: “Encontramos a principal porção dos saxões estabelecida à esquerda do Elba. No meio, os engros, descendentes dos antigos angrivários; a oeste dêstes, contra o Reno, estavam os vestfálios, misturados com muitas outras populações, particularmente a dos queruscos”. (*Op. cit.*, pág. 109).

(52) *Germânia*, XXXIII.

(53) *Germânia*, cap. XXXIV.

margem esquerda do Vesper, estendendo-se talvez até o Ems; possuíam êles o seu maior núcleo de povoamento na localidade de Ascalingium.⁽⁵⁴⁾

Já os frisões merecem bem maior destaque que os últimos povos citados. "Receberam os nomes de grandes e de pequenos frisões, por causa da importância das suas forças. Estas duas tribos têm o Reno por limite até o Oceano, e rodeiam lagos, onde outrora navegavam frotas romanas". Estas linhas da *Germânia* (XXXIV) podem ser completadas por Plínio-o-Antigo, que nos diz que "no próprio Reno, sôbre uma extensão de quase 100.000 passos, está a mui célebre ilha dos batavos e dos caninefatos; outras, que pertencem aos frisões, aos frisiabões... estendem-se entre o Helius e o Flevum; é assim que são chamados os braços pelos quais o Reno se espraia ao norte, nos lagos".⁽⁵⁵⁾ Êstes lagos, de que falam ambos os autores, e em tórno dos quais viviam os frisões, são os mesmos que, avolumando-se, reuniram-se formando o atual Zuiderzee.

Tácito dividia os frisões em grandes e pequenos; o mesmo se dava com Plínio, — como ensina F. Dahn,⁽⁵⁶⁾ — com a diferença que êle denominava os pequenos frisões de frisiabões. Para o mesmo autor, "o grupo maior ocupava a margem oriental do Issel, e o menor achava-se estabelecido na margem ocidental dêste braço do Reno. Ora, o Issel, provávelmente, nada mais seria senão o mesmo Navália, braço oriental do curso inferior do Reno e que se encontra mencionado por Tácito, nas *Histórias* (V, 26).⁽⁵⁷⁾ de Qualquer maneira, os frisões localizar-se-iam, então, na parte inferior do vale do Reno, ao norte dos camávios, angrivários e "outros povos menos conhecidos". Contudo, estariam êles confinados à região situada entre o Reno e o Ems, visto que a oriente dêste estavam os caucos.

Vimos, assim, os povos incluídos por Tácito na parte mais ocidental da *Germânia* independente; de fato, tratamos apenas da faixa compreendida entre o Reno e o Ems, estendendo-se, por vêzes, até o Vesper.

Sempre na região litorânea, a este do Ems, estava a nação dos caucos, na parte em que "a *Germânia* sobe para o norte, descrevendo uma grande curva; ainda que ela comece na região dos frisões e ocupe uma parte do litoral, ela bordeja, não obstante, tôdas aquelas

(54) Não se sabe ao certo a que localidade atual poderia corresponder a antiga Ascalingium, hesitando-se entre Linhen e Hildesheim, apesar da distância que as separa. No mapa organizado por Carl Müller de acôrdo com os dados fornecidos por Ptolemeu (in *Historischer Schul-Atlas*, de F. W. Putzger), a referida localidade está situada às margens do Vesper, aproximadamente a 170 kms. da embocadura do mesmo rio.

(55) *Naturalis Historias*, IV, 29.

(56) *Op. ci.*, pág. 27.

(57) "A ponte do Navália foi cortada pelo meio..."

(nações) que já mencionei e, curvando-se, atinge até as fronteiras dos catos".⁽⁵⁸⁾ Tais limites abrangeriam, no dizer de Tácito, uma "imensa região de terra". Todavia, neste ponto, quer nos parecer que o grande historiador não acertou: o território dos caucos ia, pelo litoral, desde o Ems até o Elba, incluindo também certas ilhas do mar do Norte, conforme se vê na *Naturalis Historia* (IV, 29).⁽⁵⁹⁾ Apenas nos parece estranho é estarem essas ilhas localizadas na embocadura do Reno, sendo mais provável que se tratasse, ou das ilhas frisias de leste, ou das ilhas que teriam existido no delta então formado pelo Vesper.⁽⁶⁰⁾ Tal confusão é bem compreensível, visto que o próprio Plínio é quem nos dá o depoimento sobre a deficiência de conhecimentos a respeito da Germânia, na sua época.⁽⁶¹⁾ Com relação à faixa litorânea ocupada pelos caucos, há quem seja de opinião que ela era um pouco mais reduzida; Goelzer, p. ex., pensa que ela se estendia entre o Ems e o Vesper, e não entre o Ems e o Elba.⁽⁶²⁾

Em relação à penetração dos caucos pelo interior, até mesmo atingindo o território dos catos, conforme o testemunho de Tácito, tal não parece ter sido real, como bem nos afirma F. Dahn,⁽⁶³⁾ mesmo porque entre uns e outros estavam os queruscos. A natureza da região por eles habitada, contudo, faz-nos supor uma verdadeira necessidade de expansão do povo, de uma emigração para terras melhores. A este respeito, basta que se leia o que nos diz Plínio, que andou por esta região em expedição militar: "Mas, eu próprio vi, no norte, os caucos, que se dividem em grandes e pequenos; há lá um espaço imenso, invadido duas vezes cada vinte e quatro horas, pelas ondas transbordantes do Oceano, que invade o cenário da eterna questão estabelecida pela natureza, a saber, se a região pertence à terra ou ao mar. Uma nação miserável aí ocupa as colinas elevadas, ou os morros feitos pela mão do homem acima das mais altas marés, ponto este conhecido pela experiência. Acham-se ali as cabanas dos povoadores do lugar. Semelhantes a navegadores quando as águas cobrem tudo ao redor, a naufragos, quando elas recuam, estes homens perseguem em torno de suas cabanas os peixes que fogem para o mar. Eles não podem ter rebanhos, nutrir-se de leite, como as nações limítrofes, nem mesmo guerrear contra os animais selvagens, visto que toda a mata só nasce bem ao longe. Com algas e juncos marinhos eles preparam cordas para tecer suas rédes; modelam com a mão o

(58) *Germânia*, XXXV.

(59) "No próprio Reno...; outras (ilhas), que pertencem aos frisões, aos caucos....."

(60) A. von Hofmann, *op. cit.*, I, pág. 57.

(61) "...quanto à Germânia, ela não foi conhecida senão muitos anos ano depois, e não o é ainda mesmo inteiramente". (*Naturalis Historia*, IV, 28).

(62) Goelzer, trad. da *Germânia*, pág. 196, nota 4.

(63) F. Dahn, *op. cit.*, pág. 27.

barro, que depois secam mais ao vento do que ao sol, e é com isto que cozinham os seus alimentos e aquecem as suas entranhas, geladas pelo vento norte; não têm por bebida senão a chuva guardada em buracos cavados à entrada de suas casas. E eis as nações que, diante da conquista romana, ousam exclamar: “Eles nos reduzem à escravidão! Seja. Frequentemente a fortuna poupa aqueles que ela quer punir”.(64)

Como se vê, é verdadeiramente admirável que, vivendo nestas condições, os caucos pudessem dar margem a que Tácito os considerasse como um povo “sem cobiça, sem desejos de conquista, tranquilos e vivendo em paz, eles não provocam guerra alguma, não praticam rapinas e nem banditismos”. O próprio Tácito, porém, desmente, em certa medida, esta afirmação, ao nos mostrar, em 59, os caucos invadindo e ocupando o território dos *amsivariü*.(65)

Dividiam-se os caucos, — conforme se leu no citado trecho de Plínio, — em grandes e pequenos, estando os primeiros a oeste e os outros a leste do Vesper. F. Dahn, baseando-se para isto no grande número de fortes contingentes com que os caucos contribuíam para o exército romano, pensa que sob este nome ficavam compreendidos vários povos. Tal não impediu, contudo, que o nome desaparecesse a partir das grandes migrações.(66)

No cap. XXXVI da *Germânia*, Tácito nos dá notícia dos queruscos, que viviam “ao lado dos caucos e dos catos”; seria melhor, talvez, falar “entre os caucos e os catos”, conforme já foi visto.

Ao tratar da derrota dos queruscos pelos catos, no mesmo capítulo, o historiador menciona “os fosos, população confinante”, dizendo ainda que “foram arrastados na ruína dos queruscos”; “partilharam com igualdade do seu infortúnio, embora não tivessem participado da sua prosperidade”.

De acôrdo com J. L. Burnouf,(67) “os fosos habitavam, provavelmente, no principado de Hildesheim, onde corre o rio de Fusa, cujo nome parece ter, com o de Fosi, uma relação de origem”. Ora, estes fosos não merecem destaque, não só entre os outros escritos de Tácito, mas também entre os demais autores que trataram do assunto. Isto nos dá a idéia de que eles nada mais eram que uma população secundária, dominada pelos queruscos; a esta impressão se adaptam as pa-

(64) *Naturalis Historia*, XVI, 1, 3.

(65) “Estes mesmos campos (terras vacantes destinadas ao uso das tropas) foram invadidos pelos ansivários. . . . Expulsos pelos caucos, sem terras onde se fixar, eles imploravam um exílio tranquilo”. (Tácito, *Anais*, XII, 55).

(66) A. von Hofmann, *op. cit.*, I, pág. 108.

(67) *Oeuvres complètes de Tacite*, pág. 641, nota 1.

lavras de Tácito, segundo as quais os fosos partilharam dos infortúnios, mas sem terem gosado da prosperidade dos queruscos.

x x x

Os cimbro são objeto de considerações a respeito do perigo germânico, no cap. XXXVII, após o qual “é necessário falar agora dos suevos, que não são, como os catos e os tencteros, um só e único povo. Êles ocupam a maior parte da Germânia, e são divididos em muitas nações, das quais cada uma conservou o seu nome, ainda que tôdas recebam o nome comum de suevos”.⁽⁶⁸⁾

Interessante para nós seria podermos determinar exatamente o caráter desta liga de diversas nações, problema êste ligado ao que já abordamos no princípio d’este capítulo. A êste respeito, é bastante plausível a explicação aventada por E. Heyck.⁽⁶⁹⁾ Para êste autor, entre as diversas nações germânicas deviam formar-se ligas, de caráter quase sempre temporário, determinadas exclusivamente pela existência de um fim comum, geralmente de ordem bélica; preenchido êste fim, dissolvía-se a liga. Todavia, para que houvesse maior consistência entre as diferentes nações, nestas circunstâncias, era invocada uma base de característica religiosa. “Muitas ligas duraram apenas o tempo suficiente para uma expedição militar. Outras permaneciam em estado latente, como que aguardando a pressão de um motivo mais forte para ressuscitar. Acreditamos também que as ligas organizadas então sôbre base religiosa, não eram esquecidas, desde que o seu conteúdo político se mantivesse suficientemente vivo. Ulteriormente, ligas houve que, durante muito tempo, talvez pelo decurso dos séculos, permaneceram, por assim dizer, válidas, ainda que, por fim só mediane certos efeitos e reminiscências manifestassem a sua existência o que se verificou com os suevos na época de Tácito”.

Nestas circunstâncias, o principal laço de permanente coesão entre as diversas nações participantes de uma liga, era de caráter religioso. Ora, entre os germanos, como entre muitos outros povos no início de sua história, havia certos hábitos explicáveis pelas crenças religiosas. Neste caso, não se poderia explicar então, por um laço religioso comum, aquele “costume particular a êstes povos”, e que consistia em “juntar os cabelos e ligá-los com um nó?”.⁽⁷⁰⁾ — Note-se, além do mais, que “assim se distinguem os suevos dos outros germanos e, entre os suevos, o homem livre do homem escravo”; isto é, o homem livre, que estava ligado à ou às divindades sob cujo patrocínio se constituía a liga, prende os seus cabelos com um nó, ao passo

(68) *Germânia*, cap. XXXVIII.

(69) *Op. cit.*, pág. 359.

(70) *Germânia*, cap. XXXVIII.

que os escravos, — excluídos da proteção dos deuses, — não têm o direito de fazê-lo. E ainda mais, vemos, no cap. XXXIX da *Germânia*, que os semnões, que “se dizem os mais antigos e os mais nobres dentre os suevos”, possuíam “uma floresta consagrada desde longo tempo pelos áugures do seu país”, onde, “em épocas marcadas, todos os povos do mesmo sangue se reúnem por via de delegações”. Fica assim, evidente, o caráter religioso das ligas, tanto mais se considerarmos a expressão “povos do mesmo sangue”, que se refere a todos os suevos, e não apenas aos semnões.

Quanto à localização geográfica dos suevos, para Malte-Brun,⁽⁷¹⁾ Tácito estende o nome de *suevos* a todos os povos que viviam entre o Elba e o Oder, e até mesmo, aos da Escandinávia. Esta questão, contudo, ficará mais clara pela localização dos diversos grupos integrantes da liga de que tratamos; para tanto, só podemos contar com o relato de Tácito, visto que, de Plínio, nada temos que se refira ao assunto.

O primeiro povo suevo mencionado na *Germânia* é o dos semnões⁽⁷²⁾ que, — segundo Cluvier,⁽⁷³⁾ — habitavam o Elba, o Oder, o Varta e o Vístula, abrangendo assim uma região correspondente hoje em dia a uma parte de Brandeburgo, da Silésia, de Saxe e da Mísnia. Que o Elba fôsse um dos limites dos semnões, isto nos é atestado mesmo por um autor romano, Veleio Patérculo, onde vemos que “o exército romano conduzido, insígnias desfraldadas, à distância de quatrocentas milhas, desde o Reno até o Elba, que banha as fronteiras dos semnões e dos hermundurios”.⁽⁷⁴⁾ O vale do Elba parece até ter sido a região central dos semnões, uma vez que lá se localizava o seu bosque sagrado, conforme nos diz Lamprecht: “Por assim dizer, o coração do corpo germânico tinha pulsado no Elba, havia cinco séculos, lá onde o bosque sagrado dos semnões reunia anualmente, para o culto, a todos os povos suevos”.⁽⁷⁵⁾

Importante foi o papel desempenhado pelos semnões no desenrolar da história interna da Germânia: foram eles incluídos por Marobodo no seu império, mas combateram ao lado de Armínio, quando este moveu guerra contra os marcomanos.⁽⁷⁶⁾

Relativamente à situação geográfica do povo, porém, vimos que, — a seguirmos Cluvier, — os semnões estariam habitando toda a região povoada pelos suevos: do Elba ao Oder. Vejamos, pela situação dos demais povos, se será possível uma delimitação mais precisa

(71) Apud Burnouf, *op. cit.*, pág. 642, nota 1.

(72) Ver à pág. 34 o trecho das *Res Gestae* em que se fala deste povo.

(73) Apud Burnouf, *op. cit.*, pág. 642, nota 2.

(74) *História Romana*, II, 106.

(75) Lamprecht, *op. cit.*, I, pág. 286.

(76) Tácito, *Anais*, II, 45.

do território dos semnões. É verdade, contudo, que o papel preponderante que cabia a êste povo entre os suevos, dando margem a que Tácito dêles dissesse que “ocupam cem cantões, e esta massa de forças os persuade de que são a cabeça da nação dos suevos”,⁽⁷⁷⁾ daria aso a verdadeiras confusões, até mesmo a de tomá-los pela totalidade dos suevos.

Os lombardos, que encontramos na *Germânia* logo a seguir, tiravam o seu nome de uma ocorrência lendária verificada durante um combate entre os vândalos e os vinilos;⁽⁷⁸⁾ os primeiros teriam implorado a vitória ao deus Wodan, e os outros, à sua espôsa, Freia. “Pela astúcia de sua mulher, viu-se o deus obrigado a conceder a vitória aos Vinilos, que desde então passaram a chamar-se *Lombardos*. Pois, a conselho de Freia, as mulheres dos Vinilos haviam deixado cair suas cabeleiras sôbre o rosto e Wodan, ao amanhecer, perguntou quem eram aqueles *Langbärte*. Ao dizer isso, êle lhes dera um nome, e a isto devia seguir-se também como prêmio, a vitória”.⁽⁷⁹⁾ Esta hipótese sôbre a origem dos lombardos não é unânimemente aceita; há, p. ex., quem seja de opinião que “êles tinham tirado o seu nome de sua arma, — a longa barda, ou aça d’armas”.⁽⁸⁰⁾

Os lombardos seriam originários da Península Escandinava, de acôrdo com o que nos diz Paulo Diácono, e a arqueologia confirma êste ponto de vista, permitindo que se suponha que a sua emigração para o continente se verificou na época de transição entre o período do bronze e o do ferro. Tudo isto, porém, não passa de hipótese; com certeza, apenas podemos dizer que os lombardos, originariamente, deviam habitar uma região não muito distante do mar Báltico.⁽⁸¹⁾ No início da nossa era fixaram-se êles na região do vale inferior do Elba, num lugar chamado Bardangau (Bardanga),⁽⁸²⁾ onde se achavam quando foram mencionados pela primeira vez, no ano 5 d.C.. É esta também a localização proposta por Lamprecht, para o qual os lombardos deviam ocupar a parte inferior do vale do Elba, enquanto que

(77) *Germânia*, cap. XXXIX.

(78) De acôrdo com Paulo Diácono (apud Karsten, *op. cit.*, pág. 46), êste teria sido o nome dos lombardos (Winiles), quando ainda se achavam na Escandinávia.

(79) E. Mogck, *Mitologia Nórdica*, pág. 91. Tal lenda nos foi transmitida por Paulo Diácono, na sua *Historia Langobardorum*, I, 8. Quanto ao fato de ter sido atribuída a vitória aos vinilos, “era um costume dos antigos germanos que a atribuição do nome à criança, pelo padrinho, fôsse seguida de um presente, o qual foi, para os vinilos, a vitória”. (Schlender, *Germanische Mythologie*, pág. 182).

(80) L. Stacke, *Deutsche Geschichte*, I, pág. 58.

(81) T. E. Karsten, *Les anciens Germains*, pág. 47.

(82) Talvez mesmo o nome *Bardangau* pudesse ser decomposto em *Gau* e *Bardan*, com o significado de *Gau dos Bardan*, forma evoluída de *langobardos*.

os semnões ocupá-lo-iam na sua parte média.⁽⁸³⁾ Todavia, parece que, antes de se fixarem definitivamente no vale do Elba, os lombardos erraram durante um certo tempo pela Europa do Norte; assim, já haviam eles estado na região compreendida entre o Veser e o Elba, e para a margem direita deste rio foram recalçados pelas campanhas de Tibério contra os Germanos,⁽⁸⁴⁾ passando então a ocupar a região correspondente hoje em dia ao Magdeburgo e à Média Marca.⁽⁸⁵⁾ Foi êsse, ainda, o mesmo povo que desceu para o Danúbio, na Panônia, ameaçando o *limes* romano no II século.

No mesmo capítulo em que trata dos lombardos, Tácito menciona diversos outros povos, como segue: "Vêm em seguida os reudignos, os aviões, os anglos, os varinos, os eudósios, os suardões e os nuitões, todos protegidos por rios ou por florestas".⁽⁸⁶⁾

Um primeiro reparo a ser feito com relação a estas linhas, diz respeito à expressão *em seguida*.⁽⁸⁷⁾ Pretende o historiador, com isto, tratar do ponto de vista da situação geográfica? — Neste caso teríamos de admitir que todos êsses povos se achavam para além dos lombardos e dos semnões. Ou pretende êle com isso evidenciar que, na escala das nações suevas, — cuja preeminência cabia aos semnões, — os reudignos, aviões, etc., estavam abaixo dos lombardos?

Em qualquer hipótese, porém, como o próprio Tácito nos diz, todos "êstes povos, considerados separadamente, nada oferecem de notável". Os demais textos da época nada dizem a êste respeito, e ainda hoje em dia, os modernos autores da história germânica pouco ou nada nos contam com relação a quase todos êstes povos, de tal maneira que se justificam perfeitamente as seguintes palavras de J. L. Burnouf: "de todos êstes povos, com exceção dos anglos, nada mais se sabe do que os nomes. É certo, entretanto, que êles habitavam entre o Oder, o Elba e o Báltico, ocupando assim o Mecklemburgo e uma parte do Holstein".⁽⁸⁸⁾ Apesar de tôdas as dificuldades reinantes sôbre o assunto, podemos ainda, apoiando-nos em M. Bes-

(83) Lamprecht, *op. cit.*, pág. 236. Todavia, quanto ao número, não podia haver comparação entre uns e outros, visto que se "a massa das forças persuadia os semnões de que eram a cabeça da nação dos suevos", já a "glória dos lombardos é o seu pequeno número" (*Germânia*, XL). De fato, êles eram, apesar de pouco numerosos, afamados pelo seu valor guerreiro, conforme nos dá prova o testemunho de Veleio Patérculo: "Os lombardos mais ferozes e mais selvagens ainda que os germanos..." (*Historia Romana*, II, 106).

(84) M. Besnier, *Lexique...*, art. *Langobardi*, pág. 413.

(85) J. L. Burnouf, *op. cit.*, pág. 643, nota 1.

(86) Entre os autores da Antiguidade, apenas Tácito faz referência a êstes povos, na sua maioria.

(87) "*Reudigni deinde et Aviones...*"

(88) J. L. Burnouf, *op. cit.*, pág. 643, nota 2.

nier,⁽⁸⁹⁾ tornar um pouco mais precisa a localização destes povos. Assim, os aviões habitariam as ilhas que ficavam a ocidente do Quersoneso Címbrico; os varjnos, que Plínio liga, não aos suevos, mas aos *vindiles*, estariam na margem direita do curso inferior do Elba; os eudósios ocupariam o sul do Quersoneso Címbrico, sobre o *Sinus Codanus*; os suardões seriam também litorâneos, das costas do *Mare Suebicum*. Os reudignos, segundo G. Eckholm,⁽⁹⁰⁾ ocupavam o território dos caucos, no baixo Elba, mais ou menos no fim do século II, e foram, — provavelmente, — identificados com os saxões. Em relação aos naitões, nada encontramos.

Quanto aos anglos, — segundo F. Dahn, — “não se devem confundir com os conquistadores da Inglaterra, ou seja, com os anglos setentrionais, que ocupavam um recanto entre o rio Sleie e a baía de Flensburg, recanto ainda hoje conhecido pelo nome de *Anglia*”.⁽⁹¹⁾ Os anglos que encontramos no cap. XL são os meridionais, localizados por F. Dahn ao sul dos lombardos, e que pouco a pouco, “confundiram-se com os seus vizinhos mais meridionais, os turingios, para formarem um novo grupo, chamado dos *nordschwabos*, isto é, *suevos do norte*. O cantão de *Engelgau*, na região de *Schwarzburgo*, conserva em seu nome um vestígio deles”. A mesma opinião, porém, não é a de G. Eckholm, para o qual os anglos que encontramos na *Germânia* teriam o “seu centro tribal originário da península *Angel*, no *Slesvig oriental*”.⁽⁹²⁾

Os sete povos do cap. XL são interessantes para nós, por oferecerem um outro exemplo de reunião de muitas nações em torno de um culto comum, como se depreende da leitura do mesmo capítulo: “um uso comum a todos é a adoração de *Nerthus*,⁽⁹³⁾ isto é, a *Terra-Mãe*”.

Prosseguindo na enumeração dos povos suevos, Tácito, no cap. XLI passa a tomar como base o Danúbio, “assim como até aqui temos tomado o Reno”, e coloca em primeiro lugar, “mais perto (das nossas fronteiras), a cidade dos *hermunduros*”. Aparentemente, Tácito fornece-nos também um ótimo ponto de referência para a localização dos *hermunduros*, visto nos dizer que “no território dos *hermunduros* está a fonte do Elba, rio outrora célebre e conhecido nosso”. Porém, se tal se verificasse, o território deste povo seria muito dilatado, pois deveria estender-se desde a região habitada pelos *catos*,

(89) “*Lexique...*”, nos artigos correspondentes aos diversos povos.

(90) G. Eckholm, in *Cambridge Ancient History*, vol. XI, pág. 55.

(91) F. Dahn, *op. cit.*, pág. 25.

(92) G. Eckholm, *op. loc. cit.*

(93) Este nome aparece de forma diferente, conforme o manuscrito da *Germânia*; temos, assim, *Nertum*, *Neithum*, *Nerthum* (*Goelzer, op. cit.*, pág. 200, nota 2).

— com os quais os hermunduros faziam fronteira, — até o Riesengebirge. O que parece é que “Tácito ou a sua fonte, confundiu o Elba com o seu grande afluente da margem esquerda, o Saale, que nasce na Turíngia, no Fichtelgebirge”.⁽⁹⁴⁾

Para o lado noroeste, os hermunduros limitavam com os catos, povo que os guerreava continuamente, luta esta motivada pela disputa acerca da posse do rio que os separava. A êste respeito, diz-nos F. Dahn: “Este rio, tão vivamente cobiçado, não pode ser senão o Verra ou Saale franco, porém, de modo algum, o Saale turingio. Sob o nome de Hermunduros se compreendia um grande povo suevo, e isto explica o dilatado do seu território, que pelo norte confinava com o Harz, a sudeste com os sudetos e o país dos marcomanos; a sudoeste com a muralha de Adriano e com a região do *dízimo dos romanos* (*Agri Decumates*); a noroeste com o Verra e com o país dos catos e para leste, finalmente, atravessava o Elba e ia confinar com os semnões”.⁽⁹⁵⁾ Aliás, já desde o século XVII Eckhard inclinava-se a favor do Saale.⁽⁹⁶⁾

Concluimos, portanto, que os hermunduros ocupavam uma região que ia desde o Verra ao Elba, passando pelo Saale turingio. Que o Elba fôsse fronteira entre êles e os semnões, isto nos é atestado por Veleio Patérculo, na sua *História Romana* (II, 106) em linhas reproduzidas páginas atrás. A mencionada região corresponde, atualmente, à Turíngia e à Baviera Setentrional. Aliás, a Turíngia deve o seu nome precisamente ao povo de que tratamos: *hermunduros*, que significa *os principais entre os duros*, forma que evoluiu para o que atualmente se usa, — turingios, — depois de ter passado pela forma *duringos*.⁽⁹⁷⁾ É possível, contudo, que o nome *hermunduros* se tenha derivado de *hermiones* e de *duri*, ou *durones*,⁽⁹⁸⁾ e assim sendo, nós deveríamos procurar nesta região o terceiro grande grupo de tribos mencionado por Tácito.⁽⁹⁹⁾ G. Eckholm faz notar que isto é confirmado pelo fato de que, — a acreditar-se em Plínio, — os hermiões habitavam o interior da Germânia e eram formados, *inter alia*, pelos suevos, hermunduros, catos e queruscos.

Os hermunduros, ao que parece, estabeleceram-se na região que acima foi delimitada, por volta de 20 a.C., — segundo ensina Lamprecht, — por ocasião de um impulso migratório dos suevos em di-

(94) Goelzer, *op. cit.*, pág. 201, nota 2.

(95) F. Dahn, *op. cit.*, pág. 25. A respeito da luta entre catos e hermunduros, veja-se Tácito, *Anais*, XIII, 57.

(96) Eckhard, *De origine germanorum, migrationibus ac rebus gestis*, apud Burnouf, *op. cit.*, pág. 300, nota 1.

(97) F. Dahn, *op. cit.*, pág. 25.

(98) M. N. Bouillet, *Dictionnaire universel d'histoire et de géographie*, art. *Hermundures*, pág. 817.

(99) G. Eckholm, *op. cit.*, pág. 56.

reção do ocidente.⁽¹⁰⁰⁾ “Perto dos hermundurios”, — continua a *Germânia*, — “vivem os naristos, depois os marcomanos e os qiados”.

Os naristos, ao contrário do que se verifica com os outros dois povos, são mencionados por Tácito unicamente na *Germânia*, e localizavam-se na margem esquerda do Danúbio, a oeste da *Silva Gabreta*,⁽¹⁰¹⁾ ou seja, o atual *Böhmerwald*. Burnouf procura tornar mais exata esta localização, dizendo-nos que “os naristos ocupavam a parte da Baviera que está entre a Boêmia e o Danúbio”.⁽¹⁰²⁾

Os naristos faziam fronteira com os marcomanos, “que são os primeiros, pela glória e pelo poder; o próprio país em que eles estão instalados, após terem feito a expulsão dos bóios, é uma conquista do seu valor”.⁽¹⁰³⁾

Ora, a região ocupada pelos bóios, e que deles recebeu o nome, é a atual Boêmia (*Boiohoemum*), limitada pelos montes Sudetos, Vandálicos e Sarmáticos, e ao sul, pelo Danúbio. Tal fato, além de ser atestado por Tácito, o é também por Veleio Patérculo.⁽¹⁰⁴⁾ Mas, como foi esta região ocupada pelos marcomanos, se até o seu próprio nome é derivado dos bóios? — O mesmo Veleio Patérculo nos dá a resposta a esta pergunta, no livro II, 108, de sua obra: “Nada mais havia a vencer na Germânia, senão os marcomanos, povo que, sob a chefia de Marabodo, tinha abandonado o seu antigo território e, tendo avançado para o interior, viera habitar as planícies cercadas pela floresta Hercínia”.

Explica-se assim o estabelecimento dos marcomanos na Boêmia, mas restar-nos-ia determinar o lugar de sua procedência e as causas de sua migração.

De acôrdo com Lamprecht,⁽¹⁰⁵⁾ ao mesmo tempo que os catos, — como já foi visto, — os marcomanos entraram pelo caminho situado entre *Thüringerwald* e as montanhas hessenses e atingiram, assim, a região do Meno e do Hesse. Os marcomanos, bem como populações afins, dirigiram-se a seguir para o sul da moderna Alemanha, até o Reno, e estabeleceram-se no vale dêste rio. O próprio Lamprecht, continuando, nos dá a época dêstes acontecimentos, ao mesmo tempo que, — refletindo o período em que escreveu a sua obra, — procura na História fundamentos para os direitos alegados pelos alemães sôbre a Alsácia-Lorena: “já uma década depois da derrota dos cimbros e teutões, instalavam-se troncos alemães na Alsácia e no Palatinado”.

(100) Lamprecht, *op. cit.*, pág. 105.

(101) M. Besnier, *op. cit.*, art. *Varisti*, pág. 805.

(102) J. L. Burnouf, *op. cit.*, pág. 644, nota 3.

(103) *Germânia*, XLII.

(104) *História Romana*, II, 109: “Ele tinha à sua esquerda e à frente, a Germânia; à sua direita, a Panônia; atrás, o país dos nóricos”.

(105) K. Lamprecht, *op. cit.*, I, 99.

Durante muito tempo tiveram os marcomanos que defender êste seu domínio contra os celtas e, mais tarde, contra os romanos.⁽¹⁰⁶⁾ Por fim, as campanhas de Druso na Germânia, principalmente contra os catos (11-9 a.C.), obrigaram-nos a emigrar, visto que “a consequência da guerra dos catos, era que os germanos do Meno sentiram-se então inseguros no vale do rio, que passara a ser região desprotegida, e procuraram concentrar-se em territórios mais defendidos”.⁽¹⁰⁷⁾ Nestas circunstâncias, Marobodo, chefe dotado de “fôrça pouco comum” e de “alma altiva e corajosa”,⁽¹⁰⁸⁾ resolveu transplantar o seu povo para o território dos bóios, levando-o para o sul, “na região da nascente do Meno e do Danúbio. Os celtas bóios, que desde algum tempo continuavam a marcha dos seus principais troncos para o sul, sòmente haviam permanecido em mui pequena quantidade, e foram subjugados”.⁽¹⁰⁹⁾

Revestiu-se de grande importância o feito de Marobodo, visto que “esta transplantação salvou a existência e a nacionalidade daquelas tão numerosas populações que, de outro modo, teriam desaparecido diante das armas e da influência dos romanos; e a esta transplantação se deve o terem aquelas populações chegado a povoar, com o nome de *baywaros*, todo o sudeste alemão. Quanto ao nome *marcomanos*, é opinião geral que significava *homens da marca*, tendo esta última palavra o sentido de *região fronteiriça*.”⁽¹¹⁰⁾

Na mesma época em que os catos e os marcomanos abriram caminho para o Hesse e para o Meno, um outro povo germânico irrompeu a oriente da Riesengebirge, através das montanhas de Gesenke, e estabeleceu-se firmemente na Morávia.⁽¹¹¹⁾ Tratava-se dos *quados*, cujo nome significa *os maus, os ferozes*.⁽¹¹²⁾ A sua presença na Morávia pode ser confirmada, combinando-se a *Germânia* com uma passagem de Ptolemeu (II, 11), onde se vê que, abaixo da floresta

(106) F. Dahn, *op. cit.*, pág. 26.

(107) A. von Hofmann, *Politische Geschichte der Deutschen*, I, pág. 60.

(108) Vel. Pat., II, 108. Merece ser transcrito todo o parágrafo de Veleio: “Por mais apressado que eu esteja, não devo calar a respeito de um homem como Marobodo. Sua origem era elevada, sua fôrça pouco comum, sua alma altiva e corajosa. Bárbaro pelo seu nascimento, mas não pelo seu gênio, gozava entre os seus de um poder regular e sólido, que êle não devia nem à desordem, nem ao acaso, nem ao favor de um momento, mas à vontade decidida de seus concidadãos. Desejoso de tornar esta dominação soberana e de lhe dar os característicos da realeza, tinha distanciado a sua nação do povo romano, e resolveu transportá-la para lugares onde, sem ter que temer armas mui poderosas, pudesse fazer temidas as suas”.

(109) Lamprecht, *op. cit.*, I, pág. 106.

(110) F. Dahn, *op. cit.*, pág. 26. Cf. A. von Hofmann, *op. cit.*, pág. 60 e T. E. Karsten, *op. cit.*, pág. 131. Sobre os marcomanos, em geral, veja-se também G. Eckholm, in *Cambridge Ancient History*, XI, págs. 56-7.

(111) Müllenhoff, II, 301 e seg., apud Lamprecht, *op. cit.*, pág. 99.

(112) F. Dahn, *op. cit.*, pág. 26.

Hercínia habitavam os quãados; tal passagem é confirmada por textos posteriores, onde se vê o nome dos quãados associado ao dos sármatas.⁽¹¹³⁾ Burnouf⁽¹¹⁴⁾ e Goelzer⁽¹¹⁵⁾ estendem o território dêste povo para além da Morávia, atribuindo-lhe também a parte sul da Hungria atual. F. Dahn preferiu localizá-lo tomando por base as bacias fluviais, e situou-o nas bacias dos rios March e Taya, “desde as montanhas até a sua desembocadura no Danúbio”. Do mesmo modo que os marcomanos, os quãados abrangeram no seu domínio numerosos povos celtas, que permaneciam na região.

Estes três povos, — marcomanos, nariscos e quãados, — bordando o Danúbio, constituíam, no dizer de Tácito, “uma espécie de frente da Germânia, no lugar em que o Danúbio forma em tórno dela uma como que cintura”.

À medida que vai caminhando do Ocidente para o Oriente, os conhecimentos de Tácito a respeito dos povos germânicos vão escasseando, o que é, aliás, bastante compreensível. Assim sendo, as notícias que êle nos vai fornecendo sôbre os germanos orientais, vão se tornando cada vez mais vagas, tanto que acabam por mergulhar no próprio domínio da lenda;⁽¹¹⁶⁾ tudo isto, contudo, é perfeitamente justificável, como muito bem se expressa G. Eckholm, uma vez que os caps. XLIV e XLV da *Germânia* “estão entre os que oferecem maior dificuldade à interpretação”, visto terem sido compostos por u’a “mistura de fatos corretos, notícias mal compreendidas e conjeturas subjetivas do autor, obtidas no decorrer de suas informações”.⁽¹¹⁷⁾

A imprecisão já começa a se verificar em relação aos povos mencionados no início do cap. XLIII: “Mais longe os marsignos, os cotinos, os osos e os buros fecham por trás o país dos marcomanos e dos quãados”.

A respeito da localização dêstes povos, Tácito apenas nos diz que “todos êles se estabeleceram raramente nas planícies, mais freqüentemente nas gargantas, sôbre os cumes ou nas vertentes das montanhas. Porque uma longa cadeia separa e corta em duas a Suévia”.

Restar-nos-ia, então, explicar qual seria esta cadeia de montanhas, nas quais os cotinos, “para cúmulo do opróbrio, tiram ferro da

(113) Zeuss, *Die Deutschen und die Nachbarstämme*, págs. 117-118, 462-464, apud H. d'Arbois de Jubainville, *Les Celtes*, pág. 12.

(114) J. L. Burnouf, *op. cit.*, pág. 644, nota 3.

(115) Goelzer, *op. cit.*, pág. 201, nota 5.

(116) São bem expressivas as últimas linhas da *Germânia*: “Tudo quanto se tem dito sôbre outras populações é do domínio da fábula, por exemplo, que os helúsios e os oxiões teriam a cabeça e a figura humana, corpo e membros de animal. Como em parte alguma encontrei confirmação para tal cousa, deixo o problema por decidir”.

(117) G. Eckholm, *op. cit.*, pág. 62.

terra". Para J. L. Burnouf, tratar-se-ia, sem dúvida, "das escarpas dêste longo planalto que se destaca dos Cárpatos, separa a bacia do Oder e a Silésia da bacia do Morava ou da Morávia, e atinge a extremidade setentrional da Boêmia, onde se divide para formar uma cintura de montanhas em tôrno dêste país".⁽¹¹⁸⁾ É ainda dentro desta região que M. Nisard também os localiza, mas tentando já uma distribuição: os marsignos, provavelmente, ocupariam parte da Silésia, os cotinos ficariam à sua direita, os osos habitariam parte da Galícia, e, talvez, da alta Silésia, enquanto que os buros estariam na região da fronteira da Morávia.⁽¹¹⁹⁾ Goelzer, mais prudente, diz apenas o seguinte: atribui-se aos marsignos a Silésia; quase nada se sabe a respeito dos cotinos, nem dos osos; quanto aos buros, a única cousa que se pode dizer é que êles se aliaram aos romanos na luta contra os dácios e os marcomanos; talvez estivessem êles estabelecidos na parte superior dos vales do Oder e do Vístula".⁽¹²⁰⁾

Entre todos êstes povos, os marsignos e os buros são, — pelo próprio Tácito, — consignados como germanos, ao escrever que "pela língua, e pelos costumes lembram os suevos". Quanto aos cotinos, parece que não eram germanos, muito embora certos historiadores, — como L. Stacke, — os considerem como tais.⁽¹²¹⁾ A *Germânia* nos diz que "os cotinos falam gaulês, e os osos panônico, e é muito dizer-se que êles não são germanos"; para Besnier, os cotinos seriam "um povo céltico do sudeste da Germânia independente, entre o curso superior do Viadua e do Vístula", e esta é a mesma opinião esposada por d'Arbois de Jubainville, para o qual "a presença dos cotinos, falando uma língua céltica, a nordeste dos quados e dos marcomanos, na Silésia meridional, era um traço e um resto da antiga dominação céltica nesta região tão distanciada da Gália".⁽¹²²⁾ Burnouf, na nota relativa a êste capítulo, não trata dêste povo, e Goelzer limita-se a dizer, — como já vimos, — que "quase nada se sabe dos cotinos e dos osos".

Com relação a êstes últimos, fôrça é reconhecer-se que são muito escassos os dados fornecidos pela *Germânia* para a sua identificação; de fato, dizer que os osos falavam o panônio e que pagavam tributo aos sármatas e aos quados, é dar mui pequena base para conclusões. Mesmo porque *panônia* não corresponde a uma língua independente, cujo uso constituísse índice fundamental para a classificação de um povo. Dado que os primeiros habitantes históricos da Panônia foram os celtas, os osos, neste caso, prender-se-iam a êles.

(118) J. L. Burnouf, *op. cit.*, pág. 645, nota 1.

(119) M. Nisard, *Oeuvres complètes de Tacite*, nota ao cap. XLIII da *Germânia*.

(120) Goelzer, *op. cit.*, pág. 201, nota 7.

(121) L. Stacke, *op. cit.*, I, pág. 59.

(122) H. d'Arbois de Jubainville, *Les Celtes*, pág. 12.

O próprio Tácito, aliás, lança a confusão no que se refere aos osos, pois se, no cap. XLIII os dá como claramente não germanos, trata do mesmo povo, — no cap. XXVIII, da seguinte maneira: “Mas os araviscos da Panônia são uma colônia dos osos, povo germânico, ou os osos são araviscos transportados para a Germânia? — A conformidade de língua, de instituições, de costumes, deixa a questão duvidosa; tanto mais quanto, igualmente pobres, igualmente livres, eles encontravam nas duas margens do Danúbio os mesmos bens e os mesmos males”.

Ora, os araviscos eram célticos, como célticos eram ainda os escordiscos, que também habitaram a Panônia.⁽¹²³⁾ É verdade que todos estes celtas já encontraram a região povoada, principalmente pelos autariatos, ilírios do ramo dos vênets. Pode-se afirmar, porém, que os celtas impuzeram a sua língua a toda a região, de tal maneira que o *panônio*, mencionado por Tácito, seria, provavelmente, uma língua céltica. Concluir-se-ia daí que os osos eram ligados aos celtas e não aos germanos, conforme é opinião de H. Hubert.

Por outro lado, se considerarmos o panônio como língua própria de um povo, este deveria estar ligado aos panônicos, prendendo-se, portanto, aos ilírios, que não eram nem celtas e nem germanos, podendo-se, — quando muito, — dizer que eram indo-europeus.⁽¹²⁴⁾ Aliás, esta é a opinião emitida por G. Eckholm.⁽¹²⁵⁾

E com esta questão em suspense, termina Tácito a parte de sua obra relativa aos suevos.

x x x

Ainda mais para oriente, além da mencionada cadeia de montanhas, “vive um grande número de nações, das quais a mais considerável é a dos lúgios,⁽¹²⁶⁾ dividida em muitas outras cidades. Bastanos-á citar as mais poderosas, os hários, os helvecões,⁽¹²⁷⁾ os manimos, os elísios,⁽¹²⁸⁾ os nahanarvalos”.⁽¹²⁹⁾

Estes lúgios são mui pouco estudados pelos autores latinos; o mesmo Tácito, porém, menciona-os nos *Anais* (XII, 29 e 30), apesar de que nada se possa inferir dessas menções que resulte em favor do

(123) Cf. H. Hubert, *Les Celtes et leur civilisation*, págs. 69-70.

(124) K. Lamprecht, *op. cit.*, I, pág. 91.

(125) G. Eckholm, *op. cit.*, pág. 58.

(126) Legiorum, lygiorum, lugiorum (Müllenhoff). Apud Goelzer, pág. 202.

(127) Helueconas, elunecones, heluaeones (Müllenhoff). *Idem*.

(130) G. Eckholm, *op. cit.*, pág. 58.

(128) Elísios, helisios, helysios. *Idem*.

(129) Nahanarualos, naharnalos, nachanarualos, naharualos, nahanarualos. *Idem*.

nosso conhecimento a respeito destes povos, dos quais se pode dizer, — com G. Eckholm, — que são “praticamente desconhecidos para a História”.⁽¹³⁰⁾ Para J. L. Burnouf, os lúgios estariam localizados no vale do Vístula, mas já Goelzer amplia este domínio, visto que, — a seu ver, — os lúgios “estavam estabelecidos na região banhada pelo Oder, Varta e Vístula”. Neste território estariam distribuídos “os hários sobre o curso superior do Oder, os helvecões entre o Oder e o Vístula, assim como os manimos, os elísios e os naharvalos”.⁽¹³¹⁾

Apesar de que a interpretação ao pé da letra do relato de Tácito dê a entender que os lúgios eram suevos, porque estavam na Suécia, somos levados a crer que se trata apenas de aparência; deveras, depreende-se, do exame do cap. XLIII, que havia também uma reunião de tribos formando os lúgios, do mesmo modo que um outro grupo constituía a liga dos suevos. O papel desempenhado entre estes pelos semnões, o era entre os lúgios pelos naharvalos, sob cujo domínio se achava “um bosque consagrado por um culto antigo”. É este, aliás, o modo de ver de G. Eckholm, que sugere também a associação dos lúgios em torno de um culto comum.⁽¹³²⁾

“Para além dos lúgios habitam os gutões...”, diz-nos a *Germania* no seu cap. XLIV.

Ora, estes gutões são os mesmos gôdos que, de acôrdo com Jordanes, teriam partido da Escandinávia para a Alemanha do Norte, localizando-se nas bocas do Vístula.⁽¹³³⁾ Esta hipótese da origem escandinava dos gôdos nada tem de absurda, sendo mesmo bastante aceitável, conforme se vê em Karsten e Fr. von der Leyen.⁽¹³⁴⁾ O primeiro destes autores, defendendo o seu ponto de vista, diz-nos que o nome *Scandza* (Escândia) é todo germânico, e que a expressão *Gothiscandza*, usada por Jordanes para a Escandinávia significa exactamente *Escândia, pátria dos gôdos*. É interessante notar-se que há autores que pensam que o próprio nome *Jutlândia* é originado de *goths*, como p. ex., J. C. Nesfield, que assim se expressa: “Quanto ao nome *jutes*, penso ser uma variação dialetal de *goth*. Beda chama-os *jutae*, gen. *jutarum*. A crônica anglo-saxônica chama-os *iūtan*, ou *iōtan*. O islandês é *iōtar*, nom. pl. Em grafia antiga teríamos *iūtar*. Mas, *goth* é uma adaptação latina do nome pelo qual os próprios gôdos se chamavam, na sua língua. Nós não temos o nom. pl. gótico, mas ele deveria ter sido *gūtas*, assim como o gótico para *povo gótico* é *gut-piōda*. Parece-nos como se *gūt* e *iūt* seja mais uma variante do *g*

(130) G. Eckholm, *op. cit.*, pág. 58.

(131) J. L. Burnouf, *op. cit.*, págs. 249, nota I e 645, nota 2. Goelzer, *op. cit.*, pág. 202, notas 2 e 3.

(132) G. Eckholm, *op. cit.*, pág. 58.

(133) *De origine actibusque Getarum*, apud Karsten, *op. cit.*, pág. 40.

(134) Karsten, *op. cit.*, pág. 40 ss. Fr. von der Leyen, *Einführung in das Gotische*, pág. 4.

duro, para y. Compare-se o inglês *yard, a.—s., geard*, com o mais duro *gerth*. (135)

A hipótese de origem escandinava, contudo, não é totalmente aceita, visto que muitos pretendem que a Gotlândia é que foi o ponto de partida dos gôdos,⁽¹³⁶⁾ que teriam emigrado entre 300 e 150 a.C.⁽¹³⁷⁾. Com relação à época em que os gôdos teriam chegado à região das bocas do Vístula, se Kossina e Blume indicam o ano 1 a.C., já o mesmo não sucede com Wessen, que prefere o período do movimento cimbro-teutônico, por volta de 120 a.C..

Quanto à palavra *gôdo*, parece ter-se derivado do nome de um herói epônimo, Gautr, que teria dado inicialmente *gauts*, tendo mais tarde atingido a forma definitiva de *gotones*, que se encontra em Tácito, ou a de *guthones*, como se lê em Plínio.⁽¹³⁸⁾

“Mais longe, partindo do Oceano, estão os rúgios e os lemóvios”; isto é o que se lê em seguida, no mesmo capítulo da *Germânia*.

Dêstes dois povos, os lemóvios são quase que completamente desconhecidos, conforme bem o nota M. Nisard;⁽¹³⁹⁾ quando muito, podemos dizer que eles se localizavam nas costas do *Mare Suebicum*, ao longo da Prússia Oriental e da Pomerânia.⁽¹⁴⁰⁾

Já o mesmo não se verifica com os rúgios, que são também mencionados por Jordanes,⁽¹⁴¹⁾, o qual nos conta que os gôdos, após terem desembarcado em solo germânico, atacaram aos ulmerúgios,⁽¹⁴²⁾ nome que significa *os rúgios da ilha*; para G. Eckholm, tratar-se-ia, neste caso, dos rúgios estabelecidos no delta do Vístula. Atribui-se também aos rúgios um estabelecimento no estuário do Oder, e sabe-se que, mais tarde, êste povo participou no povoamento da Grã-Bretanha; aí teriam eles se dividido em rúgios do sul e de este, que deram origem, respectivamente, aos nomes Surrey e Eastry. Ainda o mesmo povo imprimiu também o seu nome à ilha de Ru-

(135) J. C. Nesfield, *Aids to the study and composition of English. Appendix I, note on Jutes and Frisians.*

(136) A êste respeito veja-se a obra de Karsten, onde o autor expõe a opinião dos arqueólogos sôbre o assunto.

(137) Almgren, apud Karsten, *op. cit.*, pág. 43.

(138) Há uma interessante observação de von der Leyen sôbre o assunto: “O nome *gôdo* soava em gótico *gutan* ou *gotâs* (t, e não p). Compare-se *gut-iuda*, povo gótico, no calendário gótico, e o antigo islandês *gotar*. Os autores latinos e gregos variaram entre o u e o o, e entre o t e o th (Tác., *gothones* e *gotones*; Pl. *gutones*). (Op. cit. p. 5).

(139) *Oeuvres complètes de Tacite*, nota ao cap. XLIV da *Germânia*.

(140) Goelzer, *op. cit.*, pág. 203, nota 2.

(141) *Op. cit.*, IV, apud G. Eckholm, *op. cit.*, pág. 61.

(142) *Holm-rugii*: *holm* expressa idéia de ilha (Heyck, *op. cit.*, pg. 371).

gen⁽¹⁴³⁾ e à cidade de Rugenwald, sôbre o rio Wipper, na Pome-
rânia.

De tudo isto fàcilmente concluímos que os rúgios se localizavam na região nordeste da atual Alemanha. Há, entretanto, quem os faça originários da Escandinávia, na reigão de Rogaland, no sudoeste da Noruega, tendo ido daí para as terras situadas nas bocas do Oder e do Vístula, passando pelas ilhas dinamarquesas. Todavia, como nos diz Karsten, nada prova a sua origem nórdica, o que não impede que muitos autores ainda se apeguem a esta hipótese. Goelzer, p. ex., diz mesmo que os rúgios “eram um povo germânico, antepassado dos escandinávicos, estabelecido ao sul da Escandinávia”.⁽¹⁴⁴⁾

Sempre seguindo-se a *Germânia*, lemos que “vêm em seguida as cidades dos suiões, no próprio Oceano”....

Com esta expressão *no próprio Oceano*, quer Tácito significar que êstes suiões estavam estabelecidos em ilhas, das quais a principal seria a Escandinávia, considerada pelos antigos como uma ilha. De acôrdo com G. Eckholm, os suiões seriam mesmo “o único povo da *Germânia* do qual se pôde dizer, com absoluta certeza, que viveu na Península Escandinava,⁽¹⁴⁵⁾ visto que não foi possível negar-se a afirmação de Tácito. Burnouf procura situar de maneira mais precisa êstes suiões, como se vê: “pensa-se, geralmente, que os suiões são os antepassados dos *sueci*, ou suecos. Esta idéia, muito verossímil, leva-nos a procurar os suiões na Suécia ou, pelo menos, nas províncias suecas menos distanciadas, Escânia, Halland, Westrogothia, do mesmo modo que nas ilhas dinamarquesas”.⁽¹⁴⁶⁾ O território dêste povo era ainda banhado por “um outro mar”, situado “para lá dos suiões”, e que seria então constituído pelo canal da Jutlândia e pela parte do mar do Norte que banha o ocidente da Noruega. As próprias palavras de Tácito deixam-nos perceber que se tratava dos mares noruegueses, visto que nesta região “os últimos raios do sol poente duram até o levantar do astro, e com intensidade suficiente para amortecer a luz das estrelas”.

No fim do cap. XLV lemos que “após os suiões vêm imediatamente os sitones”, dos quais apenas podemos dizer que estavam localizados na atual Carélia, de acôrdo com o parecer de Goelzer.⁽¹⁴⁷⁾

Antes de mencionar êste povo, porém, o historiador trata de um outro, ao qual consagra um trecho relativamente extenso: “Voltando então ao mar Suévico, encontra-se sôbre a sua margem direita as

(143) L. Schmidt, *Geschichte der deutschen Stämme*, pág. 118, apud G. Eckholm, *op. cit.*, pág. 61.

(144) Goelzer, *op. cit.*, pág. 203, nota 1.

(145) G. Eckholm, *op. cit.*, pág. 62.

(146) J. L. Burnouf, *op. cit.*, pág. 646, nota 1.

(147) Goelzer, *op. cit.*, pág. 205, nota 1.

tribos dos éstios. Eles têm os usos e as vestes dos suevos; entretanto, sua língua se assemelha mais à dos bretões". A seguir, passa o autor a descrever alguns costumes dos éstios, e entra a falar da exploração do âmbar, atividade à qual muito se dedicava este povo.⁽¹⁴⁸⁾ É justamente devido a este material que se pode atribuir a série de conhecimentos exibidos por Tácito a respeito de povos tão longínquos: para obter o âmbar, os romanos foram obrigados a entrar em relações com a costa báltica, passando então, a conhecer os habitantes da região. Aliás, os éstios estavam localizados num ponto que se tornou famoso pela sua riqueza em âmbar: na costa báltica, a leste da embocadura do Vístula, ou melhor, nas margens ocidentais do golfo de Danzig.⁽¹⁴⁹⁾

Do ponto de vista lingüístico, os éstios não seriam germânicos, a crer-se em Tácito, visto que sua língua se assemelhava à dos bretões. Se os bretões eram célticos, isto não nos autoriza a supor que os éstios também o fossem. Mesmo porque esta passagem da *Germânia* deve ser aceita sob reserva, conforme a opinião de G. Eckholm,⁽¹⁵⁰⁾ visto que o historiador romano não se achava em condições de concluir algo a esse respeito. Quando muito, podemos dizer que a língua dos éstios "diferia materialmente da dos germanos". Tal fato não impediu que autores abalizados, como p. ex. T. E. Karsten, fossem de parecer que o nome éstios era aplicado inicialmente a um povo germânico explorador de âmbar, passando depois a designar um conjunto de povos baltos,⁽¹⁵¹⁾ situados por Jordanes ao longo da costa báltica e consignados por Eginardo como vizinhos dos eslavos. Explicar-se-ia assim o fato de Tácito se referir a "tribos éstias"; é que já, na sua época, englobavam-se sob uma mesma denominação certos povos germânicos e bálticos. "Por circunstâncias geográficas, K. Müllenhoff pensa que *AEstii* é o nome geral dos prussianos, lituanos e letos".⁽¹⁵²⁾ Quanto ao elemento germânico destes povos, é ele atestado, não só pelos autores clássicos, mas também pela língua, pela lenda e pelo estudo das runas. Não haveria, assim, razão para que se dissesse que os éstios nem mesmo eram indo-europeus, como se lê na obra de

(148) "(Os éstios) exploram o próprio mar e, únicos entre todos os povos, eles recolhem o succino, que chamam *gless*: eles o encontram sobre os rochedos e, algumas vezes, sobre a praia. Qual é a sua natureza e como ele se forma, isto é uma questão que os bárbaros não pesquisaram nem descobriram".

(149) G. Eckholm, *op. cit.*, pág. 65. É bastante expressivo, a este respeito, o caso do cavaleiro romano, relatado por Plínio, XXXVII, 11.

(150) Eckholm, *op. cit.*, pág. 65. Vide também F. Lot, *Les Invasions barbares*, pág. 333, nota 3.

(151) T. E. Karsten, *op. cit.*, págs. 85-88.

(152) K. Müllenhoff, *Deutsche Altertumskunde*, págs. 11-34, apud G. Dotin, *op. cit.*, pág. 72.

E. Heyck.⁽¹⁵³⁾ No que diz respeito ao nome *AEstii*, teria êle sido criado pelos germanos, sendo inicialmente usado como designação geográfica para a região da Samlândia, que se chamou outrora Aistenhaff. Com a extensão do comércio do âmbar, o nome também se expandiu, e assim, levando-se em conta a sua evolução, explica-se a existência de uma *Estônia*, bem distante da Samlândia.

A falta de conhecimentos da parte de Tácito, relativamente aos povos do Oriente europeu, torna-se flagrante quando o próprio autor se expressa nos seguintes termos: “Os peucinos, os venedos, os fenos, são nações germânicas ou sarmáticas? — Eu não saberia dizê-lo” (*Germ.*, XLVI). Os peucinos são, a seguir, chamados de bastarnos: “Todavia, os peucinos que alguns chamam bastarnos...”

O que permanece indiscutível é que as relações entre os primeiros e os últimos, que aparecem também na *Naturalis Historia*, eram estreitíssimas; se Tácito confundia-os, Plínio diferenciava-os, mas os incluía a ambos na quinta raça germânica.⁽¹⁵⁴⁾ Escrevendo sobre o mesmo assunto, mas muito tempo antes que qualquer destes dois autores o fizessem, assim expressou-se Estrabão: “Para diante, no interior das terras, encontram-se os bastarnos, que confinam ao mesmo tempo com os tiregetas e com os germanos. Germanos êles próprios, ou quase isto, os bastarnos se dividem em muitas tribos: distingue-se, por exemplo, os atmons, os sidões, os peucinos, habitantes da ilha Peucé, no Ister, os roxolanos, os mais setentrionais de todos, que habitam as planícies entre o Tanais e o Borístenes.⁽¹⁵⁵⁾ Hoje em dia, para G. Eckholm,⁽¹⁵⁶⁾ peucinos e bastarnos eram dois nomes de um mesmo povo. Da mesma opinião, porém, não se mostra Goelzer, para o qual “os peucinos, que Tácito confunde com os bastarnos, eram simplesmente uma parcela destes, estabelecida na região que se estende das bocas do Danúbio ao Dniester”. Ainda sobre o mesmo assunto, encontramos na *Naturalis Historia* o seguinte trecho: “Na região superior, entre o Danúbio e a floresta Hercínia, até o campo de inverno de Carnunto, na Panônia, e até a fronteira germânica, os campos e as planícies são possuídos pelos sármatas jaziges, as montanhas e as florestas pelos dácios, por êles repellidos até o Pathissus. Em frente, a partir do Marus ou do Dúria, qualquer que

(153) E. Heyck, *op. cit.*, pág. 347.

(154) IV, 28. Já antes, IV, 25, Plínio trata destes povos como germanos.

(155) Estrabão, *Geografia*, VII, III, 17. Em outro trecho lemos: “Perto das bocas (do Ister), há uma grande ilha chamada Peucé; são os bastarnos que a ocupam atualmente, e tomaram o nome de peucinos” (VII, III, 17).

(156) G. Eckholm, *op. cit.*, pág. 59.

seja dêstes dois rios que os separa dos suevos e do reino de Vannius,(157) estão os bastarnos e outros germanos".(158)

Ora, a impressão que se tem, seguindo-se êste texto, é de que os sármatas jaziges, procedentes de nordeste, repeliram os dácios contra o Pathissus (ou Tisia, atual Theiss). Quanto ao mais, êste "em frente", parece ser em relação ao Danúbio, e assim sendo, os bastarnos estariam localizados a partir do Marus (March) ou do Dúria (Waag?), para sudeste, até as bocas do Danúbio. Ter-se-iam êles estabelecido inicialmente na região dos Cárpatos, onde deixaram o seu nome nos Alpes Bastárnicos; entre o III e o II séculos é que se teria verificado a sua expansão até o mar Negro, e os peucinos seriam uma sua parcela estabelecida entre o braço mais ao sul do delta do Danúbio (chamada mesmo de *Peucé*), e o Dniester.

Os bastarnos tornam-se ainda mais interessante para nós, devido às dúvidas referentes à sua classificação, como germânicos ou como célticos; desta questão, porém, trataremos num capítulo mais adiante.

Os vênedos, que Tácito também não sabe se deve colocar entre os germanos ou entre os sármatas, eram decididamente eslavos, conforme a valiosa opinião de vários historiadores, entre os quais avulta Müllenhoff.(159) O próprio nome *venedae*, contraído em *wendes*, era aplicado pelos germanos aos seus inimigos do Oriente europeu,(160) dos quais subsiste ainda um vestígio em plena Alemanha, na Lusácia (Lausitz).(161).

Estariam assim os vênedos localizados entre os bastarnos e os fenos, na região do alto Dniester, ao sul dos pântanos do Pripet.(162) É, aliás, o que se depreende do próprio texto de Tácito: "Os vênedos... entre os peucinos e os fenos"....

Por fim, o último povo mencionado na *Germânia*, os fenos, o é pela primeira vez na História, e não fazia parte da grande família germânica. Deixamô-lo de lado, por isto, visto que não mais se enquadra no âmbito do nosso trabalho.

x x x

Passados em revista os povos tratados na *Germânia*, e observando-se também as outras obras de Tácito, vemos que o historiador conhecia ainda outros povos germânicos que, ou não se encontram na

(157) A respeito de Vannius, cf. Tácito, *Anais*, II, 63 e XII, 29.

(158) *Naturalis Historia*, IV, 25, 2.

(159) Müllenhoff, *Deutsche Altertumskunde*, págs. 34-38, apud G. Dottin, *op. cit.*, págs. 72-73.

(160) F. Lot, *Les invasions barbares*, pág. 207.

(161) Niederlé, *La race Slave*, pág. 94, apud F. Lot, *op. cit.*, pág. 207.

(162) G. Eckholm, *op. cit.*, pág. 66.

pequena obra que lhes foi especialmente dedicada, ou então, não figuram dentro dos capítulos destinados à discriminação das nações da Germânia. No primeiro caso, estão os tungros, os marsos, os vândalos e os gambrívios; e no segundo, os tubantes e os ansivários.

Os marsos, integrantes do grande grupo dos catos,⁽¹⁶³⁾ eram aliados dos queruscos, e tomaram parte na carnificina das legiões de Varo; ⁽¹⁶⁴⁾; encontramô-los mencionados não só na *Germânia* (cap II), mas também, e principalmente, nos *Anais* (I, 50 e 55, 25). A primeira destas duas passagens é particularmente interessante para o nosso estudo, porque permite estabelecer a localização do povo de que tratamos.⁽¹⁶⁵⁾ De acôrdo com a interpretação de O. Dahm,⁽¹⁶⁶⁾ encontravam-se os marsos situados nas regiões montanhosas onde nasce o Ruhr, estendendo-se até o Diemel e ao Rothaargebirge.

Os tungros, — dos quais já falamos antes, — merecem na *Germânia*, apenas uma citação; acham-se êles, entretanto, também nas *Histórias* (IV, 55 e 79). A seguir-se Goelzer, a região dêste povo ficava ao norte de Liège, onde teriam deixado o seu nome à localidade de Tongern, à esquerda do Reno.

Os vândalos são mencionados por Tácito apenas no cap. II da *Germânia*; encontramô-los, além disso, na *Naturalis Historia*, com o nome de vândiles, constituindo a primeira raça germânica. Na época de Tácito, ainda êste povo, que ia, mais tarde, ter um papel destacado nas grandes invasões, — não se havia aproximado das fronteiras romanas; daí a escassez de notícias a seu respeito. Para Eckholm, os vândalos, bem como os borgundos, estão incluídos entre os lúgios. "O seu nome tem sido associado ao nome dinamarquês Vendsyssel, Jutlândia, norte de Limfjorden, cuja área é o seu suposto lugar de origem; esta hipótese tem alguma base de verdade no fato de que uma das tribos vândalas chamava-se Silingae, nome que estava, provavelmente, ligado a Saelund, forma antiga de Sjaelland (Seeland)".⁽¹⁶⁷⁾

Quanto aos gambrívios, nada encontramos, de exato, a seu respeito.

(163) L. Stacke, *Deutsche Geschichte*, I, pág. 48.

(164) K. Lamprecht, *op. cit.*, I, pág. 240.

(165) "O exército romano, após u'a marcha rápida, atravessa a floresta Césia (actual Hesperwald), transpõe a muralha construída por Tibério.... Em seguida atravessa bosques espessos.... Escolhe-se a rota mais longa.... com ordem.... de afastar os obstáculos que encontrasse na floresta;.... Chega-se à aldeia dos marsos, e ataca-se".

(166) O. Dahm, *Die Feldzüge des Germanicus*, págs. 22 e 23, apud Ch. Gailly de Taurines, *Les légions de Varus*, pág. 122.

(167) G. Eckholm, *op. cit.*, pág. 60.

Os tubantes são encontrados nos *Anais* (I, 51 e XIII, 55 e seguintes), mas sem que lhes seja consagrado nem mesmo um parágrafo especial; da leitura destes trechos, entretanto, concluímos que estavam localizados à margem direita do curso inferior do Reno, junto aos usípios.

Os ansivários mostram, no seu próprio nome, a sua região principal: "*Amsivarii*" significa *homens do Ems*.⁽¹⁶⁸⁾ Tácito trata deste povo nos *Anais* (XIII, 55), quando nos conta que "expulsos pelos caucos, tem terra onde se fixar, êles imploravam um exílio tranqüilo". Pretendiam êles estabelecer-se em certas "terras vacantes, reservadas para o uso das tropas", na região do curso inferior do Reno.

Visto êstes diversos povos, passemos então ao estudo do seu estado social, sempre tomando como base as obras dos autores clássicos.

(168) F. Dahn, *op. cit.*, pág. 24.

CAPÍTULO IV

BASES PARA O ESTUDO DA COMUNIDADE GERMÂNICA NOS RELATOS DE CÉSAR E DE TÁCITO

No estudo da organização social e os costumes germânicos, os relatos de César e de Tácito oferecem-nos, preliminarmente, uma grande dificuldade: ambos os autores observaram e descreveram de maneira mui pouco satisfatória os vários aspectos da vida dos germanos. Esse fato, aliás, é evidenciado por L. B. Moss, que se expressa nos seguintes termos: “é necessário considerar com uma certa reserva o retrato compósito do povo germânico conforme se pode inferir dos relatos de César, de Tácito e de outros viajantes ou eruditos que se ocuparam dêsse povo curioso, porque devemos sempre levar em linha de conta os diferentes estados de evolução destas tribos, a respeito do que, realmente, ñem pouca cousa sabemos. Foi sempre difícil a observadores absterem-se de imprimir rigidez e constância a conceitos meramente vagos e a costumes ainda oscilantes de povos primitivos”.(1)

Acresce ainda que o relato de César, no que diz respeito aos germanos, é muito mais restrito que o de Tácito, quer quanto à extensão, quer quanto ao conteúdo, não fazendo a menor referência a pontos que seriam de grande importância para a elucidação de fatos históricos, como por exemplo, a escravatura entre os germanos. Tais falhas, contudo, não são de se estranhar, desde que se considere que César esteve além-Reno apenas durante dezoito dias,(2) com o obje-

(1) H. St. L. B. Moss, *La naissance du Moyen Age*, pág. 56.

(2) “*Bellum Gallicum*”, IV, 19 “Quando César conheceu este plano... após dezoito dias completos passados além-Reno, pensando ter atingido um resultado suficientemente glorioso e útil, retornou à Gália e cortou a ponte atrás de si”. Quanto à operação da segunda passagem do Reno, de que trata o livro VI, 9, parece ter sido muito menos importante que a primeira; L. A. Constans sugere mesmo que a inclusão da parte sobre os costumes dos celtas e dos germanos neste livro, foi feita com o especial objetivo de desviar a atenção do leitor da insignificância da campanha. (*Op. cit.*, pág. 183, nota 2).

vo primacial de realizar uma expedição de caráter militar. Compreende-se, portanto, que êle não tenha tido tempo suficiente nem oportunidade para observar devidamente os costumes dos povos de que tratamos. É verdade, porém, que a observação direta não foi a única fonte do relato de César, devendo êle se ter servido de informações indiretas obtidas através dos celtas, melhores conhecedores dos germanos. Mas, de qualquer maneira, o seu depoimento é falho e exiguo.

Apesar de tôdas estas circunstâncias, sempre se acreditou, entretanto, que resultasse da comparação dos dois relatos considerados, uma sensível transformação na sociedade germânica, entre as épocas de um e de outro autor. A êsse respeito, afigura-se-nos muito interessante a citação de um pequeno trecho extraído da obra de um historiador do século XVIII, o escocês W. Robertson, que na introdução à sua *Historia de Carlos V*, publicada em 1769, escreve: "Nos testemunhos de César e de Tácito, relativamente aos germanos, há uma circunstância que merece atenção. As observações de César acêrca dos costumes dos germanos foram escritas duzentos anos antes que Tácito compuzesse o seu tratado sôbre o mesmo objeto, espaço êsse por certo bem considerável para o desenvolvimento dos costumes de qualquer nação, mormente se, por ventura, essa nação, grosseira e mal policia-da, se achou naquele intervalo em comunicações estreitas com outros povos mais adiantados. Tal era o caso dos germanos. Êsses povos começaram a ter trato com os romanos quando César passou o Reno, e as suas relações progrediram de dia a dia, até o tempo de Tácito".(3)

Nada de admirar que se tivessem verificado transformações entre os germanos, nesse dilatado espaço de tempo que, aliás, não atinge a duzentos anos, como impròpriamente escreve Robertson. Todavia, o fato cresce de importância ao considerarmos com espírito de análise as respectivas épocas em que César e Tácito trataram dos povos germânicos, no *Bellum Gallicum* e na *Germânia*. Procedentes de leste os germanos deveriam ter atingido o rio Reno, no seu curso médio e inferior, no III século,(4) subjugando ou expulsando dos seus territórios as populações que encontravam em seu caminho, notadamente povos pertencentes ao grande ramo dos celtas. Mas, só a conquista da Gália por César, — conforme o nota L. B. Moss,(5) — estabelecendo no Reno a fronteira do Império Romano, forçou os germanos a se deterem em seu avanço sôbre a Europa Ocidental, isto quando já Ariovisto estava pronto para se lançar sôbre a Gália, e quando, ao

(3) Apud D. José Maria Corrêa de Lacerda, trad. da *Germânia*, nota 19.

(4) Kossina, *Die vorgeschichtliche Ausbreitung der Germanen in Deutschland*, apud T. E. Karsten, op. cit., pág. 66.

(5) L. B. Moss, op. cit., pág. 55.

que se supõe, — já algumas tribos haviam transposto o Reno, localizando-se na sua margem esquerda.(6)

Nestas circunstâncias, César teria conseguido o seu objetivo imediato com relação aos germanos: obrigá-los a respeitar o Reno como fronteira do Império.(7) Desde que se viram forçados a não mais avançar, os germanos teriam atenuado a índole ambulatória que até então os caracterizara, ensaiando um grande passo para u'a maior fixação ao solo. Sob êsse aspecto tê-los-ia surpreendido e descrito o historiador latino, quando os mesmos ainda se achavam neste estágio intermédio de civilização, que já não é nomadismo sem que chegue a ser tipicamente sedentário.

De César a Tácito, teriam assim as tribos germânicas persistido sempre na mesma preocupação, à cata de estabilidade, de tal modo que, na época da composição da *Germânia*, o rígido historiador já tivesse diante dos olhos "um tipo de cultura muito mais desenvolvido do que aquele de que nos fala César".(8) De 52 a.C., — data provável do *Bellum Gallicum*,(9) — a 98 da nossa era — ano em que parece ter sido composta a *Germânia*,(10) — os germanos já teriam revelado evidentes indícios de fixação ao solo, o que daria margem a que conceituados autores, como Geffroy, por exemplo, dissessem de Tácito que este "surpreendera os germanos no momento de sua transição, do nomadismo para uma vida de caráter mais agrícola".(11)

Percebe-se, claramente, que os dois relatos pertencem a momentos decisivos na história dos povos germânicos. Procuremos, em vista disso, estabelecer um confronto entre alguns aspectos da sociedade germânica descrita por César e a encontrada na obra de Tácito, para que se possa fazer uma idéia tão nítida quanto possível das transformações verificadas além-Reno, no intervalo que separa os dois autores. Veremos, então, a que conclusão se pode chegar.

x x x

(6) Tratar-se-ia, neste caso, dos nemetos, vangíões e tribocos, que seriam os *germanos cisrenanos* mencionados no *Bellum Gallicum*, VI, 2.

(7) É interessante notar-se que, em plena época de conquista das Gálias a acreditar-se em César, os germanos reconheciam a soberania romana sobre todo o território situado a ocidente do Reno. Veja-se o que nos diz César a este respeito: "Tendo César pedido aos sugambros que lhe entregassem os homens que tinham levantado armas contra êle e contra os gauleses, responderam que "a soberania do povo romano expirava no Reno..." (*Bellum Gallicum*, IV, 16).

(8) L. B. Moss, *op. cit.* pág. 55.

(9) L. A. Constans, trad. *Bellum Gallicum*, introdução, pág. IX.

(10) E. Fehrle, trad. *Germânia*, introdução, pág. X.

(11) A. Geffroy, *Rome et les Barbares*, pág. 166.

Entre os traços que mais distinguem os povos nômades dos sedentários, encontra-se a base econômica; se a vida pastoril caracteriza os primeiros, já os segundos são marcados pela prática predominante da agricultura. Difícilmente, entretanto, encontramos povos exclusivamente pastores, visto que uma agricultura rudimentar sempre subsistiu ao lado do pastoreio. Acresce, ainda mais, que o estudo das línguas indo-européias nos demonstra que a agricultura já era mesmo praticada pelos indo-europeus antes de sua dispersão.⁽¹²⁾ Tal fato, que nos impossibilita de distinguir clara e nitidamente dois estágios na evolução dos povos germânicos (o do pastoreio e o da agricultura), decorre de uma verdadeira regra, tal como a estabeleceu A. Bernard: “não se pode opor, de maneira absoluta... os pastores aos agricultores; há, entre uns e outros, transições e gradações”.⁽¹³⁾ A mesma idéia é expressa por L. Febvre, quando nos diz que, “na realidade, as sociedades humanas jamais são simples. Os tipos puros, ou pretensos, tais, são a ínfima excessão; os tipos de transição, constituem a regra corrente. Do mesmo modo que há pastores mais do que sedentários,... há cultivadores que conhecem um semi-nomadismo”.⁽¹⁴⁾

De qualquer maneira, entretanto, nota-se que o meio geográfico exerce influência decisiva, tanto sobre a vida econômica de um povo como sobre a sua maior ou menor fixação ao solo. Assim sendo, observando-se o panorama geográfico da Germânia, verificaremos que ela se apresentava “muito montanhosa na sua parte meridional, muito plana e pantanosa na sua parte setentrional, onde correm grandes rios; na Antiguidade, era quase inteiramente coberta por espessas florestas”.⁽¹⁵⁾ Ora, esta Germânia, em relação à qual Tácito se expressa de maneira tão atemorizante,⁽¹⁶⁾ não era, evidentemente, propícia a uma vida nômade, só se admitindo mesmo as migrações de povos como oriundas de necessidades irreprimíveis, tais como a pressão exercida por outras massas humanas na sua retaguarda. Poder-se-ia objetar, porém, dizendo que um tal ambiente geográfico seria também pouco favorável à prática da agricultura por povos ainda primitivos. A isto responde W. Hofstaetter, repelindo a hipótese do noma-

(12) “Apresentam-se seguramente como indo-europeus os nomes de cevada, milho miúdo, papoula, linho e, provavelmente, também os de fava e bulbos”. (Lamprecht, *Deutsche Geschichte*, I, pág. 78.

(13) A. Bernard, *Le Maroc*, pág. 154, apud L. Febvre, *La Terre et l'évolution humaine*, pág. 328.

(14) L. Febvre, *La Terre et l'évolution humaine*, pág. 349.

(15) M. Besnier, *Léxique de Géographie ancienne*, art. *Germânia*, pág. 337.

(16) “Quem... consentiria em deixar a Ásia, a África ou a Itália, para se dirigir à Germânia, país horrível, com um clima dos mais rudes, onde a obra da natureza e a obra do homem inspiram tristeza”... (*Germ.*, II)

dismo germânico: “Tem-se dito freqüentemente que os germanos, nos princípios dos tempos históricos, viviam como nômades ou seminômades nos *Urwälder* cultivando passageiramente certas extensões de floresta, visando a produção de cereais, mas abandonando-as logo após um curto período de aproveitamento. Sem dúvida alguma, a Germânia de outrora era tão florestal quanto a atual, mas tinha também muitos atoleiros e pantanais, possuindo, em compensação, grandes clareiras. Nestas clareiras houve colonização desde a época da pedra e grandes aldeamentos foram aí mantidos ininterruptamente. Em todo o norte e centro da Europa, a agricultura é velha de quatro a cinco milênios, e nós temos notícias de que os germanos aproveitavam largamente o boi e o cavalo para o trabalho dos campos”.(17) Da mesma maneira, a arqueologia fornece base para a defesa deste ponto de vista, segundo nos diz o Dr. Martin Braesz: “Sabemos que os germanos, antes que tivessem qualquer contacto com os romanos, praticavam a agricultura ao lado do pastoreio. Eles conheciam, já em tempos primitivos, como nos demonstram os dados arqueológicos da idade da pedra, os nossos principais cereais: centeio, trigo, cevada, aveia e muitos outros vegetais de grande utilidade prática, como o linho e o cânhamo. Utilisavam também a charrua. . .”(18)

Por aí se vê que não podemos falar em nomadismo entre os germanos da época de César, visto que esta afirmativa nos exporia não só ao grave perigo de um erro, mas também ao de uma esquematização por demais rígida, enquadrada entre o nomadismo do *Bellum Gallicum* e o sedentarismo da *Germânia*. Devemos, — isso sim, — procurar estabelecer quais as principais modificações verificadas entre os germanos, partindo de uma situação de maior instabilidade, para uma fixação progressiva.

x x x

Procuremos observar então, inicialmente, os germanos na época de César. Se atentarmos ao que se lê no cap. I do livro IV do *Bellum Gallicum*, seremos levados a concluir que não só devemos considerar no tempo os diversos estados de transição entre u'a maior e u'a menor estabilidade, mas ainda mais, que estas situações intermediárias se verificavam também no espaço, em um momento dado. Assim, César nos diz que “os usípios, povo da Germânia, e também os tencteros, passaram o Reno em massa, não longe de sua embocadura. A razão desta passagem foi que os suevos, desde muitos anos, lhes faziam uma guerra contínua e dura, e que eles não mais podiam cultivar os seus campos”.

(17) W. Hofstaetter, *Deutschkunde*, pág. 37.

(18) Dr. Martin Braesz, *Deutschkunde*, pág. 17.

Notamos aí, que César nos dá clara e nitidamente a agricultura como base econômica dos povos mencionados: êle não se refere às pilhagens que os suevos pudessem realizar nos rebanhos dos usípios e dos tencteros, mas fala expressamente em cultura dos campos. Poderíamos, talvez, ligar o trecho citado ao que se lê no cap. 4 do mesmo livro: “durante longos anos êles resistiram aos ataques dos suevos, mas foram finalmente expulsos do seu território”. . . . Concluiríamos, então, que à prática da agricultura, aliavam os usípios e os tencteros uma fixação territorial, pelo menos de maneira precária.

Outro povo que, de acôrdo com o que está expresso no próprio *Bellum Gallicum* (IV, 3) — era “um pouco mais civilizado do que os outros povos da mesma raça”, era o dos úbios, “que formaram um estado considerável e florescente, tanto quanto pode sê-lo um estado germânico”. Ora, mesmo fazendo-se as devidas reservas quanto à palavra *civitas*, que na boca de um romano poderia dar idéia de uma organização política e social já bastante avançada, e cujo uso pode ser explicado considerando-se a deficiência do vocabulário de César para o caso, devemos reconhecer que, — de qualquer maneira, — os úbios se mostravam bem superiores em relação aos demais povos germânicos do ponto de vista da civilização, uma vez que não podemos desprezar os suevos como verdadeiros propulsores da Germânia.

Bem diferentes dêstes últimos trechos transcritos são as palavras do romano no que diz respeito aos suevos, como pode ser observado: “O trigo pouco participa na sua alimentação, vivem principalmente de leite e da carne dos rebanhos e são grandes caçadores”. Ao contrário do que se conclui com referência aos usípios e tencteros, notamos aí que a caça e o pastoreio têm importância primordial para o povo em questão. Parece claro, portanto, que êstes, na época de César, marcavam-se bem mais do que aqueles pela prática do pastoreio e da caça.

Assim sendo, torna-se necessário, antes de mais nada, esclarecermos que tudo quanto se possa dizer, de modo geral, a respeito de maior ou menor fixação ao solo dos germanos da época de César, deve ser encarado sob reservas, em virtude das diferenças existentes no estado dos diversos povos naquele período da História. É verdade, porém, que êstes povos podem ser, *grosso-modo*, repartidos em dois grupos: um, dos que tendiam acentuadamente para a agricultura, influenciados sobretudo pelos contatos com os celtas; e outro, constituído pela massa dos povos germânicos e cujo tipo, — de acôrdo com o *Bellum Gallicum*, — era fornecido pelos suevos, mais atrazado quanto à civilização.

Estrabão, escrevendo cêrca de sessenta anos depois de César, refere-se aos germanos, categoricamente, como se se tratasse de povos completamente nômades: “Todos êstes povos têm o hábito comum de se deslocar, graças à extrema simplicidade da sua vida, assim também

pelo fato de que não têm nem campos para cultivar, nem dinheiro para acumular, mas habitam em simples cabanas, habitações provisórias e efêmeras, não se nutrindo senão dos produtos dos seus rebanhos, e isto à maneira dos nômades, que eles imitam até em que, como eles, estão sempre prontos a carregar o pouco que possuem sobre seus carros, e a caminhar, seguidos de seus rebanhos, para onde melhor lhes pareça".(19)

Se os germanos se caracterizassem tal como os descreve o geógrafo grego, então seriam verdadeiramente nômades. Mas, acontece que a descrição de César não concorda com a de Estrabão, e entre ambos, é inegável que o testemunho de César tem muito maior valor, uma vez que Estrabão, — pelo menos no que se refere aos germanos, — não passou de um autor de segunda mão. Assim, como já vimos, no *Bellum Gallicum* há referências expressas à prática da agricultura entre os germanos, com vistas à alimentação humana e não, — como se poderia alegar, — para melhor prover à nutrição dos rebanhos. Desde que havia prática de agricultura, não se justifica a afirmação de que "eles não têm campos para cultivar... não se nutrindo senão do produto dos seus rebanhos".

Por outro lado, parece-nos um tanto ousado o ponto de vista de F. Dahn, para o qual "o mais justo será admitir que já no tempo de César começava a prevalecer a vida sedentária e agrícola".(20) Menos arriscado, talvez, seria afirmar-se apenas que, na época de César, os germanos não viviam exclusivamente errantes e que o pastoreio ainda preponderava entre eles, conforme se infere, por exemplo, das seguintes palavras de César: "A agricultura os ocupa pouco, e sua alimentação consiste sobretudo em leite, queijo e carne".(21)

Quanto à avaliação do progresso realizado pelos germanos durante os 150 anos que medeiam entre César e Tácito, temos um ponto de apóio na questão da propriedade privada, como nos diz Geffroy: "Um exame ponderado desta grave questão, na qual, — certamente, — Tácito pensou, é precioso para o conhecimento do seu estado social (dos germanos). Assim como, nas sociedades chegadas ao seu completo desenvolvimento, a propriedade privada é ao mesmo tempo o aguilhão e o preço do trabalho, e se torna, sábiamente constituída, o signo da civilização, assim também, na história do progresso dos povos ela marca, à medida que se introduz e se generaliza, a passagem do estado pastoril ao nômade e talvez, mais tarde, do agrícola a u'a mais alta condição social".(22)

(19) Estrabão, *Geografia*, VII, 1, 3.

(20) F. Dahn, *op. cit.*, pág. 67.

(21) *Bel. Gal.*, VI, 22; veja-se também VI, 29.

(22) A. Geffroy, *op. cit.*, pág. 176.

A êste respeito, tanto César como Tácito deixaram-nos passagens de inestimável valor, como se vê, em primeiro lugar, no *Bellum Gallicum* (VI, 1): "...a propriedade privada não existe entre êles, e não se pode permanecer mais do que um ano no mesmo solo, com o fim de cultivá-lo"; mais adiante, no livro VI, 22, o autor trata novamente do assunto: "Pessoa alguma possui, na qualidade de proprietário, uma extensão fixa de terreno, um domínio; mas os magistrados e os chefes de cantões atribuem anualmente aos clãs e aos grupos de parentes que vivem em conjunto, um terreno, cuja localização e extensão êles fixam a seu gôsto; no ano seguinte, êles os obrigam a ir para outro lugar. Dão muitas razões para explicar êste costume: mêdo de que tomem gôsto pela vida sedentária e negligenciem a guerra pela agricultura; de que queiram estender as suas posses, e de que se veja os mais fortes expulsarem de seus campos aos mais fracos; de que êles se preocupem muito em se proteger contra o frio e contra o calor, construindo habitações confortáveis; de que nasça o amor pelo dinheiro, fonte de divisões e de querelas; desêjo, enfim, de conter o povo, guardando-o da inveja, permanecendo assim cada um, pela fortuna, igual aos mais poderosos".

Como se vê, tôdas estas explicações coligidas por César poderiam resumir-se a uma única, que seria a de que o estado de guerra incessante em que se achavam os germanos, era contrário ao total sedentarismo, que levaria insensivelmente à vida calma e pacífica. A interpretação literal do relato de César, dá mesmo a impressão de que já na sua época a não fixação ao solo, — embora predominante, — era mais ou menos forçada, visto que "os magistrados e chefes de cantões... de mêdo que êles tomem gôsto pela vida sedentária e negligenciem a guerra pela agricultura", tomavam as providências exigidas pelas circunstâncias afim de manter o estado de instabilidade das populações. Seriam, portanto, contrários à tendência natural dos germanos da época, para u'a maior fixação ao solo.

Quanto ao sistema de distribuição das terras, explica-se também pelo caráter essencialmente militar da vida germânica de então, conforme se vê em Lamprecht, que após se referir à alimentação de carnes e de produtos animais dos primeiros tempos, e à necessidade experimentada pelos germanos de buscar alimentos também na agricultura, nos diz o seguinte: "Ao mesmo tempo que os germanos resolviam dedicar-se à agricultura, sentiam também a necessidade da partilha do próprio solo, da terra cultivável".

"Como se executaria esta partilha? — a terra, pelo menos entre o Reno e o Elba e do outro lado do Reno, ou não havia sido conqui-

tada, ou a sua conquista ainda não fôra consolidada; era um bem conquistado pelas armas, do mesmo modo que vários outros espólios; era evidente, então, que, — como êstes, — a sua distribuição se regeria pela organização militar”.⁽²³⁾

Por outro lado, vemos que, — de certa maneira, — a própria sociedade germânica podia ser explicada em função do aspecto guerreiro de sua vida: quando César nos fala no *magistratus* que distribui as terras, quer êle referir-se a chefes militares, conclusão esta a que somos levados pela leitura do mesmo livro VI, cap. 23;⁽²⁴⁾ quanto aos *principes* (*chefes de cantões*, para L. A. Constans), e que também exerciam a função de dividir as terras, nada mais eram do que os chefes dos *pagi*, ou seja, dos *gaue*, que eram constituídos por dez *vici*,⁽²⁵⁾ os quais por sua vez, eram formados pela reunião de dez grupos de famílias.⁽²⁶⁾

Ora, êste *pagus*, como era chamado em latim, e como aparece mencionado nas obras de César e de Tácito,⁽²⁷⁾ era o espaço ocupado pelo que em antigo alemão se chamava *hundred*, ou *hundari*, e que em alemão moderno se traduz como *Hundertschaft*.⁽²⁸⁾ E se investigarmos, não só a respeito da origem desta instituição, como também dos seus elementos componentes, chegaremos sempre a uma base predominantemente militar. Merece ser transcrita, sobre êste ponto, uma página de Lamprecht, em que o autor vai buscar o ponto de partida da *hundertschaft* na época do suposto matriarcado de eras primitivas: “Como outrora os homens da *gens* primitiva, da nação posterior, haviam constituído u’a multidão guerreira sob a chefia dos seus membros mais velhos, assim permaneceu mais tarde, após a formação das tribos, desempenhando cada *gens* o papel de uma parte do exército de todo o povo, sob a chefia dos guerreiros mais velhos; assim sendo, do ponto de vista político, a *gens* era considerada, antes de mais nada, como membro da organização militar. E isto verificava-se também em maior escala; as *gentes* até aqui conhecidas etnologicamente, após o matriarcado, abrangiam desde cinqüenta até du-

(23) K. Lamprecht, *op. cit.*, I, pág. 167

(24) “Quando um estado tem que se defender ou atacar um outro, são escolhidos magistrados que dirigirão a guerra e terão direito de vida e de morte”.

(25) *Tithing*, em anglo-saxão, *decúria*, *decânia*, *décima*, em latim medieval (A. Geffroy, *op. cit.*, pág. 208).

(26) Torna-se interessante, a êste respeito, a menção de um pequeno trecho de Engels: “Em geral, as tribos germânicas federadas tiveram então a mesma constituição que se desenvolveu entre os gregos dos tempos heróicos e entre os romanos dos tempos chamados *dos reis* (Fr. Engels, *L’origine de la famille, de la propriété privée et de l’État*, pág. 185).

(27) *Germânia*, cap. VI.

(28) Fr. Zoepfl, *Deutsche Kulturgeschichte*, pág. 20.

zentes membros masculinos. Devia o Estado, após a decadência do matriarcado, abandonar sem mais delongas uma organização militar de tão grande utilidade? — Ele conservou o significado militar da *gens*, que se tornou, assim, depois do período matriarcal, — naturalmente sofrendo certas modificações, — sobretudo a unidade militar do Estado e do exército germânicos. Mas, quando este exército organizado de maneira gentilica primitiva, ocupava uma extensão de terra e nela se domiciliava, quando êle conquistava e conservava, para a sua organização estatal e militar, uma região como base permanente, surgiam as *Hundertschaften*, pela subdivisão do domínio territorial do respectivo povo. Como tal aparecem elas em César, e ainda mais, em Tácito”.... (29)

O próprio Tácito deixa-nos entrever a base militar da organização social germânica primitiva, no cap. VII da *Germânia*, ao atestar que “o que neles sobretudo excita a coragem é que, em vez de ser uma reunião acidentalmente formada pelo acaso, cada pelotão de cavalaria ou de infantaria é composto de membros da mesma família e de parentes próximos”.

Trata-se, assim de uma organização gentilica, como nos esclarece Fr. Engels.(30) Aliás, êste mesmo autor nota, em termos bem exatos, a estreita relação existente entre a organização social e a vida guerreira dos germanos.(31)

Desde que, no regime gentilico o individuo só vale enquanto membro do grupo, nem mesmo havendo perfeita noção de responsabilidade individual, — fato que se nota ainda no relato de Tácito, cap. XXI, — compreende-se também que a propriedade individual fôsse limitada a objetos de uso próprio, não se estendendo à terra.(32) Esta, conquistada pelo grupo, a êle ficava pertencendo. Restaria, então, saber-se se na época de Tácito já existiria a propriedade privada com relação ao solo, e a base fornecida pela *Germânia* para a observação dêste ponto encontra-se no cap. XXVI: “As terras aráveis são postas em valor pela comunidade inteira; distribuem-nas propor-

(29) K. Lamprecht, *op. cit.*, I, págs. 132-133. Veja-se também E. Heyck, *op. cit.*, pág. 357 e F. Dahn, *op. cit.* pág. 86.

(30) “É certo que, até a migração dos povos, os germanos estavam organizados em *gentes*... César diz dêles, em termos expressos, que estavam estabelecidos por *gentes* (*gentibus cognationibusque*), e na boca de um romano da *gens* Júlia, esta palavra *gentibus* tem uma significação determinada que nenhuma argumentação pode afastar”... (*op. cit.*, pág. 170).

(31) Engels, *op. cit.*, pág. 172.

(32) Nesse particular é bem expressiva uma passagem da oração de um deputado tenctero aos úbios, durante a revolta de Civilis: “Que seja permitido, a nós e a vós, habitar, como o faziam os nossos antepassados, sobre uma ou outra margem: se a natureza deu a luz e o dia a todos os homens, ela abriu aos bravos tôdas as terras” (*Tác., Historias*, IV, 64).

cionalmente ao número daqueles que as poderão cultivar; subdividemnas entre si, segundo a hierarquia de cada um. Todos os anos abandonam a parte que tinham explorado e vão explorar outra; existem ainda vastos terrenos baldios, porque não travam uma luta encarniçada com a fecundidade e a extensão do solo para o plantio de pomares, para murarem prados ou irrigarem jardins; só pedem à terra uma única espécie de colheita”.

A êste respeito, merece novamente citado o mesmo Engels: “A viva e interminável controvérsia sôbre esta questão: se os germanos da época de Tácito haviam já repartido definitivamente a terra cultivável, e como interpretar as passagens relativas a êste ponto, pertence hoje ao passado. Desde que foi descoberto entre quase todos os povos a cultura da terra em comum pela *gens*, substituída mais tarde pela associação comunista de família, e a atribuição daí decorrente, de terra a famílias individuais, com nova repartição periódica; . . . se, da cultura da terra em comum, tal como César a atribui expressamente aos suevos, os germanos passaram, nos 150 anos que separam esta época da de Tácito, à cultura individual com partilha anual do solo, trata-se verdadeiramente de um progresso apreciável; a passagem dêsse estado ao de plena propriedade privada do solo, nesse curto intervalo, sem nenhuma intervenção estrangeira, implica numa simples impossibilidade. . . É justamente a etapa da agricultura que corresponde à constituição gentílica. . . A passagem de Tácito sôbre as trocas do solo cultivado, deveria então, de fato, ser tomada no sentido agrônômico: alqueive”⁽³³⁾ Quanto às terras desocupadas, explicar-se-ia perfeitamente a sua existência pela pequenez da população germânica, em relação ao território por ela ocupado.

Reparemos, além do mais, que se existisse efetivamente a propriedade privada do solo, as terras deveriam estar de posse da nobreza, que teria nelas a sua própria razão de ser. Ora, não é tal o que se depreende da leitura da *Germânia*, onde aprendemos que a aristocracia germânica subsistia exclusivamente em vista da situação de quase permanente estado de guerra em que viviam os germanos. Os nobres, os *duces* e os *principes*, como os chama Tácito, são, antes de tudo, homens de guerra.⁽³⁴⁾ Com tôda a certeza, a sua situação social predominante atribuía-lhes certas regalias sôbre as terras, como sôbre tudo. Mas não estava na terra a sua base ou, pelo menos, é o que se conclui após a leitura da *Germânia*.

Observamos, assim, a situação econômica e a organização político-social dos germanos da época de César condicionadas estreita-

(33) A palavra *alqueive*, pertencente ao vocabulário técnico da agronomia, tem o sentido de terra lavrada e deixada, em seguida, em descanso, por um ano ou mais.

(34) Veja-se a *Germânia*, caps. VII, XI, XIV; *Anais*, 16 e 17.

mente ao aspecto guerreiro dominante na vida daqueles povos, que estavam ainda em plena fase de ocupação do território, de lutas contra os celtas, de lutas intestinas, e que iniciava a era das lutas contra Roma. Aliás, já a própria incursão dos cimbro e teutões fôra um nítido prelúdio do duelo romano-germânico que ia se desencadear. Na época de Tácito, o estado de guerra permanecia dominando, e daí a não existência de grandes diferenças na sociedade germânica descrita no *Bellum Gallicum* e na *Germânia*. Podemos, não obstante, ressaltar alguns progressos dos germanos durante os 150 anos de intervalo entre uma e outra época histórica, como passamos a ver.

Notamos, inicialmente, que a prática da agricultura entre os povos germânicos, século e meio após Cesar, já estava mais desenvolvida, conforme se pode inferir da leitura do cap. XXIII da *Germânia*: "A bebida dêles é um licor extraído da cevada e do trigo"... Ora, cevada e trigo são cereais que, para produzirem rendimento regular, exigem cuidados especiais, ou seja, prática agrícola já mais ou menos desenvolvida. Assim, êste fato nos leva à conclusão de que algum processo se havia realizado na agricultura, muito embora a alimentação dos germanos continuasse tendo por base "frutos selvagens, caça fresca e leite coalhado", como se lê no mesmo cap. XXIII. Leve-se em conta, além do mais, que a produção de bebida devia ser relativamente grande para satisfazê-los, visto que "contra a sede não mostram a menor temperança. Se lhes encorajais a inclinação para a embriaguez, pondo-lhes ao alcance tanta bebida quanto desejem, teréis mais facilidade em vencê-los pelo vício que pelas armas".⁽³⁵⁾ Outro fato que nos indica a relativa intensidade do trabalho agrícola, é a existência de escravos que se dedicam, entre outras ocupações, ao trabalho dos campos, visto que "o senhor impõe-lhes, como o exigiria a um rendeiro, uma renda moderada em trigo"...⁽³⁶⁾ Lamentamos, entretanto, que César nada nos tenha deixado a respeito dos escravos, pois assim poderíamos definir melhor a extensão do progresso desenvolvido no prazo em questão.

Apesar de tudo, não podemos dizer, categoricamente, que os germanos do segundo século já consideravam a agricultura, e portanto, a terra, como grande valor econômico. Assim, Tácito declara, expressamente, que "o gado abunda, mas é quase sempre de pequena estatura, e mesmo os animais de trabalho não têm a corpulência dos

(35) *Germ.*, cap. XXIII. Cf. o mito da grande caldeira do gigante Hy-mir, conquistada por Tor. (E. Mogck, *Mitologia Nórdica*, pág. 111).

(36) *Germ.*, cap. XXV. Plínio-o-Antigo também se refere ao cultivo de cereais pelos germanos: "A primeira de tôdas as doenças do trigo é a avela; a cevada também degenera em avela e, por sua vez, a avela torna-se um equivalente do trigo: com efeito, os povos da Germânia semeam-na, e êles se nutrem da papa dêste grão". (XVIII, 44, 1).

nossos. Os germanos sentem-se orgulhosos por os possuírem em grande número; é a sua única riqueza, é o bem que mais estimam". (*Germ.*, V).

Por outro lado, há ainda um segundo indício de grande importância militando em favor do nosso ponto de vista: a nobreza germânica, de que já falamos, e donde saíam os reis e chefes militares, não era baseada na terra, mas tinha o seu fundamento na antiguidade da família. Nestas circunstâncias, o princípio fundamental na nobreza era de caráter religioso, visto que quanto mais antiga a família, tanto mais próxima deveria ela achar-se da divindade geradora da raça. Explica-se, deste modo, que os reis germânicos pertencessem, via de regra, à família mais antiga da unidade considerada. (37)

Que a agricultura estava ainda mui pouco considerada, desempenhando um papel verdadeiramente secundário, provam-no, além disso, o fato de que o trabalho da terra era considerado degradante, (38) e que era reservado às mulheres, enfim, aos seres mais fracos da família. (39)

Como se vê, o pastoreio era predominante, tanto na época de César como na de Tácito, o que não impedia que os germanos estivessem muito próximos de um sedentarismo, como se pode inferir, por exemplo, do que nos diz Tácito em relação às habitações, e talvez mesmo, do pouco que se encontra a este respeito no *Bellum Gallicum*. (40) Na *Germânia*, cap. XVI, o historiador nos fala de aldeias (*vici*), que "não se compõem, como entre nós, de construções contíguas e ligadas umas às outras; cada qual deixa à volta de sua casa um espaço vazio, quer para evitar os riscos de incêndio, quer em consequência da ignorância que têm da arte de construir. Não empregam a pedra nem a telha, e servem-se unicamente da madeira por debastar, sem pensarem na decoração ou na elegância; cobrem contudo certas partes mais cuidadas com uma terra tão pura e tão brilhante, que imita a pintura e os desenhos de côres". Ao que parece, tais habitações revelam uma acentuada tendência à fixação, tanto mais quanto certos costumes da época (v. g. o tratamento dispensado à adúltera, *Germânia*, XIX) constituíam indício suficiente de uma fixação ao solo, — pelo menos de maneira relativa. (41)

A arqueologia tem também fornecido dados muito interessantes a respeito das habitações entre os germanos, podendo ser transcrito

(37) Cf. F. Dahn, *op. cit.*, pág. 87; Fr. Zoepfl, *op. cit.*, pág. 28; K. Lamprecht, *op. cit.*, I, pág. 159.

(38) *Germânia*, cap. XIV. *Idem*, cap. XV.

(40) Pode ser citado, por exemplo, o seguinte trecho: "César, após ter permanecido algum tempo no seu território, incendiou todas as aldeias e todos os edifícios"... (*omnibus vicis aedificisque*) (*Bellum Gallicum*, IV, 19).

(41) Cf. F. Dahn, *op. cit.*, pág. 56.

aqui um pequeno trecho do Dr. A. Kieebush: “Grandes excavações e residências dilatadas provam que a Germânia de outrora não era fracamente povoada, mas ainda mais, que em muitos lugares, a cada aldeia atual correspondia um cénro de colonização dos primitivos germanos. Nossos antepassados não habitavam sómente em habitações isoladas e esparsas sobre o terreno. Novas pesquisas têm demonstrado com indubitável certeza, que os germanos habitavam conjuntamente em aldeias, as quais, em tamanho, nada ficavam a dever aos nossos aldeamentos atuais. Na província de Brandeburgo, no decorrer da última década, foram descobertas aldeias germânicas primitivas nas imediações de Neukölln, Grosbeeren, Stüdenitz, Kyritz, Lagardesmühlen, Küstrin e Paulinenaue. As casas eram quadrangulares, como as da época do bronze, e construídas de madeira, sendo as suas paredes tornadas fortes por meio de estacas cobertas de argila”.⁽⁴²⁾ Infelizmente, porém, não estamos ainda, hoje em dia em condições de estabelecer as regiões de maior colonização, bem como a marcha do elemento colonizador na Germânia primitiva, o que não impede que se possa afirmar a existência desta colonização, conforme nos esclarecem algumas linhas da autoria do Dr. Martin Braesz: “Em que medida os campos e os pastos dos nossos antepassados, provavelmente também de outros habitantes de tempos pré-históricos, foram libertados da floresta primitiva por meio do fogo e do machado, ou em que medida as clareiras naturais, — restos das estepes, — tornaram possível a penetração na floresta, isto constitui uma questão de difícil esclarecimento. Apesar disto, está cada vez mais firmemente comprovado que, muito tempo antes do início da nossa era, grandes grupos de colonizadores se estabeleciam profusamente na floresta, como por ex., na região do Danúbio e de seus afluentes do sul e do norte, nos planaltos do alto Reno, ao pé das montanhas, ou no espaço ao norte da longa cadeia central de montanhas, assim como no litoral do Báltico”.⁽⁴³⁾

A maior diferença a notar-se, então, entre os germanos da época de César e os da *Germânia*, diz respeito à estabilidade do povo, que era muito menor em 50 a.C. do que em 100 da nossa era, ponto este que foi perfeitamente compreendido por Fr. Engels, que assim se expressou: “Ao passo que, na época de César, os Germanos mal acabam de chegar às residências fixas, ou ainda as procuram, eles têm já, no tempo de Tácito, todo um século de estabilidade atrás de si”.⁽⁴⁴⁾

Tratar-se-ia, neste caso, de maior ou menor fixação ao solo, e não de se investigar acêrca de nomadismo e de sedentarismo. Aliás,

(42) Dr. A. Kieebusch, *Deutschkunde*, págs. 34-35.

(43) Dr. Martim Braess, *Deutschkunde*, pág. 18.

(44) Fr. Engels, *op. cit.*, pág. 180.

há certos fatos que nos dão, de maneira suficientemente clara, a idéia de que os germanos já eram sedentários desde a época de César e, principalmente, na de Tácito; nestas condições encontram-se, não só a existência de casas, — como já vimos, — mas também, a importância predominante da infantaria como arma de guerra.

Podemos mesmo, transcrevendo algumas linhas de Fr. Zoepfl, dizer que o sedentarismo era a tendência predominante entre os germanos desde a época da migração dos cimbro e teutões: “Se as migrações dos germanos para o sul foram determinadas por uma degradação do clima ou por uma invasão do litoral pelo mar, em todo caso era *Land und Saat*, o que cobijavam os cimbro e teutões quando eles surgiram às portas do Império Romano, *terra e sementeira*, para que pudessem construir moradas e conseguir alimentos. Já havia muito que os germanos haviam progredido, da situação nômade primitiva, para o sedentarismo e para uma vida mais regulada, ainda que com uma economia muito rudimentar”.⁽⁴⁵⁾

Parece-nos, assim, termos demonstrado, — com base em documentos, — que é totalmente falsa a hipótese simplista e esquemática da evolução dos germanos, do nomadismo do *Bellum Gallicum*, para o sedentarismo da *Germania*. Passemos, então, a ver alguma coisa sobre as relações entre celtas e germanos.

(45) Fr. Zoepfl, *op. cit.*, pág. 28, Cf. Mommsen, V. 302.

CAPÍTULO V

CELTAS E GERMANOS

Segundo temos visto até aqui, grandes eram as relações existentes entre os celtas e os germanos, de tal maneira que o próprio nome *Germanos* é, provavelmente, de origem céltica. Justificar-se-ia dêste modo o grande número de confusões reinantes a êste respeito na Antiguidade Clássica, confusões estas de tal vulto, que só Poseidônio de Apaméia, cêrca de 24 anos depois que Píteas travou os primeiros contatos com os germanos, presentiu que “celtas e germanos fôssem nações diversas”.(1)

Estas relações celto-germânicas dão origem a uma série de questões de grande interêsse para nós, como por exemplo, o problema racial, a localização de alguns povos no grupo céltico ou no germânico, e os empréstimos culturais que se teriam verificado entre uns e outros. O primeiro dêstes problemas pertence mais à Etnologia e à Antropologia, fugindo assim ao âmbito do nosso trabalho. Quanto aos outros dois, são de maior importância para o nosso caso, uma vez que, tanto no relato de César, como no de Tácito, encontramos passagens referentes a estas questões, como podemos ver, inicialmente, no *Bellum Gallicum* (II, 29): “Os atuatuco,.... Êste povo descendia dos cimbro e teutões que, enquanto marchavam para a nossa província e para a Itália, tinham deixado sôbre a margem esquerda do Reno os animais e as bagagens que não podiam transportar, com 6.000 homens dos seus para guardá-los. Êstes, após a destruição do seu povo, tinham estado em luta constante com os seus vizinhos, ora atacando-os, ora repelindo os seus ataques; enfim, tinha-se feito a paz

(1) K. Lamprecht, *op. cit.*, I, pág. 90. A êste respeito, lemos o seguinte, em C. Jullian: “A identidade dos celtas e dos germanos foi aceita até o tempo de Poseidônio, combatida por César, retomada por Estrabão e por muitos outros, a tal ponto que Dião Cássio não cessa de chamar os germanos de os celtas, e admitida por quase todos os eruditos, desde o século XVI até à Revolução; não foi senão no século XIX que, retomando talvez com a mesma intenção a teoria de César, fez-se de celtas e de germanos duas espécies inteiramente diferentes. A teoria contrária não teve, neste século, senão raros representantes”. (Camille Jullian, “*Histoire de la Gaule*, I, pág. 231, nota 1).

e, com o consentimento de todos, elles tinham escolhido esta região para aí se instalarem”.

Ora, pela leitura do *Bellum Gallicum* encontramos várias outras menções dos atuatuços,(2) mas nenhuma delas nos permite afirmar se o referido povo era incluído entre os germanos, de modo bastante claro; muito pelo contrário, temos antes a impressão de que elles se ligavam mais aos celtas, tanto mais quanto Tácito, escrevendo só sobre a Germânia, inclui na sua obra os germanos cisrenanos, mas nem mesmo toca no nome dos atuatuços. Não obstante, se elles eram descendentes dos cimbrós e teutões, e se estes eram germanos, não poderia haver dúvida: os atuatuços deveriam estar incluídos entre os povos germânicos. Entretanto, tocamos aqui numa nova questão: os cimbrós e teutões seriam totalmente germânicos? — Conforme vimos em capítulo anterior, a origem germânica dos cimbrós e teutões não pode ser posta em dúvida, mas, — neste caso, — restaria saber-se se, juntamente com elementos germânicos, não teriam tomado parte na migração elementos célticos que, ficando pelo caminho, teriam originado os atuatuços, além de outros grupos, provavelmente. A questão, todavia, não é pacífica, hoje em dia. Encontramos autores de valor, — reconhecidas autoridades na matéria, — cujas opiniões não concordam. Temos, assim, H. d'Arbois de Jubainville, dizendo-nos que “alguns dos guerreiros gauleses que, com os cimbrós e teutões haviam invadido a Gália, aí ficaram; assim, provavelmente após um acôrdo com os belgas, os *aduatuçi* estabeleceram-se na Bélgica moderna, na região de Tongres”;... (3) Por outro lado, já H. Hubert não se mostra favorável ao mesmo ponto de vista, uma vez nos diz que os atuatuços eram germano-célticos,(4) e depois, mais adiante, que eram germânicos.(5)

Ora, sabe-se que os autores antigos, — a princípio, pelo menos, — consideravam os cimbrós e os teutões como celtas (Cícero, *De Or.*, 11, 66; Salústio, *Jug.*, 114), o que se justifica, até certo ponto: os nomes não permitiam classificá-los, desde que teutões é *céltico* e que, para o próprio nome *cimbrós* os escritores antigos conheceram uma etimologia céltica. Mas, acontece que apenas isto não constitui índice suficiente para que se possa considerá-los como celtas, apesar de que os nomes de alguns de seus chefes, como por exemplo, Teutoboduus, sejam manifestamente célticos.(6)

O que parece estar fora de dúvida, — como nos diz H. Hubert, — é que “os cimbrós eram germanos celtizados pelo comércio ou pela.

(2) II, 4; 16; 39; 31. V, 27; 38; 39; 56; VI, 2; 33.

(3) H. d'Arbois de Jubainville, *Les Celtes*, pág. 212.

(4) H. Hubert, *Les Celtes à l'époque de la Tène et la civilisation celtique*, pág. 141.

(5) *Idem*, pág. 146.

(6) *Idem*, pág. 125.

política dos celtas do III e do II séculos”, e “é certo que eles arrastaram consigo outros povos que não eram germânicos, e outros que, seguramente, eram célticos”.⁽⁷⁾ Nestas circunstâncias, compreende-se que os atuáticos pudessem ser perfeitamente célticos, ou então, conforme se encontra na obra de Hubert, germano-célticos. Explicar-se-ia desta maneira a citada passagem de César.

É preciso, entretanto, que nunca percamos de vista uma judiciosa observação de G. Dottin a respeito da classificação de um povo em tal ou tal grande grupo: “os antigos hesitavam já em ligar um povo a este ou àquele conjunto, e muitas populações isoladas haviam esquecido, — sem dúvida, — a que raça pertenciam, de que país haviam partido outrora e de que poderoso povo se tinham separado”.⁽⁸⁾

Outro trecho do *Bellum Gallicum* digno de nota para nós, refere-se aos belgas, a respeito dos quais diz César: “... a maior parte dos belgas era de origem germânica; tinham, outrora, passado o Reno e, tendo-se detido nesta região por causa de sua fertilidade, expulsaram daí os gauleses que a ocupavam;...”⁽⁹⁾

Para Jubainville,⁽¹⁰⁾ bem como para Camille Jullian,⁽¹¹⁾ não pode haver dúvida: os belgas eram originários, não de germanos, mas de celtas antes estabelecidos na Germânia, e que se teriam instalado entre o Reno e o Sena e o Marne, possivelmente no III século a.C.,⁽¹²⁾ deixando na margem direita do Reno alguns estabelecimentos, como o dos menápios, que só emigraram para oeste na época de César.⁽¹³⁾ A mesma opinião é emitida por H. Hubert, que após tratar demoradamente deste complexo problema, conclui dizendo que “apesar de que os belgas se tivessem chamado *germanos*, eles não eram germânicos; eram gauleses originários da região situada ao norte do Meno, e de outros lugares”.⁽¹⁴⁾ Aliás, a questão dos atuáticos reduz-se à dos belgas, uma vez que aqueles faziam parte deste grande conjunto de povos.⁽¹⁵⁾

O que parece mais provável, é que a região da Bélgica e do vale do Reno foram uma zona de profundo e íntimo caldeamento entre celtas e germanos; com relação aos próprios belgas, que se ligavam aos celtas, admite-se “que havia entre eles, pelo menos, muitos ger-

(7) *Idem*, pág. 126.

(8) G. Dottin, *Les Anciens peuples de l'Europe*, pág. 252.

(9) *Bellum Gallicum*, II, 4.

(10) H. d'Arbois de Jubainville, *op. cit.*, págs. 14-15.

(11) C. Jullian, *op. cit.*, I, pág. 313.

(12) C. Jullian localiza estes fatos na data aproximada de 300 a.C., baseando-se nos seguintes dados: 1.º — Piteas não menciona os belgas ou os galatas a oeste do Reno, ao passo que Timeu já parece conhecê-lo aí; 2.º — a época centralizada em 300 a.C. caracterizou-se pelos grandes movimentos de povos (Políbio, II, 19; 1; 20, 7). (C. Jullian, *op. cit.*, I, pág. 315, nota 2).

(13) *Bellum Gallicum*, IV, 4.

(14) H. Hubert, *op. cit.*, pág. 120. (15) — *Idem*, pág. 116.

mânicos"...(16), chegando mesmo a serem considerados precisamente como o produto da sociedade formada pelos celtas e germanos, nos seus limites.(17)

Assim sendo, de maneira alguma é possível estabelecer-se uma linha divisória entre os domínios ocupados pelos celtas e aqueles em que estavam os germanos. Pode-se, apenas, falar numa verdadeira zona, em que celtas e germanos se interpenetravam, dando margem, assim, a que os autores que dêles trataram se vissem em dificuldade para classificá-los.(18) Daí as confusões, justificando certas passagens de César, e mesmo de Tácito. Os próprios tungros, que teriam sido, — como já vimos, — os primeiros aos quais coubera o nome *germanos*, estavam incluídos no número dos povos intermediários entre celtas e germanos.

É interessante notarmos que não só no Ocidente se operava êsse caldeamento entre os dois grandes grupos de povos: encontrámo-lo também no Oriente europeu, representado sobretudo pelos bastarnos, a respeito de cuja classificação hesitavam os autores antigos: ora tinham-nos como celtas (Políbio, 26, 9; 29 e ss.), ora como germanos (Ptolemeu, 1, 3, 5, 19). No dizer de H. Hubert, "não é impossível que os bastarnos tenham sido uma confederação de bandos célticos e germânicos como o foi mais tarde o exército dos cimbro e teutões".(19)

Outro aspecto interessante das relações celto-germânicas, é o que diz respeito a uma supremacia dos celtas sobre os germanos, em tempos anteriores mesmo a qualquer contacto destes com os romanos. Tanto César como Tácito fazem referência a esta questão, como podemos ver, inicialmente, pela leitura do *Bellum Gallicum* (VI, 24): "Houve um tempo em que os gaulenses sobrepujavam os germanos em bravura, levavam a guerra ao seu território, enviavam colônias para lá do Reno, porque eram muito numerosos e não tinham terras em quantidade suficiente. Foi assim que os lugares mais férteis da Germânia, na vizinhança da floresta Hercínia, . . . foram ocupados pelos

(16) *Idem*, pág. 197.

(17) Eoin Mc Neill, *Phases of Irish history*, apud. H. Hubert, *op. cit.*, pág. 117, nota 8.

(18) Cf. E. Heyck, *op. cit.*, pág. 352.

(19) H. Hubert. *op. cit.*, pág. 109. F. Lot, após dizer que "não é duvidoso que os skiros fôsem germanos, e talvez também os bastarnos", acrescenta a seguinte nota: "A questão está ainda incerta quanto aos bastarnos. Seu nome não é germânico, mas, — antes, — é céltico (Schönfeld, *Wörterbuch der Altgermanischen Personen — und Völkernamen*, 1911, pág. 45). Também os outros autores se dividem quanto às opiniões: Müllenhoff, Munch, L. Schmidt, etc., consideram-nos como germânicos; Niese, Hirt, Feist, tomam-nos por célticos; Bremer e Kossina, por germânicos celtizados" (F. Lot, *Les invasions germaniques*, pág. 22, nota 3).

volcos testosagos, que aí se fixaram. Este povo continua habitando o país e tem a maior reputação de justiça e de valor militar”.

Como se observa à primeira vista, César supõe nada mais nada menos que o domínio dos germanos pelos celtas, partindo da Gália. De fato, de acôrdo com Jubainville,⁽²⁰⁾ instalou-se a oeste do Reno uma verdadeira hegemonia céltica, por volta do IV século a.C., desde que “os germanos, — provavelmente, — viveram sob o domínio dos gauleses durante muitos séculos, até, aproximadamente, a data de 300 a.C.”.

Tácito, baseando-se em César, trata do assunto nos seguintes têrmos: “O mais eminente dos historiadores, o divino Júlio César, conta que outrora as fôrças dos gauleses eram superiores às dos seus vizinhos, o que autoriza a crer que os gauleses invadiram a Germânia. Como podia, de fato, a frágil barreira de um rio impedir a uma nação, visto ser a mais forte, que mudasse de habitação e fôsse ocupar territórios que ainda não pertenciam a ninguém e de que nenhum poderoso reino traçara ainda os limites?” (*Germânia*, XXVIII).

Atualmente, porém, esta questão do domínio dos germanos pelos celtas é bastante discutida, podendo-se mesmo dizer, com G. Dottin,⁽²¹⁾ “que não se pode demonstrar que os germanos tenham estado sob a dominação dos celtas, apesar de ser isto muito verossímil”. Alguns modernos historiadores alemães, como por exemplo R. Much⁽²²⁾ e E. Norden⁽²³⁾ manifestam-se contrariamente à hegemonia céltica; baseado nestes autores pôde E. Fehrle⁽²⁴⁾ sustentar o mesmo ponto de vista, como se vê pelas seguintes linhas: “De acôrdo com estas deduições de César e de Tácito e em ligação com os dados fornecidos pela história da colonização, tem-se concluído pela existência de uma hegemonia dos celtas sôbre os germanos na Europa Central. Mas estas deduições dos escritores romanos repousavam no falso presuposto de que a primitiva pátria coincidissem aproximadamente com a Gália, a atual França. Sabe-se agora que viviam celtas também à direita do Reno, como os *volcae*. De acôrdo com o presuposto que outrora se admitia, chegava-se à conclusão de que êstes celtas haviam atravessado o Reno e submetido os germanos, cujo domínio primitivo acreditava-se que fôsse a leste do Reno. R. Much colocou no seu devido lugar êste preconceito, e mostrou que não se verificou um pré-histórico domínio céltico sôbre os troncos germâni-

(20) H. d'Arbois de Jubainville, *op. cit.*, pág. 173.

(21) G. Dottin, *op. cit.*, pág. 223.

(22) *Die angebliche Keltenherrschaft in Germanien*, in *Volk und Rasse*, I, 1926, 100 fls.. Apud E. Fehrle, *op. cit.*, pág. 98.

(23) *Alt-germanien*, 143 fls., apud E. Fehrle, pág. 98, *op. cit.*

(24) E. Fehrle, trad. *Germânia*, nota ao cap. XXVIII, pág.-97-98.

cos. Os dispersos remanescentes dos celtas ficaram sob a supremacia germânica, enquanto que a sua massa principal, diante da aproximação dos germanos, procedentes de norte e de nordeste, recuou para oeste e para o sul”.

Aparentemente, entretanto, tem-se a impressão de que César e Tácito não erram quando insistem no domínio da Germânia pelos celtas, visto que uma tradição gaulesa, conservada provavelmente sob a forma de epopéia ou de cantos, e que nos foi transmitida principalmente por Tito-Lívio⁽²⁵⁾ fala da grande expedição de Sigoveso, — sobrinho do chefe biturígio e rei de toda a Céltica, Ambigato, — em direção da Europa Central e do vale do Danúbio; ao mesmo tempo, o seu irmão Beloveso teria ido para a Itália.

Ora, nestas circunstâncias, Sigoveso teria então dominado os germanos habitantes do centro europeu. O erro desfaz-se, quando se verifica que os habitantes do vale do Danúbio, nesta época (segunda metade do século V a.C.), não eram germanos, mas lígures, ilírios e trácios;⁽²⁶⁾ os germanos, — marcomanos e quados, — só chegaram ao vale do Danúbio no século II a.C.⁽²⁷⁾ Estaríamos, assim, em face de um legítimo “erro cronológico”, na expressão de Jubainville, no qual tanto César como Tácito teriam incorrido. Isto não é de se admirar, visto que é o próprio autor da *Germânia* quem nos diz expressamente, no cap. XXVIII, que se baseou em César para a composição desta parte de sua obra.

A questão das permutas culturais entre germanos e celtas é também curiosíssima, mas foge, na sua quase totalidade, ao âmbito do nosso trabalho, porque só pode ser convenientemente estudada através da filologia e da arqueologia. No que se refere ao relato de César e ao de Tácito, neste particular, fornecemos-nos êles mui pouco material. César, por exemplo, ao falar dos tibios (IV, 3), atribui-lhes um progresso bem maior do que aos demais povos germânicos, — entre outras razões, — devido à sua proximidade com os gauleses. Tácito, no cap. III da *Germânia* nos dá uma palavra que pode servir de índice para mostrar a influência céltica sobre os povos de além-Reno; de fato, diz-nos êle que os germanos “têm ainda um canto de guerra chamado *bardit*”... Ora, esta palavra *bardit* é céltica, conforme se vê fazendo-se a comparação com o gaulês *barddaud* — *bardātos*, que significa *ciência dos bardos*.⁽²⁸⁾ De maneira geral, podemos dizer que o grande número de palavras germânicas tiradas do vocabu-

(25) V, 34. Trata-se do assunto também Justino, XXIV, 4 e Apiano, *Céltica*, 2, 1. (C. Jull., I, pág. 286, nota 7).

(26) C. Jullian, *op. cit.*, I, pág. 297, nota 3.

(27) H. d'Arbois de Jubainville, *op. cit.*, pág. 11.

(28) Jubainville, *op. cit.*, pág. 174.

lário céltico, em todos os setores da atividade humana,⁽²⁹⁾ nos dão bem uma idéia da grande influência civilizadora exercida pelos celtas sôbre os germanos. Razão bastante demonstra, nestas circunstâncias, H. Hubert, ao dizer que se trata de empréstimos “de um povo que pede a outro, ao mesmo tempo, objetos e noções, civilização e noções designadas por substantivos. Os celtas parecem ter sido, durante longos séculos, os educadores dos povos germânicos”.⁽³⁰⁾

Seja dito, porém, que esta não é a opinião unânime de todos os historiadores do assunto. Para Camille Jullian, por exemplo, o fundo comum dos vocabulários céltico e germânico poderia ser explicado, não tanto pelo domínio dos celtas sôbre os germanos, mas pela origem comum dos dois povos. Contrapõe-se êle, expressamente, — a Jubainville e Otto Bremer, que atribuem o fundo comum não só a uma superioridade de civilização, mas mesmo a um verdadeiro domínio político, baseando-se na expansão dos celtas na época de Ambigato. Conforme nos diz o erudito autor, “o texto de César, que é sempre invocado, não visa senão o vale do Danúbio e a expedição de Sigoveso; aliás, esta conquista não impede que celtas e germanos tenham podido pertencer outrora a um mesmo grupo de populações: partindo do fato de que os francos de Carlos Magno submeteram os saxões, segue-se daí que êles não tenham sido, antes de Clovis, igualmente germanos?”⁽³¹⁾

(29) Veja-se Karsten, *Les anciens Germains*, págs. 188-196; H. Hubert, *Les Celtes et l'expansion celtique jusqu'à l'époque de la Tène*, págs. 76-83.

(30) H. Hubert, *Les Celtes et l'expansion celtique jusqu'à l'époque de la Tène*, pág. 76.

(31) C. Jullian, *op. cit.*, I, pág. 232, nota 3.

CONCLUSÃO

Naturalmente, a primeira conclusão a que devemos chegar há de se referir ao valor dos relatos dos autores latinos para o estudo dos germanos primitivos. Inegavelmente, tanto César como Tácito deixaram-nos páginas que muito nos auxiliam no estudo dos germanos, mas que, por si só, seriam insuficientes para que chegássemos a um perfeito conhecimento do assunto. Tal fato é devido, por exemplo, ao caráter unilateral dos relatos: ambos os autores são romanos, e como romanos pretendem descrever-nos povos cujo padrão de vida era completamente diferente do de Roma; além disto, a maneira pela qual são descritos os germanos é muito superficial, dificultando-nos a apreciação de certos elementos capitais para o seu conhecimento. E' verdade, porém, que tal deficiência pode ser explicada pela própria falta de fontes com que lutavam os autores, o que se torna evidente em quase toda a extensão dos relatos.

Assim sendo, a interpretação dos textos deve ser sempre acompanhada pelas pesquisas realizadas no campo das ciências auxiliares da História, principalmente a Arqueologia e a Lingüística. Frequentemente, mesmo, os autores em questão revelam-se de tal maneira imprecisos, demonstrando a falta de segurança de seus conhecimentos, que o recurso às ciências auxiliares se torna indispensável.

Se tôdas estas dificuldades se apresentam na consideração dos relatos, independentemente um do outro, maiores são as que surgem quando pretendemos compará-los, tomando-os como esteios para um estudo da Germânia primitiva. Como vimos, não pudemos, baseando-nos apenas no *Bellum Gallicum* e na *Germânia*, traçar um quadro detalhado da sociedade germânica no período intermediário. Não nos foi possível, neste ponto, ir além de certas linhas gerais, fundamentais, e de um ou outro característico particular. E as principais conclusões a que chegámos, podem ser resumidas no seguinte:

1) — Nem na época de César, e muito menos na de Tácito, houve nomadismo entre os germanos, parecendo-nos que não corresponde com a realidade a verificação de uma passagem do nomadismo para o sedentarismo. Mesmo porque, como já dissemos, uma tão simples esquematização da vida social-econômica dos povos ger-

mânicos seria demasiado artificial. Tanto não acreditamos no nomadismo, que nos aventuramos a tentar uma distribuição dos germanos já na época de César. Se estes povos fôsem nômades, quer-nos parecer que o nosso cap. II estaria totalmente prejudicado, visto que o seu objetivo é situar geograficamente, pelo menos de maneira relativa, os povos germânicos encontrados no *Bellum Gallicum*.

2) — Se não havia nomadismo, havia, — isto sim, — uma certa instabilidade na fixação ao solo dos agrupamentos germânicos, fato êste determinado pelo atrazo da técnica agrícola (que exigia ainda, de maneira permanente, a prática do alqueive), e pelo caráter essencialmente guerreiro da vida da época. Aliás, procuramós demonstrar que toda a organização social germânica era realizada em função do aspecto militar.

Restaria, entretanto, uma questão interessante a resolver: a situação dos germanos antes do contacto com os romanos, teria sido sempre caracterizada pelo estado de ebulição patenteadó pela migração dos cimbrós e teutões? — Parece-nos bastante plausível a hipótese de que esta instabilidade na fixação ao solo fôsse característica de um período anormal na vida dos germanos, determinado por fatores desconhecidos do mundo mediterrâneo da época. Neste caso, certos trechos dos relatos sôbre os germanos (v. g. *Bellum Gallicum*, VI, 22), bem como o caráter das primeiras migrações conhecidas, poderiam servir de base para se afirmar que a agricultura, ligada a uma relativa fixação ao solo, fôsse expressiva de um antigo padrão cultural, que os germanos se esforçavam por restabelecer.

3) — Entre a época de César e a de Tácito, os progressos dos germânicos em civilização não foram de grande monta, se levarmos em conta o período relativamente dilatado de 150 anos. Esta verificação, por sua vez, ajuda-nos a estabelecer a relação entre o quadro da Germânia primitiva esboçado pelos autores clássicos, e o panorama geral da História. No decorrer da História do Ocidente, notamos que estes germanos vão atacando, com sucesso cada vez maior, as fronteiras do Império Romano, até que, por fim, conseguem rompê-las definitivamente. Ora, se o progresso germânico não era um fato que saltasse aos olhos, só se poderia admitir a sua superioridade e a sua vitória sôbre Roma devido ao enfraquecimento dos romanos, que decaíram ao ponto de não poderem nem mesmo garantir-se contra a penetração pacífica dos germanos no Império.

4) — Esta decadência, aliás, já se demonstra quando notamos o pendor dos autores da época para a idealização das virtudes bárbaras, quer se trate de um Dião Crisóstomo em relação aos sármatas, quer se trate do próprio Tácito, que se refere aos germanos com admiração, respeito, e até mesmo temor, como vemos pela leitura do cap. XXXVII da *Germânia*. E somos levados, assim, a recordar Sêneca,

o qual, bem antes que Tácito compuzesse a sua *Germânia*, já dizia, no *De Ira* (5, 10): “Que há de mais enérgico que os germanos? — A êstes corpos vigorosos, a estas almas que não conhecem os prazeres, o luxo e as riquezas, dai um pouco mais de tática e de disciplina; eu nada digo a mais: então, vós não podereis fazer-lhes frente, senão voltando às virtudes de vossos antepassados”.

Descrevendo rapidamente um povo ainda em estado de barbárie, faz o filósofo um apêlo aos romanos, afim de que sustentem a decadência, característica dos povos saturados de civilização: sòmente voltando ao seu valor moral de outrora, poderiam êles guardar as suas fronteiras contra os invasores. Não que êstes fôssem materialmente mais fortes, pois nenhum autor chama a nossa atenção para êste ponto, mas porque ainda não estavam corrompidos pelo excesso de civilização. Por outro lado, esta fraqueza material também ia ser funesta a Roma, pois sôbre ela lançar-se-iam irresistivelmente os povos germânicos, quando não se sentissem em condições de enfrentar a pressão de novos invasores: os hunos.

APÊNDICE I

NOTA A RESPEITO DO ÂMBAR

O âmbar encontra-se em pedaços pastosos, mais ou menos chatos, de forma muito variada; possui mais ou menos a coloração da resina vegetal, da côr de cêra ao amarelo mel, amarelo esbranquiçado, até mesmo pardo, encontrando-se também, na Sicília, de côr azulada, verde esmeralda, roxo, às vêzes côr de fogo, listado, de aspecto brilhante gorduroso, transparente ou opaco.

Com o atrito desenvolve odor e eletriza-se; aquecido em óleo torna-se mole e flexível. Insolúvel na água. Fervido em álcool desprende pequena dose de éter e de óleos etílicos. Dissolve-se no benzól, clorofórmio e álcool. Contém mui pequena quantidade de cânfora e também uma pequena dose de enxofre. Comumente é composto de betume de âmbar e succinina, contendo além disso uma resina solúvel em álcool, óleo etílico e ácido succínico. O âmbar é solúvel a 280°, produzindo uma chama fuliginosa. Posto sôbre brazas desprende vapores penetrantes de cheiro agradável, produzindo em destilação seca, ácido succínico, óleo succínico e água, deixando como resíduo no óleo de terebentina e em outros óleos, o colofônio de âmbar, que é solúvel e que produz, tratado com calor forte, um óleo espesso e pardacento e cânfora de âmbar. Tratado com salitre, produz maior quantidade de ácido succínico e pequena quantidade de cânfora; tratado com ácido nítrico fuliginoso produz uma resina cheirosa semelhante ao almíscar; tratado com hidrato de potássio produz a cânfora de Borneu. Encontra-se o âmbar nas formações calcáreas do período terciário, nas sedimentações secundárias, diluviais e de aluvião. Pode ser também encontrado em ardósia, chisto betuminoso ou plástico e em pedra carbonífera. Aparece também na chamada formação de glauconita, na Samlândia, bem como nas camadas lodosas e argilosas das planícies e nas areias do Báltico. A região onde é encontrado com mais freqüência é a costa norte da Prússia, de Stralsund a Memel, principalmente na faixa de costa de Pillau a Brústerort, na

costa ocidental da Dinamarca e Schleswig-Holstein, bem como na costa do Oceano Glacial Ártico. Além disto, foi encontrado também na Sibéria, em Analatschka, Kadjak, Kamtschatka, Kanin, Helsinki, Portugal, Espanha, França, Holanda; de um colorido de fogo de chama, de tonalidades de cores muito vivas, na costa oriental da Sicília, na costa norte da África, na Dalmácia, Hungria, Siebenbürgen, România, Tirol, Áustria, Galícia, Morávia, Boêmia; muito disseminado na Silésia, Polônia, Livônia, Curlândia, Ucrânia, Brandeburgo, Mecklemburgo, Altenburgo, Suécia, Inglaterra e Austrália; os achados na Índia Oriental, África e Brasil, não apresentam o âmbar puro, mas uma resina semelhante a êle, inflamando-se facilmente, porém claramente diferenciável. Entretanto, a maior parte do âmbar é lançada nos mares do Norte e Báltico. Na costa prussiana as violentas tempestades de noroeste tiram o âmbar solto do fundo do mar e carregam-no para terra, por meio das ondas, misturado com algas.

Há muito tempo o âmbar foi reconhecido como sendo u'a resina fóssil de certas árvores, e por meio dos numerosos e bem conservados sinais de restos incisos, conseguiu-se formar uma idéia muito clara das antigas florestas que deram origem ao âmbar. As madeiras particulares ao âmbar eram: o *pinites succinifer*, semelhante ao abeto vermelho, o *pinus eximius*, *mengeanus* e *radiosus*, os quais correspondiam mais às espécies abietinas; com maior freqüência, o *pinus strobianus*, semelhante ao *pinus strobus* e o *pinus anomalus*, que só de longe se assemelha ao pinheiro bravo. A madeira mais freqüente nas florestas que deram origem ao âmbar, parece ter sido uma *thuya*, que era bastante comparável à atual. Além disto continha a floresta muitas folhagens, cogumelos, líquens, musgos, certa modalidade de feto, muitas urzes, etc. Estas árvores podiam ser comparadas, na sua riqueza em resina, com a *dammara australis*, da Nova Zelândia, cujos galhos e troncos gotejam uma resina branca e tão rija, que parecem cobertos com cordões de gelo. A resina do âmbar era em parte segregada ou acumulada nas raízes ds árvores, e em parte gotejava dos ramos e caía no chão, onde jaziam as folhas, cujas formas nela ficavam impressas. Também a fauna do âmbar foi conservada por êsse meio, e assim encontramos crustáceos, centopéias, aranhas, insetos, caracóis, penas de aves e um tufo de pêlos de morcego. Peixes e anfíbios não aparecem. Em conjunto, a fauna do âmbar é terrestre, mas uns raros remanescentes de um casal de lagostas aparecem, naturalmente, nas proximidades do mar, e muitos neurópteros atestam a riqueza do mundo aquático nas florestas de âmbar. Quanto ao destino que tiveram estas florestas, nada sabemos. Pode-se calcular em 100 milhões de arráteis a quantidade de âmbar existente, mas em parte alguma é êle achado em correspondência com as massas de carvão;

assim, as jazidas de carvão pardo da Samlândia não estão em relação alguma com a riqueza das florestas do âmbar.

Obtem-se o âmbar recolhendo-o quando jogado pelo mar, e indo-se também até cem passos pelo mar a dentro, com grandes rédes, reforçada com varas, para retirá-lo da água. As algas que mantêm o âmbar, são aprisionadas pela rêde no meio das ondas em movimento, lançadas à praia e pesquisadas. Após êste antiquíssimo processo de obtenção, já descrito por Tácito, é usado o lanceamento do âmbar, empregado nas proximidades das praias onde jazem grandes pedras, entre as quais está o âmbar; quatro ou cinco homens vão para o mar em um bote, e enquanto um procura soltar o âmbar do fundo do mar com uma lança, ou virar as pedras com uma picareta, um outro recolhe-o numa rêde especial. Em Brüsterort, onde existe um rico depósito de âmbar a 5-9 ms. de profundidade, levanta-se os blocos de pedra com tenazes ou roldanas, em uma balsa, e movimenta-se uma rêde com bordas agudas, raspando o fundo do mar de um lado para outro. Grandes resultados foram conseguidos na Kurisches Haff por meio de estancas, as quais não podem ser praticadas nas perigosas costas de Brüsterort. Entre êste âmbar estancado, achou-se muitos objetos de arte, como nas velhas sepulturas prussianas, as *Hünengrübem*. Desde mais ou menos 200 anos conseguiu-se obter o âmbar em terra firme, por meio de excavações, e êste método tem dado ótimos resultados, desde que se reconheceu que a terra azul é um lugar por excelência em que existe o âmbar. O pé cúbico de terra azul contém, em média, 4 grs. de âmbar. As elevações são derribadas em toda a sua altura, e enquanto uma fila de trabalhadores com pás vai recuando, guardas localizados na sua frente vão recolhendo os pedaços de âmbar.

Distingue-se o âmbar para o comércio segundo a côr, a pureza, tamanho e forma dos pedaços, e para chegar-se a isto, afasta-se, em primeiro lugar, a camada semelhante ao couro, cheia de cicatrizes, e que é desagregada por meio de lima. Pedaços que pesem mais de meio quilo são raros; o maior pedaço de âmbar acha-se no Real Gabinete Mineralógico, em Berlim: pesa 6.750 grs.. Pedaços que tenham mais de 75 grs. de pêso, boa côr, e que não sejam de forma desfavorável, são utilizados para pequenas taças, copos, e *bibelots*, possuindo o valôr da prata; os pedaços planos são usados para *broches*, etc.. O âmbar siciliano é empregado em Catânia para a fabricação de cruzes, guirlandas de rosas, imagens sagradas, etc.. Segundo a côr distingue-se o branco-giz ou de um amarelo brilhante, côr de osso, o qual é rico em ácido succínico, tendo-lhe sido atribuídas particulares virtudes curativas; há variedades transparentes e nubladas, há o totalmente claro, de um amarelo esbranquiçado, e de um vermelho esbranquiçado; a variedade mais valiosa é o *Bastart*, semi-transparente

até transparente, *Bastardstein*, de um claro amarelo esverdeado, ou côr de repólho branco. Trabalha-se o âmbar no tórno, por meio de cortes, raspagens e uso da lima, e também com um pequena serra apropriada; é êle polido por meio de pedras pomes, giz e água, e por meio de fricções com o polegar e recobrando-se os lugares que não podem ser polidos, com verniz de âmbar. Aquecendo-se o âmbar em óleo, pode-se, passageiramente, torná-lo tão mole que se deixa moldar e comprimir-se em fôrmas; nestas condições, o âmbar leitoso torna-se transparente. Os pedaços maiores vão, em estado bruto, para o estrangeiro e são trabalhados em Constantinopla, Viena e Paris, na fabricação de jóias, no Oriente para boquilhas de *narghilés* e para corais de âmbar, que servem para enfeitar arreios de cavalos. Mas os mais importantes corais foram, durante muito tempo, usados em lugar de dinheiro pelos povos negros da África, pelos aborígenes das ilhas do Sul e da Ásia Oriental. Como sucedâneos ou materiais de falsificação do âmbar, são usados o vidro, o copal e as sobras do âmbar, as últimas das quais podem ser transformadas, com o auxílio de ácido sulfídico ou de éter, em u'a massa plástica, podendo também ser comprimidas com um forte material colante, em fôrmas, sob prensa hidráulica. A descoberta das falsificações é, algumas vêzes, muito difícil e é feita, na maior parte das vêzes, por meio da verificação do pêso específico, da dureza, e da relação de material perdido. As sobras de âmbar servem para a preparação de ácido succínico, e de verniz de âmbar. O âmbar fundido dá, com uma parte e meia de ácido sulfídico, uma ótima pasta adesiva, de resultados eficientes e rápidos.

(Apud *Meyers Konversations-Lexikon*, 4.^a edição, art. *Bernstein*)

APÊNDICE II

Tese bastante curiosa, referente à interpretação dos nomes dos diversos povos germânicos, foi defendida por V. Gantier em 1901. Partia o autor de um ponto principal: entre os germanos os nomes de povos eram tirados, ou de nomes de regiões, ou da denominação de certas características peculiares ao trabalho da terra. Baseando-se neste pressuposto, procurou então interpretar todos os nomes de povos germânicos, a começar pelo de *germanos*:

Germani, que César e Tácito tomaram por um nome de povo, é um nome de região, como todos os outros nomes de povos que nos transmitiram os romanos" (pág. 244).

Germani (*Germanis-mairis*) *ger-mannen*, *germanen* (*meenen*, *meinen*), "povo das comunidades das valas". A Germânia é, ainda hoje, coberta por centenas de nomes geográficos em *man* (*meen*, *meine* etc., comunidade), os nomes pessoais em *ger*, e sobretudo em *mann*, abundam igualmente na Alemanha. Dentre estes nomes, nos que são muito antigos, *mann* significa, não *homem*, mas *comunidade*, muito: *Neumann* — comunidade nova; *Leemann* — comunidade da vala; *Hermann* — comunidade da multidão. Germânia, *Germanen Land*. país das comunidades das valas (de proteção, de coberta). Quantas comunas ou propriedades não havia ainda na Idade Média, que eram cercadas por uma vala? — Daí o nome de país: *Land der Gerre* (ou *Ger*) — *Meinen* (*Ger — Germeinschaften*)" pág. 188).

pág. 29 — *Caninefatos*: habitantes da região onde há cercados de coelhos.

Coeroesi: povo dos *caereessen* (estacas das torres).

pág. 30 — *Canini*: povo dos *carens* (torres ou muralhas).

pág. 35 — *Cimbri*: campinas (*Kempn*).

pág. 36 — *Ambroess* charnécas seccionadas (*Hambraunen*).

pág. 38 — *Reudigni*: cercas desbastadas (*Reud-ingen*).

pág. 39 — *Suiones*: águas que desaparecem no mar (*Swinen*).

pág. 43 — *Gambriuii*: povo dos *ghambreen* (extensão de sulcos).

pág. 44 — *Rugii*: povos dos *ruggen* (dorso ou crista).

pág. 52 — *Mattiaci*: povo dos "matte-hacken" (sulcos dos prados).

pág. 53 — *Marsi*: de *Maarsen* (prados).

Marsaci: de *Maars-acken* (cortes dos prados).

Marsigni: de *marssiegen* (declive dos prados).

Cherusci: *ger-rusken* (prado com valas).

Suevi: povo dos *seu-even* (prado com valas).

pág. 65 — *Triboci*: de *Treeboecken* (faias).

pág. 66 — *Lygii*: prende-se a *leegen*, terreno barrancoso.

pág. 76 — *Ampsvarii*: de *ambswaren* (guardas do distrito).

pág. 98 — *Ubii*: de *huben* ou *haben* (herdades).

pág. 101 — *Catti*: povo dos *Katten* (muralhas).

pág. 102 — *Vangiones*: de *Wangen* (muralha fortificada).

- pág. 124 — *Gugerni*: de *Gochera* (diques).
 pág. 126 — *Cotini*: povo dos *Coten* (cabanas).
 pág. 132 — *Aviones*: de *auwen* (cortes).
 pág. 144 — *Amsibarii*: de *Ems-barren* (barras de obstáculo).
 pág. 146 — *Gutones*: de *Gutten* (fossas, valas).
 pág. 151 — *Chamavi*: povo dos *Kam-hauen* (secção com cristas de montanhas).
 pág. 172 — *Tencteri*: de *tenck-terren* (turfas mergulhadas).
 pág. 173 — *Sigambri*: de *Sieg-ambem* (cortes dos declives).
 pág. 173 — *Pemani*: de *Pij-mänen* (comunidades cercadas de madeiramento).
Peucini: *Pui-hoecken* (cantos de madeiramento).
 pág. 179 — *Semnones*: povo dos cem cantões.
 pág. 187 — *Tungri*: de *Tungerran* (valas de fechamento).
 pág. 193 — *Dulgubnii*: de *Deyl-geben* (doação de partes).
 pág. 201 — *Burii*: de *Buren* (vizinhança, ou herdade).
 pág. 214 — *Vandali*, ou *Vindili*: de *Wendelen* (fechamento).
 pág. 216 — *Sitones*: de *siten* (residências fixas).
 pág. 217 — *Sedusianos*: de *Set-husen* (casas de residência).
 pág. 223 — *Nuitones*: de *Nieten* (posse, uso).
 pág. 246 — *Batavi*: de *bat-ouwen* ou *baet-uwe* (sulcos para agricultura).
 pág. 247 — *Marsaci*: de *maars-acken* (secção de prado).

Baseando-se sobre a interpretação dos diversos nomes de povos, chega V. Gantier à conclusão de que estes povos eram agrícolas, como nos diz, refutando as asserções de César e de Tácito: "Éstes dados romanos são desmentidos pela geografia germânica; pelos extratos da lei primitiva do Malberg, dos quais está repleta a lei sálica, e onde se fala repetidamente em *charrua*; depois, pelos nomes de povos cultivadores, assim como pelos nomes dos lugares de agricultura que César e Tácito nos transmitiram: *Batavi*, *Ubii*, *Cherusci*, *Marsaci*, *Mattiaci*, *Marsi*, *Reudigni*, etc.. Se elles tivessem compreendido estes nomes, não teriam dito que os germanos não eram agricultores" (pág. 249).

BIBLIOGRAFIA UTILIZADA

- ALBERTINI, Eugène — *L'Empire Romain*, Paris, Alcan, 1936; 2.ª edição revista e aumentada; 470 págs. e um mapa.
- ANDREES, *Allgemeiner Handatlas*, in 91 Haupt — und 86 Nebenkarten; 3.ª edição melhorada e aumentada, publicada pelo Geographischen Anstalt von Velhagen & Klasing in Leipzig, 1893.
- BESNIER, Maurice — *Lexique de Géographie ancienne*, Paris, Klincksieck, 1914; XX+893 págs.
- BOISSIER, Gaston — *Tacite*, Paris, Hachette, s. d.; 343 págs.
- BOUILLET, M. N. — *Dictionnaire universel d'Histoire et de Géographie*, Paris, Hachette, 1860; 6.ª edição correta e melhorada, aumentada de um novo suplemento; 1924+139 págs.
- CAMBRIDGE ANCIENT HISTORY, The — Edited by S. A. Cook, F. E. Adcock and M. P. Charlesworth; Cambridge, University Press, 1936, 12 vols.
- CARY, M. e WARMINGTON, E. — *Les explorateurs de l'Antiquité*, Paris, Payot, 1932; tradução francesa de Annette et Henri Colliq Delavaud, 347 págs., 15 cartas.
- CÉSAR, Cáo Júlio — *Bellum Gallicum*, texto latino e tradução francesa por L. A. Constans; Paris, "Les Belles Lettres", 1937, 2.ª edição, revista e correta, com notas; XXXIII+337 págs., 3 cartas, 2 vols.
Commentaires sur la guerre des Gaules, tradução sem texto latino; Paris, Ernest Flammarion, s. d.; 317 págs. e uma carta.
- DAHN, Felix — *História primitiva dos povos germânicos e romanos*, in *História Universal*, publicada sob a direção de G. Oncken; tradução portuguesa por F. X. da Silva Telles e M. M. d'Oliveira Ramos; Lisboa, Aillaud e Bertrand, s. d., 889 págs.
- DAREMBERG & SAGLIO — *Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines*, Paris, Hachette, s. d., 9 vols.
- DIODORO DA SICILIA, *Bibliothèque historique*, traduite du Grec, par Ferd. Hofer, Paris, Hachette, 1865; 2.ª edição, 4 vols.
- DUMEZIL, Georges — *Mythes et Dieux des Germains*, Paris, Ernest Leroux, 1939, 157 págs.
- DOTTIN, Georges — *Les anciens peuples de l'Europe*, Paris, Klincksieck, 1916, 302 págs.
- ENGELS, Friedrich — *L'Origine de la famille, de la propriété privée et de l'État*, tradução francesa por Bracke (A. M. Desrousseaux); Paris, Alfred Costes, 1931, 240 págs.
- ESTRABÃO — *Géographie*, traduction nouvelle par Amédée Tardieu; Paris, Hachette, 1886; 2.ª edição, 4 vols.
- FEBVRE, Lucien — *La Terre et l'évolution humaine*, Paris, Albin Michel, 1932, 472 págs.
- FREYTAG, Gustav — *Bilder aus der deutschen Vergangenheit*, Leipzig, Schlüter & Co., 1927, 4 vols.

- GAILLY DE TAURINES, Ch. — *Les légions de Varus*, Paris, Hachette, 1911; 314 págs., 8 gravuras fora do texto e uma carta.
- GANTIER, Victor — *La langue, les noms et le droit des anciens Germains*, Berlim, Hermann Paetel, 1901, 282 págs.
- GEFFROY, A. — *Rome et les Barbares, étude sur la "Germanie" de Tacite*, Paris, Didier & Cie., 1874; 2.ª edição, 436 págs.
- GREGORY, J. W. — "*The Story of the roads*", 2.ª edição revista e aumentada por J. C. Gregory. — Adam & Charles Black, Londres, 1938.
- GRIMM, Jacob — *Deutsche Mythologie*, herausgegeben von Edwin Redslob; Berlim, Max Schröder, s. d., 263 págs.
- HEYCK, Eduard — *Die Deutschen bis zur Mitte des 14. Jahrhunderts*, in 5.º vol. da *Weltgeschichte*, orientada por Hans Helmolt, publicada por Armin Tille; Leipzig, Bibliographisches Institut, 1920, 2.ª edição melhorada e aumentada, págs. 345-510.
- HOFMANN, Albert von — *Politische Geschichte der Deutschen*, 5 vol.; Berlim, Deutsche Verlags — Anstalt, 1921.
- HOFSTAETTER, Walther — *Deutschkunde, ein Buch von deutscher Art und Kunst*, mit 42 Tafeln und 2 Karten herausgegeben von W. Hofstaetter; Leipzig und Berlin, B. G. Teubner, 1929, 229 págs.
- HUBERT, Henri — *Les Celtes et l'expansion celtique jusqu'à l'époque de la Tène*, Paris, Albin Michel; 403 págs., 12 cartas, 43 figuras no texto e 4 fora do texto.
Les Celtes à l'époque de la Tène et la civilisation celtique, Paris, Albin Michel; 368 págs. e 3 cartas.
- JUBAINVILLE, H. d'Arbois de — *Les Celtes, depuis les temps les plus anciens jusqu'en l'an 100 avant notre ère*, Paris, Albert Fontemoing, 1904, 219 págs.
- JULLIAN, Camille — *Histoire de la Gaule*, Paris, Hachette, 1908-1909, 8 vols.
- KARSTEN, T. E. — *Les anciens Germains*, Paris, Payot, 1931; tradução de F. Mossé, 281 págs., 11 gravuras.
- LAMPRECHT, Karl — *Deutsche Geschichte*, Berlim, Weidmannsche Buchhandlung, 1912, 5.ª edição, 16 vols.
- LEYEN, Friedrich von der — *Einführung in das Gotische*, Munich, C. H. Beck'sche, 1908, 181 págs.
- LOT, Ferdinand — *Les invasions germaniques*, Paris, Payot, 1935, 336 págs.; *Les invasions Barbares*, Paris, Payot, 1937, 349 págs. e 16 cartas.
- LARENAUDIÈRE, M. — *Aperçu de la géographie ancienne*, in *Précis de Géographie universelle, physique, historique, politique, ancienne et moderne*, par Malte Brun. Paris, Furne & Cie., 1852, 4.ª edição.
- MEYER — *Konversations-Lexikon*, Leipzig, Bibliographisches Institut, 1885, 4.ª edição, vol. II.
- MOGK, Eugen — *Mitologia Nórdica*, tradução do alemão por Eustáqui Echauri, Barcelona, Editorial Labor, 1932, 178 págs., 12 pranchas fora do texto.
- MOHNSSEN, Theodor — *Histoire Romaine*, nova edição, tradução de De Guerle, Paris, E. Flammarion, s. d., 7 vols.
- MOSS, H. ST. L. B. — *La naissance du Moyen Âge*, tradução do inglês por M. R. Mourey. Paris, Payot, 1937, 355 págs., 12 cartas.
- NESFIELD, J. C. — *Aids to the study and composition of English*, Londres, M. A. Macmillan & Co., s. d.
- OLSEN, Dr. Orjan — *La conquête de la Terre*, Paris, Payot, 1933, tradução do norueguês por E. Guerre, 6 vols.

- PIGANIOL, André** — *La conquête Romaine*, Paris, Alcan, 1930, 2.ª edição revista e aumentada, 526 págs., 2 mapas.
- PFLUGK-HARTUNG, Dr. J. von** — *Weltgeschichte. Die Entwicklung der Menschheit in Staat und Gesellschaft, in Kultur und Geistesleben, sob a direção do dr. Pflugk-Hartung*. Berlin, Ullstein & Co., 1908, vol. intit. *Mittelalter*.
- PICHON, René** — *Histoire de la littérature latine*, Paris, Hachette, s. d., 986 págs.
- PIFFARD, Eugène** — *Les races et l'Histoire*, Paris, Albin Michel, 1932, 629 págs., 3 cartas.
- PLATNER, Carl** — *Gegen die Ansicht, dass die Sueven Slaven gewesen seien*, in *Zeitschrift für Ethnologie*, vol. 16, 1884, Berlin, Ascher & Co. págs. 93-100.
- C. PLINIUS SECUNDUS** — *Naturalis Historia*, texto latino e tradução francesa por E. Littré, Paris, J. J. Dubochet, Le Chevalier & Cie., 1850, 2 vols. com notas.
- PLUTARCO** — *Cáio Mário*, in vol. IV das *Vidas paralelas*, tradução revista e correta por D. Antonio Ranz Romanillos. Madri, Calpe, 1920, págs. 243-310.
- PAUL, Hermann** — *Grundriss der Germanischen Philologie*, publicada por Hermann Paul. Strasburg, Karl. J. Trübner, 1891, 3 vols.
- PUTZGER, F. W.** — *Historischer Schul-Atlas*, Bielefeld und Leipzig, Velhagen & Klasing, 1931. 50. Jubiläums-Auflage, bearbeitet und herausgegeben von Max Pehle und Hans Silberborth, ausgeführt in der Geographischen Anstalt von Velhagen & Klasing in Leipzig.
- REINACH, Salomon** — *Orpheus, histoire générale des religions*, Paris, Alcide Picard, 1914. Terceiro milheiro, 625 págs.
- SCHERER, Wilhelm** — *Geschichte der Deutschen Literatur*, Berlin, Knaur Nachf, s. d., 831 págs.
- SCHERR, Johannes** — *Germania, Zwei Jahrtausende deutschen Lebens*, neu herausgegeben und bis auf die Gegenwart fortgeführt von Hans Prutz. Stuttgart, Berlin, Leipzig, Union Deutsche Verlagsgesellschaft, 1905, 6.ª edição. 490 págs., 375 gravuras no texto e 50 pranchas fora do texto.
- SCHLENDER, J. H.** *Germanische Mythologie*, Dresden, Alexander Köhler, 1925, 4.ª edição melhorada, 275 págs.
- STACKE, L.** *Deutsche Geschichte*, Bielefeld und Leipzig, Velhagen & Klasing, 1880, 2.ª edição, 2 vols.
- TACITUS, Cornelius** — *Germânia*, texto latino e tradução portuguesa por D. José Maria Corrêa de Lacerda, Lisboa, Imprensa Nacional, 1842. Com notas.
- Germania, Agricola, Dialogue des Orateurs*, texto latino e tradução francesa por H. Goelzer, Paris, Les Belles Lettres, 206 págs., com notas.
- Oeuvres complètes*, texto e tradução francesa por M. Nisard, Paris, Firmin Didot & Cie., 1883, 568 págs. com notas.
- Germânia*, texto e tradução alemã pelo Dr. Eugen Fehle, Munich, J. F. Lehmanns, 1935, 2.ª edição melhorada, com 47 gravuras em 16 pranchas fora do texto e uma carta. Edição com notas e introdução pelo tradutor, XV+199 págs.
- Oeuvres complètes*, traduites en français avec une introduction et des notes par J. L. Burnouf. Paris, Hachette, 1865, 713 págs.
- Germânia*, tradução de Adolfo Casais Monteiro, Lisboa, editorial Inquérito, 1941, 69 págs. sem notas.

- TONNELAT, E. — *Mythologie germanique*, in *Mythologie générale*, sob a direção de F. Guiraud. Paris, Larousse, s. d., págs. 219-252.
- VELEIO PATÉRCULO — *Histoire Romaine*, texto latino e tradução francesa de Després, refundida cuidadosamente por M. Gréard. Paris, Garnier, s. d., XXIV+192 págs. com notas.
- VOLLMER, Dr. W. *Vollständiges Wörterbuch der Mythologie aller Nationen*, Stuttgart, Hoffmann'sche Verlags-Buchhandlung, 1836. 1558 págs e 128 quadros fora do texto.
- WEULE, Karl, — *Die geschichtliche Bedeutung des Atlantischen Ozeans*, in vol. VIII da *Helmolt's Weltgeschichte*, págs. 297-311.
- ZOEPFL, Friedrich — *Deutsche Kulturgeschichte*, Freiburg im Breisgau, Herder & Co., 1931, 2.ª edição melhorada, 2 vols.

I N D I C E

PREAMBULO	7
INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I	19
CAPÍTULO II	26
CAPÍTULO III	38
CAPÍTULO IV	73
CAPÍTULO V	88
CONCLUSÃO	95
APÊNDICE I	98
APÊNDICE II	102
BIBLIOGRAFIA	104

BOLETINS PUBLICADOS PELA CADEIRA DE HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO ANTIGA E MEDIEVAL

N.º 1 — A Piccarolo — Augusto e seu século — 1939.

N.º 2 — Estudos ibero-atlânticos — 1940

a) E. Simões de Paula — *Tartesso e a rota do estanho.*

b) Jean Gagé — *Gades, as navegações atlânticas e a rota das Índias na Antiguidade.*

c) Jean Gagé — *Notas acerca das origens e do nome da antiga cidade de Volubilis (Mauritânia Tingitana).*

d) Astrogildo Rodrigues de Mello — *O comércio europeu nos séculos XV e XVI e o florescimento de Espanha e Portugal.*

N.º 3 — E. Simões de Paula — *O comércio varegue e o grão-principado de Kiev.* — 1942.

N.º 4 — E. Simões de Paula — *Marrocos e suas relações com a Ibéria na Antiguidade.* — 1946

A CADEIRA DE HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO ANTIGA E MEDIEVAL

pede e agradece a remessa de suas publicações.
vous prie de lui envoyer vos publications.
shall be glad to receive your publications.
bittet Sie um Zusendung Ihrer Veröffentlichungen.
le agradecerá el envío de sus publicaciones.

Cadeira de História da Civilização
Antiga e Medieval

Faculdade de Filosofia, Ciências e
Letras da Universidade de São
Paulo.

Caixa Postal 105-B.
São Paulo (Brasil).

